1, 551/B

FRANCISCO, de Santo Luiz

P. C. 35. 17836

Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
Wellcome Library

https://archive.org/details/b29325833_0005

F. L. Bolelho lit.

Off. de M. A. r. do Crucefix.

D. JOÃO DE CASTRO.

OS
PORTUGUEZES
EM
AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA.

VOLUME V.

LISBOA:
Typographia de Borges, Rua da Oliveira (ao Carmo) N.º 65.

1849.

17836

WELLCOME
HISTORICAL
MEDICAL
LIBRARY

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA

CAPITULO I.

ANNO DE 1545.

El-Rei D. João III., sob proposta do Infante D. Luiz, nomêa a D. João de Castro Governador Geral da India. E' elle mesmo encarregado de aprestar uma armada de seis Náos grandes e bem equipadas; a qual sai do porto de Lisboa em Março d'este anno. Chega o novo Governador a Moçambique; e d'ahi escreve a El-Rei, mandando-lhe annunciar o descobrimento da bahia e rios de Lourenço Marques, e remettendo-lhe o desenho da fortaleza de Moçambique, com varias notas sobre ella. Parte depois para Gôa; seu recebimento alli.

Estado em que achou o Governo; e primeiras medidas governativas que poz em pratica.

Tendo Martim Affonso de Souza acabado o seu tempo da governança da India, e pedindo com repetidas instancias um successor, porque as couzas do Oriente estavão um pouco declinádas em consequencia de varios accidentes, e não queria que algum desar da guerra lhe murchasse a gloria adquirida por seus feitos; começou El-Rei a buscar pessoa habilitada para um cargo de tanta importancia. Differentes individuos se apresentaram a El-Rei para este grande negocio, uns que pela antiguidade do sangue, ainda que não fossem benemeritos, costumavão ser herdeiros dos lugares maiores (*); outros de nascimento humilde, mas illustres por seus merecimentos pessoaes. Mas para um posto de tanta authoridade, nem bastava valor e merito plebeu, nem qualidades ou nobreza sem merito pessoal.

Por estas consideraçõs, estando El-Rei irresoluto na escolha de individuo a quem podesse fiar o pêso de tão grande governo, consultou a este respeito o Infante D. Luiz; o qual lhe significou o conceito que fazia das qualidades que adornavão a D. João de Castro, e que o unico defeito de que o arguião era de muito altivo e retirado, por não pedir mercês nem cortejar ministros; mas este defeito vinha a ser melhor do que as virtudes de muitos outros. Concluindo finalmente o Infante, que, a não ser D. João de Castro, não se recordava d'outro, que pudesse conservar a disciplina da

(*) Tyrania de reinar que inventou a nobreza,

primitiva India; pois que era homem que desprezava todos os premios da terra e toda a qualidade de interesses; que posto ser affeiçoado particularmente a D. João de Castro em virtude das qualidades que nelle devisava, comtudo o era tão livremente, que amaria seus merecimentos, ainda separados do sujeito em qualquer outro homem.

A opinião do Infante tinha grande credito para El-Rei, e vendo que elle avaliava as cousas de D. João de Castro com zêlo de Principe e noticias de amigo, aprovou inteiramente a sua inculca; logo mandou chamar a D. João de Castro a E'vora onde tinha sua Côrte, e recebendo-o em uma audiencia publica lhe fez a seguinte falla: «Andei es-«tes dias cuidadoso em buscar varão que governasse o Es-«tado da India, e não duvidava podêl-o achar na familia «dos Castros, de cujo tronco os senhores Reis meus ante-«cessores tiraram sempre Generaes para os exercitos, Re-«gentes para os povos; assi me prometto, que de tão va-«lerosa raiz não póde degenerar o fruto; mórmente se me-«dir as futuras acções pelas passadas, as quaes vos tem dado «justo nome na opinião do Reino, e estimação na mi-«nha; pelo que confiadamente vos encommendo o governo «da India, aonde espero procedais de maneira, que possa «dar vossas acções por Regimento aos que vos succederem.»

Então D. João de Castro beijou a mão a El-Rei, mais reconhecido pela honra que acabava de receber, do que ao officio; e estimando ao mesmo tempo o não haver dilligenciado tão grande cargo. Houve depois na Côrte alguma opposição a esta eleição, fazendo-a alguns por inveja, e outros por habito de a tudo se oppôrem; tanto ssim que lhe notaram até excessos em certas virtudes que elle possuia, e em que lhe não podião arguir faltas. Foi porém geralmente tão bem acceita a escolha, pelo maior numero e pelos melhores individuos, que El-Rei ficou muitissimo allegre por ter achado um homem feito á vontade de todos.

Já no dia cinco de Janeiro de mil oitocentos e quarenta e cinco, estava D. João de Castro nomeado para Governador Geral da India; porque foi nesta data que se lhe expediu o Regimento, (*) porque devia dirigir-se no apparelhar, e prover de gente e mantimentos os navios da armada; e mandando-lhe mesmo El-Rei despachos, ordenando que todo o apresto corresse por suas mãos unicamente. (**)

(*) (**) Transcrevemos o Regimento em carta de El-Rei a D. João de Castro; bem como algumas mais importantes, das trinta e tantas cartas, que El-Rei e a Rainha lhe escreveram sobre particularidades da armada, em quanto esta não sahiu do porto de Lisboa. Estes documentos confirmão a inteira confiança que o Rei tinha na intelligencia, zêlo, e mais virtudes de tão insigne varão; e como entregou ao seu cuidado, e até em parte, ao seu arbitrio, a primeira e principal parte das disposições necessarias ao meneio e prompta expedição d'aquella viagem. Semelhantes peças, hão-de ser devidamente apreciadas por todas as pessoas judiciosas e eruditas. Os documentos que se seguem, são os que dizem respeito a este lugar; (mais adiante hiremos apresentando outros, que servirão tambem para esclarecer varios outros pontos d'esta obra).

=D. Joham. Como a principal causa das que tocam á armada da India, em que aueis de ir, he partir cedo, conuêm que no aparelhar e carreguar das naaos da dita armada se ponha muyta deligencia, fazendo-se porêm tudo de maneira, que vam todas aparelhadas, como pera sua viagem he necesario, e se carreguem sem aver emlleyo nos offeciaes: e pera se isto milhor poder fazer tereis cuidado, como fordes em lixboa, de hirdes todollos dias pelas menhãs ao allmazem de guinee e imdias, onde se ajumtarão comvosco pero afonso daguiar, e os offeciaes do dito allmazem, e praticareis com elles em tudo o que ouuer pera fazer no aparelhar, e aperceber das ditas naaos. E as tardes dos mesmos dias ireis todas aa casa da imdia e mina, e com o feitor e offeciaes della fallareis no que cumprir pera despacho da dita armada, quo a seus carguos tocar; porque ey por bem que asy na dita casa, como

nos allmazẽs se faça e dee a eixecução todallas cousas ordinarias, que vós com os offeciaes de cada hũua das ditas casas, que niso emtenderem, fizerdes, e ordenardes: e tambem quero que se dêm a eixecução as outras cousas, em que com elles asentardes que ordinarias não forem, fazemdo-se dellas primeiro asemto, e da determinação, que niso tomardes, asynado per vós, e pelo dito feitor e offeciaes da casa da imdia, que se acharem presemtes, sendo na dita casa; e se fôr no allmazem, seraa o tal asemto asynado per vós, e pelo dito pero afonso daguiar com os offeciaes delle, que se hy acharem, pelo mesmo modo, em que mando que se faça na casa da imdia.

It. tereis lembrança que a jemte, que ouuer de ir na dita armada da imdia, se comece a asemtar na dita casa ao primeiro dia do mes de feuereiro, que ora vem; e vós sereis sempre presemte ao asemtar della, porque se não posa asemtar pesoa sem voso comsentimento, e a primeiro verdes, e se se ha niso a ordem que se teve nestas armadas pasadas. E ho em que ouuer duuida no asemtar da dita gemte, se faraa, como vos melhor, e mais meu seruiço parecer, e procurareis porque se tudo faça com a mais prouisão que pode ser.

It. tanto que chegardes aa dita cidade, sabereis se estão prouidas todallas naaos, que na dita armada am de ir, de mestres, e se sam taaes como conuêm, e são necesarios pera tall viagem, e se fallecerem allgũus, prouelloseis loguo com o proueedor e offeciaes do allmazem, como vos bem parecer, ouuindo primeiro os que tiuerem minhas prouisões, se allgũus per ellas forem prouidos dos mestrados das ditas naaos, pera lhes ser feito justiça.

It. porque ha allgũus pillotos, a que tenho pasado minhas prouisões de pillotajẽs de naaos de carreira pera a imdia, ey por meu seruiço, que aos conhecidos no dito allmazem se mande dele noteficar, que aprezentem as prouisões que tiuerem, as quaes vós vereis com o dito proueedor, e offeciaes do allmazem, e sabereis dos

mais pilotos que ouuer, autos, e sofficiemtes pera a viagem, e ordenareis, que siruão nesta armada os que vos parecer meu seruiço, guardando rezão e justiça aos que a tiuerem: e se os armadores das naaos pera a imdia, ou algũus delles por sua parte alleguarem contra iso allgũua cousa, serão ouuidos, e guardar se lhes ha justiça, cumprindo-se niso as prouisões, que tenho pasadas, sobre o moodo que quero que se tenha no prouer das ditas pillotajes.

Ey por bem, que vós ordeneis dos guardas da casa da imdia e mina os que deuem destar nas ditas naaos, com parecer de Joam de Barros feitor della, e asy de vasco fernamdes cesar guarda moor: e com elles ambos escolhereis dos criados meus, que ha na dita cidade, os que forem necessarios pera estarem nas ditas naaos por guardas com os da casa, e serão dos que mais autos e comuinientes vos pera iso parecerem: e a hũus e outros mandareis notefficar de como na imdia, tamto que as naaos com a ajuda de noso senhor laa chegarem, aueis de mandar tirar devasa, pelas pesoas que nellas forem, das mercadorias, que sem minha licemça se caa embarcarão, não sendo dos tratadores, e das que suas forem, sendo defesas: da qual deuasa aueis de mandar nas mesmas naaos o trelado, per vyas, á minha fazemda, onde se am de ver, pera se mandar fazer muy inteiramente eixecução nos que se acharem cullpados; e pera o milhor saberem, e terem vigya no modo de como me am de seruir de guardas nas ditas naaos, lhes declarareis o que dito he per escriptos, que mandareis fazer, asynados per vós, de que se poraa hũu delles em cada naao ao pee do masto.

Mandareis saber aos fornos de valldezeuro, do prouedor e offeciaes delles, quanto biscouto ha, e triguo, pera se aver de laurar, e a que tempo poderaa ser feito todo o biscouto necesario pera a dita armada.

As mais cousas, que pera prouimento da armada ha pera fa-

zer, se não declararão aquy, porque ainda estas, pera vós, se poderam escusar, visto cambem sabeis o que comuêm pera bom auiamento da armada, e quanto aueis de follguar de neste negocio, e em todos, me seruir. E por iso abasta o cuidado que sey, que vós aueis de ter, e de caa vos irão as lembranças de quallquer cousa, que se oferecer de nouo, de que deuaes de ser auisado, e vós as fareis tanbem de laa, per cartas vosas, do que vos parecer que cumpre. Pero amrriques o fez em euora, aos cinco dias de Janeiro de mil quinhentos e quarenta e cinco. «Rey»
(*No fundo da pagina*) O Conde — Pera dom Joam de castro.

Dom Joam de castro amiguo: eu elrey vos emuio muito saudar. O comde da castanheira me deu conta do que lhe voos e pero afonso daguiar escreuestes; e ao dito pero afonso mamdo, que se faça ácerca dos mestres e pillotos da armada da ymdia, e das cousas que nella hão de yr, o que vos pareceo, que se deuia de fazer. E porque tudo se ha de fazer comvosco, como tenho mandado, e compre tamto c aviamento desa armada, vos emcomemdo, que precureis porque todos dêm tall presa a yso, como sey que a voos aueis de daar ao que vos tocar. Bertollameu froez a fez em evora a XVII de janeiro de 545 «Rey»
(*No fundo*) O conde — Pera dom Joam de castro.
(*Sobrescrito*) Por elRey — A Dom Joam de castro, do seu conselho, que ora emuia por gouernador da ymdia.

Dom Joham, eu a Rainha vos enuio muito saudar. Elrey meu senhor me fez mercê que eu podesse mandar nesta armada, que nosso senhor leue e traga a saluamento, oyto pipas de vinho, forras, pera se veaderem na India, e o dinheiro, que se nelas fizer,

se empregar la em mercadorias, que nam sejam defesas, as quaes mercadorias outro sy nam pagem direitos; por que o proueito que se nisso fizer he pera ajuda das obras do moesteiro de nossa senhora da asumpção da minha cidade de faram. E mando francisco mendez da costa meu moço da camara que compre as ditas oyto pipas de vinho, e as meta na vossa naao; porque por a cousa ser da calidade que he, e eu saber com quanto gosto e contentamento vós fazeis as semelhantes; além do desejo, que sey que tendes, pera em tudo me comprazer e seruir, não quis nisto encarregar a ontrem, senão a vós: e vos encomendo muito, que por seruiço de nossa senhora, em cuja casa se ha de gastar o proueito, que nisso se fizer, e por meu respeito, queirais tomar o carrego de leuar esta mercadoria, e mandar fazer a venda, e emprego dela; e espero em nosso senhor que tambem vos caberá parte do ganho, que será leuaruos a saluamento, e com saude, como eu desejo. E não ey per necesario encarregaruos mais este negocio; sómente vos encomendo que o emprego, que sey certo, que será muy bem feito, e nas milhores e mais proueitosas mercadorias que ouuer, venha entrege e encarregado per vós a tal pessoa, que o traga a todo bõo recado, e dee disso boa conta. Pero fernandes a fez em euora a XXIII dias de Janeiro de 1545

«Raynha»

Pera dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por a Rainha — A dom Joham de castro fidalgo da casa delrey seu senhor. &c.

Dom Jo. de crastro, amiguo: eu elrey vos emvyo muito saudar. Pela carta que me escreuestes de XXIIII deste mes de Janeiro e pelo que ja tinha sabido pelo comde da castanheira, vejo com quanto cuydado e delligemcia me seruis na cargua e apercebimento desa armada, que he muy comforme á comfiamça que em vós tenho; he pera como os dias pasados foram fortes,

hé nyso feito tudo ho que se podia e deuya fazer : e espero em deos que, segumdo a boa ordem, e aviamento que lhe temdes dado, e daes, damdo ho tempo lugar, seja prestes pera poder partir até dez de março, como em vosa carta dezês.

Hos aluarás meus, que dizès que vos laa apresemtam pera nesa armada se dar embarcaçaõ a cristaõs novos, pasalos-ya por me darem emformações incertas; porque mynha temçaão nam he yrem elles ha ymdia; pello que ey por bem, que nam cumpraes nenhũn dos ditos aluaras, asi os que vos ja tiuerem apresemtados, como os que daquy em diamte apresemtarem; porque por muitas rezões ey por muy gramde ymcomvinyente yrem os ditos cristaõs novos á india.

Quanto aos guardas que la prouestes pera estarem nesas naãos ey por certo, que pois os vós pera yso escolhestes, seram taes como compre a meu seruyço. Da ordem que lembraes que se deue ter cos mestres e pilotos que amdam na carreira da imdia se terá lembramça pera ao diamte; he o mais que escreuès que fezestes ey por muy bem feito. Amdre soares a fez em euora a XXXI de janeiro de 545. «Rey»

(*No fundo*) Resposta a dom Jo. de crasto.

(*No sobrescrito*) Por ellrey — a dom Jo. de crasto do seu comselho.

Dom Joam de castro amigo: eu elrey vos emvio muito saudar. Eu tinha ordenado que se asentasem mill homẽs pera ir aa índia nesta armada: e ora ey por meu seruiço que se não asentem mais que oito centos porque são emformado que senpre em todas as armadas vão mais homẽs dos que se asentão; por omde parece que com os que nesta armada ouuerem dir aalem dos asemtados se perfará o numero dos ditos myll, que tinha ordenado que fosem, ou pouquo menos. Por tamto vos emcomendo e mando que

não façaes asentar em solldo mais que os ditos oitocentos homẽs. Manuel de moura a fez em evora a cinco dias de feuereiro de 545 «Rey»

(*No fundo da pagina*) Conde —

Pera dom Jo. de castro.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom Jo. de costro do seu conselho, que ora vay por capitão mor e gouernador aas partes da india.

Dom Joham: eu elrey vos ennio muito saudar. Mestre pero fernandez meu capelam e prégador, que vos esta dará, vay por meu mandado aa india prouido do dayado da see aa cidade de goa, onde espero, que com suas letras, pregações, e bõo exemplo nosso senhor seja dele bem seruido, e o pouo edificado: e porque he mal desposto, e pera sua saude conuem que va bem agasalhado, vos encomendo muito, que na vossa naao lhe façais dar gasalhado conueniente, e apartado, em que bem possa hir e leuar seus liuros, e nisso e em tudo seja de vós fauorecido e bem tractado como he rezam, e elle por sua virtude merece, avendo por certo que me fareis nisso prazer e volo agradecerey muito. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de feuereiro de 1545 «Rey»

(*No fundo*) Pera dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom Joham de crastro, fidalguo de sua casa.

Dom Joham amiguo: eu elrey vos enuio muito saudar. Porque como sabeis rex xaraffo antes que se parta de guoa ha de mandar a estes reynos seu filho mais velho, e me pedio que vos encomendasse sua embarcação e gasalhado, vos encomendo muito que pera o dito seu filho e pera seus criados e pessoas, que consiguo trouxer, mandeis dar a embarcação e gasalhado necesa-

rio, e em tudo receba de vós todo ffavor e bõo tratamento, porque me prazerá disso muito e volo agradecerey. Pero fernandez a fez em evora a XII dias de março de 1545 «Rey»
(*No fundo*) Pera dom Joham de castro.
(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom Joham de castro, do seu conselho, e seu capitão-moor, e gouernador nas partes da india.

Dom Jo. amigo: eu elrey vos enuio muito saudar. Elrey dormuz me enuiou pedir por seus apontamentos que quizesse prouer nestas cousas abaixo contiudas, nas quaes vos encomendo que prouejais, e façais o que ao pee de cada hũ dos capitulos desta carta he declarado.

It. primeiramente que mandasse a rex mamude guazil de barem, e a rex badardim guazil de julfar, e aos outros guazis, que lhe desem conta, por aver ja muito tempo, que lha não dauão. Encomendouos que mandeis loguo aos ditos guazis que lhe dem conta de todo o tempo, que tem seruido, e lha não tem dada.

E que mandasse ao capitão do mar dormuz, que não escandalizasse, nem agrauasse as naaos dos mercadores, nem a jente da costa da arabia, nem fizesse costumes nouos: e que não inuernasem pela dita costa nenhũs portugueses, pelo muito dano, que fazião na terra. Encomendouos muito que vos enformeis dos agrauos que pelos ditos capitãis se fazem aas ditas naaos e mercadores e na dita costa, e asy pelos que na dita costa inuernão, e achando que nisso se faz o que não deue, o prouejaes, como vos parecer que cumpre a meu serviço.

E que o alcaide do mar não fizesse asimesmo costumes nouos, como ora fazia, nem leuasse de seu officio mais que o que lhe era ordenado per seu regimento. Tomay disto enformação, e manday que asy se faça, e a quem o contrario fizer ou tiuer feito, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que meus capitãis não podesem degradar seus criados, escrauos, e seruidores pera fora da dita cidade dormuz, como ora o faziam pelo avexar, e que quando os ditos seus criados, escrauos, e seruidores fizessem o que não deuessem, lho fizessem saber a ele, e ele os castigaria segundo o merecesem. Nisto manday que se cumpra e guarde inteiramente o que pelo asento e contrataçam das pases for asentado.

E que os ditos meus capitãis e ouuidores dormuz nom determinasem as demandas, que os mouros, judeus, e jentios tiuesem hũus com os outros, saluo com sua licença, e comissam e que o meirinho não fizesse nouidades. Nisto das demandas manday que se faça e cumpra o que pela dita contrataçam for asentado: e o meirinho, que fizer o que não deue, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que os ditos capitãis, nem outros algũs officiais xpãos, nem mouros, que tiuerem mando e jurdiçam na cidade, nom lançasem pedido, nem pedissem emprestimo aos mercadores, nem moradores mouros, judeus, nem jentios, asy naturaes como estrangeiros, nem lhes podesem mandar tomar ninhũs mantimentos, nem mercadorias contra suas vontades, como ora se fazia, nem defendesem que não vendesem suas mercadorias a quem quizesem. Isto ey por bem, e vos mando que logo defendais, e mandeis que se nem faça.

E que os ditos capitãis dormus não tiuesem feitores em baçora, nem em julfar, nem em outro algũu lugar do dito reyno dormuz, nem outro algũu meu official, porque se segiam disso muitos inconuenientes. Disto vos encomendo que tomeis informação, e o prouejais, como vos parecer meu seruiço. E de tudo o que em cada hũu destas cousas achardes e prouerdes, me escreuereis compridamente. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de março de 1545 «Rey»

(No fundo) Pera dom Joham de castro.

(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de castro do seu conselho, e seu capitão moor e gouernador das partes da india.

El-Rei mandou logo despachos a D. João de Castro para elle aprestar a armada, a qual se apromptou brevemente sem violencia, nem queixa dos pequenos: constava esta armada de seis Náos grandes em que embarcaram dois mil homens de soldo. Os Capitães eram D. Jeronymo de Menezes, filho e herdeiro de D. Henrique, irmão do Marquez de Villa Real; Jorge Cabral; D. Menuel da Silveira; Simão de Andrade; e Diogo Rebello.

Em Março de 1545 dasaferou de Lisboa a armada, e seguindo sua viagem surgiram todas as Náos em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos D. Alvaro, e D. Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavam, impedindo-lhe juntamente a puresa dos ares em damno da saude. Communicou este negocio com as pessoas que d'esta arte tinham alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos pareceram os erros da fortificação notados com juiso. Succedeu logo a execução ao conselho, e escolhido o sitio conveniente, determinou materiaes e mestres para a nova defensa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos á volta dos peões acarretavam as pedras: umas que serviam á lisonja, outras ao edificio.

De Moçambique escreveo D. João de Castro a El-Rei, annunciando-lhe o recente descobrimento da bahia, e rios, que do seu descobridor se ficaram chamando de *Lourenço Marques*. O principal rio tinha a sua entrada no mar, segundo as cartas portuguezas, a 25° e 15' lat. sul. As car-

tas modernas demarcão a bahia a 26° na costa oriental de Africa.

El-Rei respondendo a D. João de Castro no anno seguinte de 1546 (*), recommendava a continuação do mesmo descobrimento.

(*) Transcrevemos a reposta d'El-Rei na sua intrega por nos parecer o seu conteudo d'importancia para a Historia:

Dom Joam de castro Amiguo. Eu elrrey vos emuio mnito saudar, Per bernaldo nacere capitão da naao de garcia de saa que chegou aquy no mes de feuereiro pasado receby a carta que me escreuestes de moçambique: e dou muytas graaças a noso senhor da boa viagem que leuastes, de que folguey de me dardes comta tão particularmente: e por muy certo tenho que apos nosso senhor ser seruido de vola asy daar foy muyta parte de asy ser o bom cuidado e vegya, que terieis em todo o caminho, do que comprise a boa nauegação dele, espero em noso senhor que jaa agora esteis na ymdia a saluamento, como desejo, com todas as naaos de vosa companhia: e desapronueme muyto de dioguo rabelo não passar.

Folguey muyto de ver o debuxo que me emuiastes da fortaleza de moçambique, e vinha muy bem declarado como era necesareo pera se poder emtemder: e do sytio ter tão boa desposição pera se fortificar recebo comtemtamento; e porque he cousa tão ymportante deueis loguo de ordenar como se faça pela maneira do debuxo que vos aquy emuyo, que caa mamdey fazer a mygel da arruda, por ser tão pratico nestas cousas como sabeis: e quamto mais breuemente esta oobra for feita, tamto mais meu seruiço será; porque estamdo asy estaa a muy gramde perigo e não se pode descamsar niso.

Quamto ao topir daquele canal que no debuxo vem apontado, podemdo-se fazer aucloya por cousa de muyto meu seruiço: e pos-

toque a deficuldade de aver aly pouca pedra pera se fazer seja gramde, todauya não poode ser a mimgoa dela tamanha, que falte a que for necesaria pera se fazer: pelo que vos imcomemdo muyto que ordeneis loguo como se faça e o moodo que niso se tenha, e escreueloeis de minha parte ao capitão, e sobre isto vos escrevo por outra carta da qual vsareys.

Do descobrimento daqueles rios que fez Louremço marques folgey de saber, e parece que será cousa muy ymportante e necesaria acabarse bem de saber, pelo que vos emcomemdo muyto que ordeneis loguo mamdar da ymdia pera yso hũu nauyo ou fusta, qual vos parecer maes comueniemte: e pela emformaçam e pratica que jaa disto tem louremço marquez me parece meu serviço emcarregardelo desta viagem, ao qual dareis regimemto muy particular de tudo o que faça e precure de saber. E parecemdo-uos bem leuar ele no dito nauyo algũas mercadorias, como parece que será necesario, será bem mamdardeslhas, com as quaes ele poderá milhor resgatar as da terra, e saber verdadeiramente as que haa nela. E do que se nisto fizer me avisarês. E posto que vos diga que mandeys a isto Lourenço marquez, não o encaregareys diso, senam parecendo vos que he tam suficiente pera iso que podereys escusar de mamdar a iso outra pesoa.

Do falecimento do doutor francisco de maarys me desaprouue muito, e este anno quisera loguo de caa mamdar outra pesoa que seruise o carreguo que leuaua, e por ser muyto tarde não ouue tempo pera iso, pera o ano, deos queremdo, a emuiarey, e emtretamto deueis descolher laa algũa pesoa que sirua atee eu de caa prouer, a qual deue de ser a que comuêm pera tal carrego. Sua molher e filhos vos emcomemdo muito, e eu terey dela e deles lembramça pera o ano que vem.

O homem que destes a bernaldo nacere pera vir com ele pela pratica que tinha desta costa, e ser necesario pelo tempo em que a vinha demamdar, foy muy bem feyto, e o ouue por meu seruiço.

Pelas naaos do anno pasado de que veyo por capitão fernão perez que caa chegarão todas a saluamemto, louuores a noso senhor, soube as nouas da uimda da armada dos castelhanos a maluuco e o que com eles dom Jorge de crasto pasou, de que creo que terês avido larga emformação. E posto que loguo emtão me parecese que martim afomso proueria niso como comprise a meu seruiço e que seria jaa feito, todauya ouue por bem pelo negocio ser da calidade que hee e ser necesario prouerse nele comforme ao que compria a meu seruiço, de vos avisar do que niso fizeseis. E mamdey fazer prestes hũu nauyo pera vos leuar este recado com tamta breuidade como compria e asy se fez e partio em dezembro, e pelo tempo lhe ser comtrario tornou a arribar e tomou o porto de lixboa e por ser jaa muyto tarde pera tornar a partir e parecer aas pesoas praticas nas cousas do maar que era o tempo passado de sua nauegação e que partimdo emtão jaa não poderia ser mais cedo na ymdia que quamdo as naaos chegasem, o mamdey desarmar, e pareceo-me por esta razão que seria milhor escreueruos pelas naaos. E postoque este caso de maluco e dos castelhanos laa yrem comtra forma do comtrato que amtre my e o emperador meu yrmão he feito sobre yso, e o moodo que eles niso tiuerão fose tudo pera eu diso receber tão gramde descomtentamento como o tenho, e fosem dinos de gramde castiguo, todauya pelo gramde amor que amtre o emperador e my haa, e por outras razões muy gramdes pareceo me bem fazer-lho saber, e mamdar lhe, posto que pelo dito comtrato eu não fose obrigado a o fazer, pedir que os mamdase loguo vir: e ele me mamdou respomder por meu embaixador, quamto semtia o que seus vasallos fizeram, e que com todo o castiguo, que lhes eu mandase daar receberia ello gramde comtemtamento, e outras palauras comformes aas razões e obrigações que amte nos haa: e mamdou-me a prouisão que com esta vos emuyo, pela qual lhe mamda que loguo se sayam e o moodo em que se lhe apresemtaria o comtrato e a prouisão do emperador compria saberse a hordem que niso se deuya de guardar, mamdey fazer diso a ymstrução que vos com esta emuyo

a quall aueis de mamdar com o dito comtrato que asy mesmo vos mamdo e com a prouisão do emperador ao capitão que ao tall tempo estiuer na dita fortaleza e asy a carta que lhe escreuo. E lhe emcomemdareis e mamdareis de minha parte que em tudo cumpra e guarde a dita ymstrução comforme ao que nela vay apomtado e declarado se faça a dita deligemcia: e na dita carta que lhe asy escreuo lhe mamdo que quando o dito capitão e gemte se não quiserem sayr das ditas terras e maares depois de feytos os requerimentos que na dita ymstrução vão declarados; que feytos os ditos requerimentos e respomdemdolhe que se não am de sayr, ou não se sayndo, e dillatamdo sua sayda mais do tempo que lhe per ele for asynado, faça diso com hũu escriuão ou escriuães termo e auto e lhe requeira que se dem aa prisão; e não se queremdo daar premda o dito capitão e toda sua gemte: e faça escreuer todas suas fazendas, naaos, nauyos, e artelharia e quaesquer cousas que lhe achar, e de tudo faça ymuemtairo e o socreste e ponha a recado pera ácerca diso se fazer o que for justiça: e defemdemdo se ou pondo se em fugida em maneira que se não queirão daar aa prisão, nem os ele poosa premder, vse em todo com eles da minha ordenação no 5.º liuro, no titulo dos que resistem eu desobedecem a qualquer ofeciall de minha justiça, no capitulo que começa «outro sy determynamos que quamdo algũa pesoa» &c., cujo trelado vos emuye asynado por pero dalcaçoua. E que tamto que os teuer presos volos emuye presos e a bom recado, como lhe parecer que hiraõ mais seguros, com os trelados de todos os autos que diso forem feytos, os quaes voos ouuireis e farês niso o que for justiça, guardamdo em tudo a forma do dito comtrato. E semdo caso que allgũus deles ou por serem meuores, ou por quaesquer outras razões não sejaõ julgados a pena que lhe daa o comtrato, tereis lembramça que a estes taaes não comsymtaes virem a estes reinos: e tereis gramde recado que não posão vir nas naaos escomdidos, porque seria gramde ymcomuenyemte a meu seruiço virem caa.

Semdo caso que o capitão e toda a jemte obedeça ao comtra-

to e aa prouisão do emperador, e se veuhão como nela se declara, e requeresem que se queriaô vyr pela ymdia escreverias e mamdarês de minha parte ao dito meu capitão que os deixe vyr em seus navyos atee a ymdia: e da hy pera caa lhes mamdareis daar nas naaos embarcação, porque será mais meu seruiço virem nelas que nos seus nauyos: e quamdo ymsistisem em virem neles e nâo quisesem vir nas naaos, e voos com todas as boas maneiras e com comsemtimento seu nâo podeseis atalhar que nâo vyesem nos ditos seus nauyos, emtão os deixarâs vir neles.

Porque este negocio hee de tamanha ymportamcia como vedes, e comvêm prouer nele com muyta breuidade averey por meu seruiço mandardes com ele hũa pesoa de muyto recado e comfiamçà a qual posa ajudar ao dito capitão e emtemder no que comprise pera bem do negocio; e nâo avemdo algũa embarcação em que loguo a podeses emuyar, deueis despachar hũu nauyo a ysto sómente: e ao capitão aveis de mamdar a carta minha que lhe escreuo e o comtrato e a prouisão do emperador e asy a emformação do moodo que hade ter nos requerimemtos que haa de fazer aos ditos castelhanos.

Os dias pasados me escreueo o meu feitor em framdes como per cartas de alexamdria e costamtinopla que vierão a mercadores se afirmaua que o turquo armaua este anno pera a ymdia, e mamdaua a suez cimcoemta ou sasemta galés lauradas e acertadas pera reformar as ontras que laa tinha, e fazer mais groosa armada. Dy a algũus dias me escreueo tambem dom gylleanes da costa meu embaixador que resyde com o emperador meu yrmão, que o embaixador de veneza tinha aviso damdrinopoly que em costamtinopla se carregauão naaos de linhame, ferramenta, e artelharia pera alexamdria e se dizia que ordenauão sasemta galés e fustas pera a ymdia: E depois me tornou ele mesmo a escreuer que em todos os avisos que o emperador meu yrmão tinha do turquo, se não falaua em ele armar pera a ymdia, e que segumdo os ympidimemtos que tinha com os Jorgianos, e sospeitas de seu filho o

mayor, se podia esperar que não emtemderia niso. E porque o caso hee de tão gramde ymportamcia que nenhũa cousa sè poode aver nele por certa, nem he razão que se descamse sobre yso, ouue por meu seruiço avisarvos de todas as nouas que tenho, asy como as tenho, cremdo que por laa terês voos tambem cuidado e gramde deligemcia de saber allgũa certeza delas: e postoque aas que eu caa podia daar mais credito fosem as do turquo não armar porque estas atee agora se hão por mais verdadeiras, e porque amtre ele e my se trata o negocio da paaz por esas partes, no quall emtemdia duarte catanho, e por covsas que socederão não ouue por meu seruiço que ele mais emtemdese nelas, e mandey a yso gaspar palha do quall comfio que niso me seruirá muy ymteiramente, e espero com ajuda de noso senhor que averá nele boa concrusão, e que a paaz averá efecto comforme ao que comuêm a meu seruiço e ao bem dellas: todavya em tamanha cousa tudo hee razão que se olhe, e por yso e tambem pela emformação que tiue das pesoas que este anno vierão da pouca gemte que ficaua na ymdia me pareceo meu seruiço mamdar agora nestas naaos mill e seiscemtos homẽs, com os quaes ymdo a saluamento, como espero em noso senhor que seja, e com a gemte que laa estaa, pareceo ás mesmas pesoas com que o pratiqney que estaua bem provido pera qualquer caso que sobrevyese da vimda dos rumes, o que noso senhor defemda.

Por miguel vaaz, e por carta de mestre framcisco e por outras soube quamta gemte nesas partes he comvertida e se comuerte aa nosa samta fee catolica pelas quaes nouas dou muytas graaças a noso senhor e recebo com elas tamto comtemtamemto que de nenhũa outra cousa o poderei receber mayor: e espero em noso senhor que pois hee seruido de nesas partes tamto se estemder seu nome e acrecentar a sua fee que ele terá especiall cuidado da sostemtação e defemsão dellas. E porque a oobra he tam gramde e noso senhor vay mostramdo que cada vez será mayor, e avera mais que fazer vemdo que os que nela agora entemdem são muy poucos; por esta razão e tambem porque o bispo se hade vir como vos es-

creuo por outra carta, pareceo-me bem tornar a mamdar a esas partes miguel vaaz ao qual o bispo cometeo seu poder e jurdição, e com ele dez clerigos da companhia de Jesu e seys frades da prouincia da piedade que me pareceo comueniemte numero pera emtemderem agora nestas cousas de muito seruiço de noso senhor: dos quaes se podem mamdar aos lugares em que ouuer mayor necesidade os que parecer que conuem e são necesarios, o que vós laa ordenareis com a pratica de mestre framcisco e de miguel vaaz e do bispo se ao taall tempo aymda la estiuer. E desejo eu que asy se gramgee esta oobra, e as cousas necesareas a ela, que em meus tempos possa eu aymda ver tão gramdes fruytos dela como hee razão que os espere vemdo estes primcipios. E porque comfio muyto em voos, que precurareis por vosa parte que eu receba de noso senhor esta tão gramde mercê, vos lembro que este he o mayor seruiço, e o mayor comtemtamento que de voos poso receber: e que no cuidado, deligemcia, fauor, e bom tratamento dos que jaa são feytos xpãos e se ao diamte fizerem, e destes religiosos que agora vão, e dos que laa estão, e de todos os que nesta materia emtemderem, e em tudo o que for necesareo pera o efeyto disto que desejo, mostreis que este he o proueyto que eu desas partes quero tirar; pois de todos hee o mayor e o que mais pretemdo: e aymda que nas outras cousas tenhaes gramdes acupações, nestas que são de noso senhor, e sem cuja ajuda em todas as outras não poode ser nada feyto, trabalheis por vos desacupar pera emtemderdes nelas e numca por yso vos pareça que vos pode falecer tempo, pera emtemder nas outras, porque asy comvem que o façaes, por se não perder o que jaa hee feyto e ao diamte se poderaa fazer, quamdo voos asy o fizerdes.

No negocio do Rey de Jafanapatam e da morte que deu a aqueles martyres receby muy gramdes descomtemtamemto e o semty tamto como era razão: e segumdo vy por cartas de mestre framcisquo, martim afomso ordenaua de lhe mamdar dar o castiguo comforme aa callidade do caso. Se asy se fez receberey eu diso

gramde comtemtamemto, e se o não ouue emcomemdouos muyto que o ajaes asy como ele o merece, porque seria hũu maao emxempro nesas partes pasar semelhamte cousa sem o castiguo que he deuido a ella. Mestre framcisco me escreue que este rey tem um yrmão o quall diz que lhe dise que se tornaria xpão, e o pouo todo, se eu lhe dese esta terra: e ysto seria muy bem por se ganharem estas almas e se fazerem xpãas: mas ha nisto outra cousa que oulhar que he pedirme o mesmo o primcipe de Ceylão, que se tornou xpão, e mandarme dizer a raynha, sua may, por amdre de sousa que se eu dese esta terra a seu filho ela se tornaria xpãa com todos seus paremtes e criados. Tambem haa nisto outra cousa que ver postoque seja menos ymportante que nenhũa destoutras, porque não me obriga mais que quamto eu quiser aceytar ou allargar o que compre a my, e he que diz elrrey de ceylão que lhe cumpra a prouisão que lhe tenho dado em que me apraaz de lhe restetuyr esta terra que diz que hee sua, e que me dará quatrocentos quymtaes maes de canela, e me alargará a diuida que lhe deuo: a determinação de quall destas cousas será melhor não poso eu de caa tomar pela distamcia gramde, e por quamto tempo se pasa primeyro que ela laa posa chegar e tambem porque não poso saber a tempo comueniemte o estado em que laa estão as cousas: e parece que pera voos nyso prouerdes abasta somemte saberdes que eu não pretemdo senão o seruiço de nosso senhor e o acrecemtamemto de sua fee, e que aquillo averey por milhor que for mais a preposyto deste meu desejo. He verdade que pello que fez este primcipe, e porque todos vejão que não somemte fazem, em se tornarem xpãaos, o que compre a suas almas, mas aymda o que toca temporalmente a suas cousas: folgarei de lhe ser feyto em tudo o que for mais sua homrra e acrecemtamemto de seu estado e mayor comtemtamemto pera a raynha sua may, pois tambem com yso se ganha fazer-se ela xpãa, e jumtamemte todos os ditos seus paremtes e criados quamdo teuerem por senhor o primcepe. E quamdo nesta parte asemtaseis e vos parecese mais seruiço de nosso senhor e meu: porque damdré de sousa que com ele veyo de

ceylão tenho muyto boa emformação e foy o que trabalhou por ele se tornar xpão, e o defemdeo da morte, que lhe elren queria daar, ey por bem que o mamdeis com ele e lhe deis o carreguo de seu capitão e guarda mor, do quall por estas razões ey por bem de lhe fazer merce. E quamto ao castigo do rey de Jafanapatam, lhe dareys, podendo-se bem fazer.

O negocio do mouro de que martim afomso ouue aquele dinheiro do acedaquam, bem creo que o tereis sabido. Foy taal seruiço o qne me ele fez niso que he razão receber de my merce e favor. E porem parece meu seruiço ser taal maneira que com yso se posa com ele ganhar mais; porque sãa ymformado que em seu poder ha aymda gramde soma de dinheiro, e por allgũas razões parece que asy deue de ser: ele me mamdou pedir que lhe fizese merce de hya prouisão pera meus governadores e capitas lhe não poerem ympedimento a ele nem a seus filhos e criados seus e do acedaquam poderem yr viuer e estar em qualquer parte que quisesem e por eles lhe fose dado pera yso toda ajuda e fauor: e que suas naaos e nauyos podesem liuremente nauegar, sendo porem buscadas por meus ofeciaes se leuauão cousas defesas: e eu ouue por bem de lhe fazer merce dele asy como mo pede. E pareceo-me meu seruiço mamdaruolo a voos pera que com ele negoceaseis laa como viseis que era mais meu seruiço segumdo o termo em que as cousas esteuesem: e porque ele em hya carta que me escreue que parece que foy feita per sua mão e vem em arabio se me aqueixa dos criados do gouernador e do moodo que com ele tiuerão no dinheiro que lhe lleuarão e tãa comfusamente que não poso emtemder o que pasou no dito nogocio, como verês pello trelado dela, e me diz que lhe mamde tomar disto comta, lhe escreuo esa carta de que tambem vos emujo o trelado, na qual lhe escreuo que me mamde dizer mais decraradamemte o como este negocio pasou pera eu prouer em qualquer agrauo que lhe niso fose feyto, como eu folgarey de fazer, quamdo elle o tiuese recebido; e porque eu queria que esta car-

ta lhe leuase pesoa que lhe não podese estoruar fallar elle verdade niso, amtes o ymcitase a dizela, me parece bem mamdardeslha ou por bras daraujo, ou pelo doutor francisco toscano, ou pelo doutor fernão marty quall delles vos melhor parecer e estiuer mais desacupado pera o poder fazer: e por esta mesma razão, e elle não poder comunicar a carta com algũu portugues, o que não poderia deixar de fazer pera lha declarar, lhe mando dentro nela o trelado dela mesma em arabio, emcomemdouos muyto que lha mamdeis llogo, e quamto ao seguro e ao mais que aveis de negociar hee escusado faseruos algũa lembramça niso, porque voos terês todas as que forem necesareas e o farês como for mais meu seruiço e com todos os resguardos e cautelas que comprirem pera com ele poderdes bem negocear. E porem porque ele jaa merece receber de my merce pelo que tem feito he bem que em tudo o fauoreçaes e trateis de tall maneira que veja elle que o seruiço que me fez lhe aproueytou muito pera yso: e aymda comprirá fazerdelo asy pera o que ao diamte me ouuer de fazer: e do que neste negocio fyzerdes me avisarês, e muyto vos emcomemdo que do que he pasado nele precurésquamdo vos for posyuel por saber a verdade; e pela obrigação, que me temdes vos emcomemdo e mamdo que cão aaja nelle allgyua cousa, que me não dygaes, e tãô decraradamente como eu de voos confyo.

Com esta vos mando hya carta minha pera o ydallcão dagradecimentos da boa vomtade que tem pera minhas cousas, e da com que me allargou aquellas terras firmes, e oferecemdolhe minha amizade, como verês pelo trellado dela que vos emujo: muyto vos encomemdo que lha emuyeis por hya pesoa que vos bem parecer, e porque ele veja allgyu synal de minha boa vomtade e do comtemtamemto que tenho de com elle ter esta amizade me parece bem que lhe emuieis o arreo douro, e a sela, e asy os panos da tapeçaria douro, que haa dias que laa estão e que eu de caa emuiaua a elrey de cambaya por Job nunez que creo que estão nesa feitoria de goa: e aalem diso voos lhe escreuerês quamto vos tenho emcomemdado e agora emcomemdo suas

cousas, e o conhecimemto em que sou das boas oobras que ele faz em todas as minhas, com todas as mais pallauras que vos bem parecer e de que virdes que elle receberá comtemtamemto. E folgarey de asy o gramjeardes sempre, que o posaes ter certo pera o que comprir a meu seruiço pella necesydade que delle e de suas terras tem minhas armadas. E comfio que não somemte o farês asy com este, mas com todos os outros que vos parecer que sera meu seruiço terdes com elles este moodo.

Por via de costamtinopla e veneza fuy emformado que viera os annos pasados desas partes a allexandria muyta soma de pimemta e drogas, o que hee em tao gramde perjuizo de meu seruiço como vedes, e de que se seguem gramdes ymcomveniemtes; e não poso emtemder bem a causa por que tamta soma de pimemta e drogas ally veyo ter senão se fose pella costa ser tão mall guardada que se pasase por ella tamta pimemta: o que eu não deuo de erer pois vay niso tamto de meu seruiço e se foy allgũa causa diso o comtrato que se faz em goa das drogas pera vrmuz, jaa quamdo fostes, temdo eu allgũa emformaçam disto vos mandey que olhaseis bem nisto o que se deuya fazer; e que parecemdouos todauia que o comtrato se deuia fazer fose sómente daquela camtidade das ditas drogas. que parecese que abastauão pera se gastarem na terra, e não pera sayr pera parte allgũa foora dela de que se podesem seguir estes ymcomueniemtes: acerca do comtrato, isto mesmo vos torno a llembrar: e quamto ha guarda da costa deueis de ordenar que se guarde e vygye de taall maneira, e per taaes pesoas que fação nyso verdade e não deixem pasar a dita pimemta e drogas, porque são ymformado que os mesmos qne a amde guardar e vigiar são os que as pasão: a ymportamcia deste negocio he tão gramde como vedes, e por yso ey por certo que o prouereis de taall maneira que eu seja bem seruido. E para a comfiamça que eu em voos tenho ey por escusado dizeruos mais.

O lecemceado amtonio Rodrigues de gamboa que martim afomso mamdou a baçaym pera emtemder nos arremdamemtos e cou-

sas dele me escreueo como tinha arremdadas as ditas remdas por nouemta e seto mil seis cemtos e cimqoemta pardaaos, e que seria muyto meu seruiço depois de pagas as despezas que a fortalleza fazia, scilicet, em pagamemtos dos ordenados, soldos e mamtimemtos da gemte della, e pagamemtos de capitaês naiques dos piaês da gemte da terra, prouimento do espritall, corregimemtos de todas as oobras e doutras meudezas em que se despemdião desoito mil e quinhemtos pardaaos; leuarem-se sasemta e noue mill cemto e cimcoemta, que sobejauão, omde estiucse o meu governador e não mamdarem-se aly fazer pagamemtos de diuidas que aalem do proueyto que seria ter o meu gouernador este dinheiro consyguo pera elle o mamdar despemder no que fosse mais necesareo e comprise a meu seruiço se ganhaua tambem outro, em este dinheiro ir ao gouernador, porque naquela terra vallião pouco as moedas e que da maneira que as eu recebia se ganhaua em goa mil pardaaos em cada vimte mil: e que fazemdo-se doutra maneira, era dar ocasião aos feitores dizerem quamdo lhes mamdauão pedir dinheiro que o não tinhão, e que era despeso todo per mamdados. E porque ysto me parece muito meu seruiço vos emcomemdo e mamdo que ordeneis como se faça desta maneira daquy em diamte.

Eu folgaria de ver o debuxo das primcipaes fortalezas que tenho nesas partes, e porque quamto mais particullarmente as podese ver mayor comtemtamemto receberia, vos emcomemdo muyto que se laa ouuer allgũa pesoa que o saiba bem fazer me emuyeis cada hũa dellas e asy a cidade ou llugar em que estiver, e o sytio della, feita em cartaz, ou em allgũa madeira leue feito tudo per petipé, e de tall moodo, que se posa bem ver o que se delas quiser saber.

Eu escreuo a dom framcisco de menezes, e a João (J.°) de sepulueda, que me fiquem laa seruimdo aymda mais hũu ano, por me parecer que compria asy a meu seruiço: vós direis tambem de minha parte a cada um hũu delles com todas as boas pallauras, que vos bem parecer, que o façam asy.

Achando-se já bem defendida a fortaleza, e melhorada a saude dos doentes com os ares, e refrescos da terra, sahiu D. João de Castro de Moçambique, e tendo tido uma feliz viagem, entrou a barra de Gôa no dia dez de Septembro. Martim Affonso de Sousa, já então sabia da proximidade do seu successor por via d'um navio que alli chegára pouco antes, e preparava-se para o receber com festas que significassem o prazer com que agasalhava *o hospede*, e o gosto com que lhe entregava o governo. Partiu logo a buscal-o n'um bergantim mui bem equipado, e condusiu-o para a quinta de Antonio Corrêa, em quanto se lhe dispunha uma recepção solemne. O Governador Geral, e toda a sua comitiva, foram alli muito banqueteados; e durante que isto tinha lugar, muitos dos individuos que Martim Affonso havia feito creaturas suas, tirando-os do nada, desampararam este, para render homenagens a D. João de Castro: aquelles ingratos tinham aprendido com os Indios a apedrejar o Sol no seu occaso, e, a adoral-o quando nasce.

Por hũa carta que me escreueo simão botelho, que estaa pocapitão na minha fortaleza de malaca, soube como alomso amrri quez se quisera aleuamtar com ela, semdo o dito simão botelho fóra da dita fortaleza a emterrar ruy vaaz pereira que aaquele tempo era fallecido e em cujo lugar elle socedera por prouisão de martim afomso. E como niso ouvera ajumtamemto, e outras cousas muy maall feytas: e porque o caso he de taall callidade que requere serlhe dado por yso o castigo que merece, vos emcomemdo muyto e mamdo, que estamdo ahy comvosco, ou tamto que vyer, semdo fóra, o maudeis lloguo premder, e mo emvieis preso em hũa das primeiras naaos que vyerem pera estes reinos, e virá emtregue ao capitão della pera o trazer a todo o bom recádo. Bertolameu froez a fez em allmeyrim a oyto dias de março de 1546 «Rey» Pera dom Joam de castro.

(*No sobrescrito*) Por Ellrey: A Dom Joham de castro, do seu conselho, capitão meor, e governador da India.»

Terminada a entrada, meteram-se os dous Governadores n'um barco ricamente adornado d'ouro, e de sedas differentes; e logo os navios, e os fortes começaram a festejal-os com estrepitosas salvas; e o povo principiou a lisongear *sem malicia* ao novo Governador, com vivas acclamações. Desembarcaram n'um grande theatro, onde os esperava a Camara da cidade, em forma de cabido. Mal que se assentaram com o ceremonial do costume, em taes actos, recitou um dos Camaristas um discurso, em que se promettia á India as maiores venturas com o moderno Ministro. Tendo o Governador Geral ouvido as adulações publicas, ouviu depois as occultas d'alguns, que em recompensa d'ellas, esperavam satisfazer interesses particulares.

Apenas D. João de Castro tomou posse do Governo da India, tratou o seu antecessor de partir para Cochim, para cuidar da sua volta para o Reino. Isto feito, logo o novo Governador entrou a pensar nos meios de socegar o povo alvorotado pela alteração de moeda, que o anterior Governo havia decretado com prejuiso dos subditos, e escandalo dos idolatras visinhos. — Os principios d'este acontecimento, são os seguintes:

Ha na India uma moeda d'inferior lei denominada *Bazarucos*, a qual teve sempre uma estimação vulgar entre os habitantes d'aquelles Estados, sem differença de crensa religiosa. Porém, como seja lavrada de cobre, metal que naquellas éras sahia de Portugal por droga, ordenaram os Ministros Reaes que se lhe augmentasse o preço em proveito do Thesouro Real, e logo começou a correr com maior estimação; mas como com esta subida deixasse de ter o valor intrinsico, pois tinha só o que lhe provinha da lei, e não o do peso, o Gentio, a quem não obrigavam leis estranhas, deixava de fornecer a usual provisão de comestiveis,

o que fazia padecer os povos, como por decreto de seu proprio Governo.

A nova medida, era defendida tenazmente por seus authores, pois que entendiam que zelavam a utilidade do Rei, embora perdesse o povo; mas este clamava — «que «os Soberanos de Portugal jámais pertenderam atalhar the- «zouros á custa das suas miserias; que sempre lhes re- «pugnára beber as lagrimas de seus subditos, em taças d'ouro; «que era extrema a alegria dos Gentios, e Mouros por vê- «rem que não podendo acabar com os Portuguezes, com «a guerra, o conseguiam por via de leis originadas pela «ambição de seus mesmos Governadores.»

Havia crescido a fome, e a liberdade dos queixosos, o que tornava maior a justiça da causa, e o aggravo commum. Em satisfação destas queixas foram os Vereadores da Cidade, entre *representados* seus d'ambos os sexos, e de todas as idades, uns com razões, e outros com lastimas, pedir remedio ao Governador Geral; este ouvio a uns como Juiz, e a outros como Pai; e reconhecendo que a fome não se cura com palliativos, reservou-lhes a conclusão para o immediato dia; e assim os despediu cheios de confiança, acreditando muitos pelo costume d'aquellas Regiões, que para elle julgar aquella medida injusta, bastava ser ella do seu antecessor.

O Governador Geral, chamou naquella mesma tarde os Ministros da fazenda Real; e tendo-lhes ouvido os motivos que tiveram, para aconselhar a dita alteração, consultou depois sobre a mesma materia os homens mais entendidos na legislação, e na politica d'aquelle Estado: declararam estes que o decreto era barbaro, e inteiramente contrario ás benevolas intenções do Monarcha de Portugal. Esta declaração, foi ainda reforçada com os fóros, e mais

isen ções populares, que deixamos de mencionar para não sermos fastidiosos.

Revogada, que foi esta lei, começou a haver abundancia de mantimentos, e os povos vieram offerecer as vidas ao Governador, por este lh'as ter remido com a extincção d'um encargo injusto.

CAPITULO II.

ANNO DE 1545.

D. João de Castro, recebe os primeiros Embaixadores do Hidalcão: natureza d'esta embaixada, e resposta que lhe dá o Governador Geral. Prepara-se este para a guerra. Primeiros movimentos hostís do Hidalcão contra Gôa: o Governador Geral sahe a campo, e desbarata o inimigo, O Hidalcão continúa as hostilidades, e D. João de Castro encarrega seu filho D. Alvaro, de o combater. Principaes successos d'esta campanha até á conclusão da paz proposta pelo Hidalcão, e acceita pelo Governador Geral.

Terminada a questão da alteração do valor dos *Bazarucos* a contento do povo, conforme o demonstrámos no Capitulo antecedente, vieram ao Governador Geral alguns Embaixadores do Hidalcão, os quaes depois de o saudarem segundo o antigo costume, e de o felicitarem pelo cargo, lhe pediram a entrega de certo *prisioneiro*, em cumprimento d'um concêrto feito com o seu antecessor. Não deixaremos occulta a origem d'este negocio, visto ter elle perturbado o estado com guerra descoberta.

Governava Nuno da Cunha, a India Portugueza, quando falleceu *Bazarb*, Principe do *Balagate*: Meale, inquestionavel herdeiro da Corôa, achava-se ainda em mui tenra infancia. A segunda pessoa do Reino em authoridade, era então o Hidalcão, bem como era a primeira em valor, desde que nas guerras com algumas Nações visinhas, tinha dado as mais claras provas de valentia. Ora, como estes barbaros costumam mais reinar pela occasião, do que pela justiça, o Hidalcão pesando as suas forças, e vendo Meale ainda no berço, projectou roubar-lhe a herança; para o que principiou a acarinhar os Grandes, e a lastimar perante elles «que desgraça era estar o Reino nas mãos «d'um menino, com o qual haviam servir soffrendo tantos «Reis, quantos fossem os seus validos; que os Principes «com quem andavam em guerra, os acabariam, pois viam «ainda envolto nas fáxas infantís, quem os havia de de«fender; que se entregasse a salvação da patria a um Va«rão de reconhecido merecimento, que elle seria o primei«ro a obedecer-lhe; pois que a Nação não podia estar sem «governo, em quanto a natureza não désse forças, e en-

« tendimento a um menino; que, quando com inutil obe-
« diencia continuassem a adorar Meale no cóllo das âmas,
« estava certo que perderiam o Reino, por conservarem o
« Rei. » — Querendo mostrar que não queria imperar para si, mas sim para todos, tornou-se logo affavel para com os povos, e generoso para com os soldados; n'uma palavra, mascarou-se com todas as virtudes proprias d'um bom Rei. Com taes artificios, logrou que os homens de maior consideração no paiz fossem offerecer-lhe a Corôa, persuadidos de que elle, jámais deixaria de ser grato á memoria de tão grande offerta.

Fôra o Hidalcão, um grande Principe, se conservasse no Throno as mesmas virtudes com que soube adquiril-o; porém elle, apenas se viu Rei, deixou de fingir-se virtuoso, e mostrou que a ambição, e a soberba, eram os seus vicios dominantes. Seja por clemencia apparente, seja por crueldade nova, não tratou logo de assassinar a Meale; esperava talvez, quem sabe, que este infeliz testemunhando-lhe uma obediencia servil, lhe authorizasse o roubo que lhe fizera. Os sabios do Reino, quando já não podiam ser traidores, nem leaes sem risco, pensavam nos meios de livrar Meale da tyrannia do usurpador, que elles tinham elevado. Passaram alguns annos nestes exforços, até que Meale tendo chegado á idade de conhecer seu perigo, e vendo quanto sua presença accusava a consciencia culpada do tyranno, o qual projectava a pagar com sua morte, a lembrança da intrusão da Corôa decidiu-se por conselhos dos que lhe haviam tirado o Reino, a fugir para Cambaya, onde foi bem acolhido tanto pelo Rei, como pelo povo; porém, como este acolhimento partia mais da ambição, que da piedade, teve pouca duração. Entre tanto, Meale, quiz antes ficar em Cambaya apezar de não ser alli já tratado como Rei, do que soffrer os máos tratos do tyranno.

Começára então o Hidalcão a quebrar os instrumentos do seu crime, cuja existencia detestava por lhe recordarem uma divida, ou uma grande traição. E, como já tremia das suas mesmas obras, entendeu que, mais o podia segurar no supremo mando, a crueldade, do que a clemencia: por consequencia, tornou-se duas vezes cruel; uma pelo vicio, e outra pela necessidade. Pertendendo em vez de tyranno, parecer justiceiro, pretestava a punição de delictos esquecidos, e hia usurpando os bens aos maiores de seus cumplices, para os igualar á plebe: julgava elle, que esmagando os ricos, se faria cáro aos pobres; visto que a ruina dos grandes, é sempre grata aos pequenos. Esta perseguição, obrigou suas victimas a cogitar nos meios de restituir Meale ao Throno. Celebraram para isso algumas reuniões clandestinas, nas quaes se tomaram diversos acôrdos, que o temor, e a gravidade do negocio faziam mudar no dia seguinte. Apurada afinal a sua obediencia forçada, com aggravos novos, combinaram em dar a morte ao Hidalcão, para com ella espiarem o crime de o terem coadjuvado nos projectos d'usurpação; mas esta combinação foi obra simplesmente dos desesperados, e não dos atrevidos; porque o Hidalcão já então pussuia forças de Rei; e porque o povo aborrecendo-o, mesmo assim lhe assistia, pela razão d'estimar as extorsões praticadas contra os nobres.

Os conjurados, porém, receando não poder levar ao cabo tão arriscada empreza, se apenas se valessem das forças proprias, buscaram auxilio nas estranhas. Consequentemente, participaram os seus projectos a Martim Affonso de Sousa, Governador naquelle tempo do Estado da India, supplicando-lhe mandasse vir Meale, de Cambaya, e o conservasse em Gôa; e que, se desprezasse a gloria de lhe restituir a Corôa, conseguiria ao menos ter sempre o Hidalcão em sustos.

Chegaram estas supplicas á presença de Martim Affonso; e este entendeu logo, que mais convinha soprar o fogo da discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, do que apagal-o; e cobrindo esta conveniencia com a acção heroica de collocar um Principe desthronado, á sombra de nossas armas, e de o pôr ao abrigo de qualquer persiguição, resolveu attender as mesmas supplicas, mandando buscar Meale a Cambaya, e fazendo-lhe saber o bom acôrdo de seus vassallos em relação á restituição do seu Reino.

Recebida por Meale, tão inesperada mensagem, confiou elle na palavra, e na clemencia do Estado, e embarcou com sua infeliz familia, em direcção a Gôa; aportando alli, foi recebido pelo Governador com honras mais dignas de seu nascimento, que de sua fortuna. Meale, já tinha antes disto adquirido muitas simpathias; mas tão depressa se espalhou por toda aquella costa, a nova da sua vinda, cresceu-lhe prodigiosamente o numero dos partidarios, e o povo começou a proferir seu nome com respeito.

Persuadido o Hidalcão, de que o Estado chamára Meale, para lhe defender a causa; e tendo na maior conta o valor, e o poder de semelhante defensor, enviou uma embaixada a Martim Affonso, significando-lhe «que Meale era «um perturbador da paz do Oriente; que lhe constava, «que alguns sediciosos o haviam chamado; mas que estes, «fartos de serem subditos, só pertendiam levantar senhores «novos, a quem podessem dominar; que elle Hidalcão, «não referia os motivos que tivera para se assentar no Thro-«no; porque se os Reis tal fizessem, não haveria desigual-«dade entre Principes, e plebêos; que esses motivos ha-«viam de ser julgados por Deos, e não pelos homens; que «Meale apezar de ser ramo d'arvore Real, era imbecil, «e fraco; mas que a fortuna dando o Reino a elle Hidal-

«cão, emendára esse erro da natureza, em premio da «ousadia, e do valor; que, quem herdava a corôa com o «nascimento, eram os leões; que aos homens deixára a «natureza, que a ganhassem; que o mesmo direito que nós «tinhamos para avassallar a Asia, tinha elle para ser «Rei; que o Sabayo, o Sultão Badur, e o Achem, não «nos tinha deixado Gôa, Dio, e Malaca em testamento, «que tinhamos adquirido todas estas possessões, e as muitas «praças do Oriente, que nos eram tributarias, pela força «da espada; que não julgassemos injusto nelle, o que em «nós reputavamos sagrado; que havia um Deos para go-«vernar o mundo, e que só a elle pertencia emendar as «contendas da Asia, e não aos que tendo nascido no ulti-«mo Occidente, queriam ser senhorios absolutos de toda a «terra; que nos seus Reinos havia muito ouro para os ami-«gos, e muito ferro para os contrarios; que em conclusão «de tudo, pedia a elle Governador a entrega de Meale, «protestando ser clemente para com elle, para que se visse «que era digno de ser Rei, que não se vingava do seu «maior inimigo; que seus Embaixadores, estavam authori-«sados para assentirem a todas as conveniencias do Estado.»

Lida esta carta por Martim Affonso, e ouvidos os Embaixadores, do Hidalcão, soube aquelle que se offereciam pela entrega de Meale, cento e cincoenta mil pardáos, e as terras firmes de Salsête, e Bardêz, mui proximas de Gôa. Pareceu pois, a Martim Affonso, que em qualquer das duas faces do negocio, se descubria utilidade summa; por quanto, se se restituia a um Principe a sua herança, e se punia o tyranno que lh'a roubára, grande reputação ganharia o Estado; pois se mostraria ao mundo que se os nossos estandartes foram tremular na Asia, não foi para usurpar Corôas, nem amontoar riquezas; mas sim para fazer que as gentes daquellas Regiões guardassem fidelidade a Deos, e harmonia entre si. Discorria em contrario; que, se Mea-

le não podesse ser restituido senão depois de larga guerra, não receberia mais o Estado, que o offerecido pelo Hidalcão, em perfeita paz; que causaria riso ver que perdiamos vidas para destruir um infiel, e alimentar outro, quando tinhamos obrigação de destruir os inimigos da fé, e não de os defender.

Feitas estas reflexões, resolveu-se Martim Affonso a entregar Meale; e tendo despedido os Embaixadores, e com elles a Galvão Viégas com poderes para ultimar o contrato na forma proposta, mandou tomar posse das terras offerecidas, com authorisação dos mesmos Embaixadores.

Neste estado se achavam as cousas de Meale, quando o Hidalcão pediu a sua entrega a D. João de Castro, em cumprimento do que ajustára com Martim Affonso; D. João, porém, tomando differente accôrdo, respondeu-lhe nos seguintes termos: «Que os Portuguezes, tinham a *hospita-* «*lidade* em conta de virtude, e que por isso não accredi- «tavam que um hospede fosse um inimigo; que o seu ante- «cessor quando fizera propostas ácerca da causa em ques- «tão, não tivera intenção de a resolver, mas sim de a co- «nhecer; que as terras offerecidas, já eram propriedade do «Estado, por doações d'antigos Reis do Batagate; que os «rendimentos que produsiam, deviam servir para alimentar «Meale; que se concedesse a este o gosar socegado esta «pequena memoria do seu direito; que não perturbasse el- «le Hidalcão a paz com injustas exigencias, para não fazer «certo o que temia, e obrigar o Estado a tomar uma, ou «outra vingança. E porque se lhe dizia que senão fosse en- «tregue Meale, haveria rompimento, lembrava que mui- «tas das fortalezas que erguemos na India, estavam assen- «tes sobre cinzas de Reinos, que o fogo destruira; que os «Portuguezes tinham a natureza do mar, que se levanta e «cresce com as tempestades; que elle Governador não pro-

«curava a guerra, mas que nunca a saberia despresar.»

Eis-aqui a resposta com que foram despedidos os Embaixadores, e da qual logo deduziram que nem por temor, nem por justiça, seria entregue Meale.

Em seguida, começou logo o Governador, a preparar-se para a guerra, pois que, primeiro poderiamos sentir a ferida, que ver o ferro. Mandou alistar cousa de duzentos homens de cavallaria, para servirem n'um só corpo: milicia mais valente, que disciplinada. Commetteu á gente da ordenança a defensa da Cidade, e reservou a tropa paga para qualquer invasão repentina do inimigo. Aprestou logo a armada desbaratada pelas peleijas anteriores, e pela penuria do Estado. Reparou os navios que estavam ancorados no rio; fez seis outros novos, e mais trez galés, não faltando aos operarios com as férias, o que fazia medrar a obra por encanto. Finalmente, nomeou Capitães para estarem á testa de todos estes trabalhos; e esta medida sendo de muita importancia para o aprésto, e bondade de munições de bocca, e de guerra da armada, poz esta prompta a navegar em occasião opportuna.

Penetrára o Hidalcão, as intenções do Governador, e appellou para a justiça das armas antes que a guerra lhe entrasse no Reino, e que os vassallos se lhe revolucionassem com a mira nos postos, e nos premios da milicia. Prohibiu mui rigorosamente a remessa ordinaria de mantimentos, que do Sertão se fazia para Gôa, para que esta não estivesse devidamente abastecida para sustentar tão inopinada guerra. Mandou logo a um valente Turco, chamado Acedecão, que fosse com dez mil homens occupar as terras firmes, que nos obedeciam.

Entendendo porém, D. João de Castro, que o resul-

tado d'uma guerra harmonisa sempre com a bondade, ou ruindade dos seus primeiros successos, sahiu com dous mil infantes, e a cavallaria da terra, a encontrar o inimigo. Muitos fidalgos lhe pediram antes, que não arriscasse sua pessoa contra forças tão desiguaes, ponderando-lhe, que era menos decente que o Governador Geral da India, se fosse bater contra um simples Capitão do Hidalcão, quando havia tantos fidalgos benemeritos dignos do perigo d'esta empreza; porém nada o poude fazer mudar da resolução que tomára, e cortou todas as reflexões em contrario, com a seguinte resposta: «Marcho para castigar, e não para «vencer.»

Tendo pois sahido, avistou a duas leguas de Gôa, o inimigo, que acampado junto d'uma serra, tendo em frente um rio que lhe servia de fôsso, e de trincheira, esperou os nossos confiando no numero, e na posição. Achavam-se os nossos soldados muito cançados por causa da marcha; mas mesmo assim, cobrando novo alento com a presença do Governador, e com a do inimigo, entraram a passar o rio com mais resolução, que disciplina. Foram inuteis todos os esforços dos Commandantes para os deter, e ordenar; por que os mais ousados continuavam a arremeçar-se á agua; e os mais prudentes julgando afinal o exemplo disciplina, seguiram os seus companheiros.

O Governador, vendo isto, mandou aos que ainda estavam por passar o rio, que o fizessem, por entender que aquillo que já fora erro, era agora remedio; e como neste dia não tivesse que dispor como General, entrou na peleija como soldado. Attacaram os nossos aos Mouros, com tal impeto, e impavidez, que estes tranzidos de susto foram abandonando o campo em completa desordem, e debandada: assim viram os nossos um exercito desbaratado, sem perder sangue! Soffreram os Mouros grande damno na fuga,

mas nenhum na defensa. Pelo espaço de duas leguas, foram os nossos praticando as crueldades de vencedores, recolhendo as armas que os miseraveis vencidos lhes abandonavam.

Durou esta perseguição até chegar a noite, cujo horror abrigou os inimigos contra os males immediatos, da perda d'uma batalha. Voltaram os nossos cheios de gloria, e de despojos ao campo onde haviam encontrado o inimigo, e alli ficaram todo o outro dia por ordem do Governador, sem que este os reprehendesse pela indisciplina, que lhes tinha dado um triumpho. Regressaram depois a Gôa, levando na sua frente o seu intelligente e bravo General, sendo este recebido com estrondosas acclamações d'aquelle povo tão affeito a victorias, quanto a despresal-as.

Dentro em pouco, começou o Hidalcão a inquietar os nossos com repetidas correrias nas terras firmes, o que os fazia estar em contínua vigia, e prohibia que os lavradores cultivassem as terras; mas bem depressa se resolveu o Governador a fazer sentir novamente a seus barbaros visinhos, a duresa do nosso ferro, dando-lhe um golpe onde mais damno se lhes fizesse. Em consequencia do que, mandou embarcar seu filho D. Alvaro na armada já aprestada, ordenando-lhe que fizesse nos portos inimigos o maior estrago possivel, e offerecendo aos soldados escala franca, para que esperançados no saque, esquecessem os soldos que o Estado lhes devia.

Partiu D. Alvaro com seis embarcações grandes, e alguns barcos de rêmo, levando a bordo novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios; passados poucos dias avistou quatro náos do Hidalcão, que, com carga de roupas, e d'outras drogas da terra, seguiam viagem para Cambaya. D. Alvaro mandou logo aproar os navios contra ellas, e que os barcos se fossem encostando á terra, antes que o

inimigo tentasse encalhar n'ella desesperado. Pertenciam as ditas náos a Mercadores, e tinham mui pequena guarnição de tropa; e reconhecendo os que as commandavam, que lhes era impossivel a fuga, e a defensa, mandaram logo ponderar a D. Alvaro, que não tinham nenhuma culpa das desavenças do Hidalcão contra o Estado, terminando com o offerecimento de pagarem as despezas da nossa expedição, caso se lhes concedesse seguir seu rumo pacificamente; porém como nem o interesse dos soldados, nem a razão da guerra permittissem, que se attendessem semelhantes supplicas, foram as náos tomadas, e mandadas para o porto de Gôa, para que, em cumprimento da promessa do Governador, fosse dividida a prêsa. Ao chegarem ao seu destino, foi singular a alegria n'aquella Cidade por tão grande victoria, bemdizendo o povo o exforço do pai, e a fortuna do filho, que tanta gloria adquiriam para o Estado.

Conservava-se ainda D. Alvaro na paragem onde alcançára um triumpho da maior monta, sem perca d'uma só vida, quando, escolhendo para theatro d'uma nova façanha a Cidade de Cambre, mandou logo vellejar para o respectivo porto.

Achava-se a dita Cidade com guarnição dobrada, desde o começo das hostilidades do Hidalcão; duas fortalezas guarnecidas d'artilheria de grosso calibre, lhe defendiam a barra; e como o canal fosse muito estreito, não podiam os nossos navios passar nem surgir, sem risco de gravissimo perigo. Chamou D. Alvaro a conselho os Commandantes seus immediatos, e ponderou-lhes as difficuldades que se davam no projectado acommettimento, ao que elles responderam: «que empresas voluntarias não se encetavam, quando se «lhes reconhecia perigo certo; que maior guerra se faria «ao Hidalcão, senhoriando-lhe os mares, apresando-lhe em-

« barcações, e inutilisando-lhe o commercio, de que assal-
« tando-o por terra; que se visse, que os nossos navios não
« podiam passar o canal sem roçar no cordão de bronze e
« ferro, que o cingia; que a primeira embarcação nossa que
« se desmantelasse, impediria a passagem das outras.» E
como D. Alvaro insistisse no cumprimento da ordem que
levava, *de queimar todos os portos do inimigo*, propoz-lhe
o conselho «que ficasse elle commandando a bordo, e que
« fosse a barra acommettida pelos outros Capitães; porque
« se ao General d'aquella armada, filho e herdeiro do Go-
« vernador Geral da India, acontecesse algum desastre,
« grande damno receberia o Estado com a obrigação que
« contrahia de tirar uma justa vingança.» Mais reflexões fariam ainda os membros do conselho, se D. Alvaro lhes não cortasse a palavra, respondendo-lhes indignado: «que só queria victorias onde se arriscasse tanto, como o
« menor soldado; que os perigos de que se tratava, ainda
« lhe pareciam pequenos; que viera de Portugal a procurar
« este dia, e esperava que elle fosse mui feliz para todos.»
Esta temeridade de D. Alvaro desculpou-a o brio, e a mocidade, e depois o afortunado resultado.

Decidira-se que antes do romper d'alva do dia seguinte, estivesse a tropa nos bateis pojando em terra, para que a falta de claridade inutilisasse as pontarias inimigas: toda aquella noite foi empregada nos precisos preparos para o ataque. Guarnecidos os navios com a força necessaria, saltou o General em terra com oitocentos homens dos mais decididos; com tanta fortuna, que tendo dado muitas ballas nos bateis, nenhuma d'ellas matou, ou ferio um soldado; o que logo se accreditou como presagio da victoria.

Era Cambre, Cidade de cinco mil habitantes, e situada n'uma extensa planice. As cazas eram separadas umas

das outras, e mostravam pela sua construcção, que seus moradores, desconheciam a menor das regras da architectura; os pateos e os terrassos, tinham uma magestade barbara, como sendo edificados com mais ambição, que gosto da arte. Havia do lado do norte uma pequena serra, da qual se precipitavam alguns rios, que serviam para recrear, e fertilisar os campos. Antigamente havia a Cidade sido habitada por Bramenes; mas na actualidade era-o por Mouros. Comtudo apezar da nenhuma belleza de seus edificios, era agora tão celebre em todo o Oriente pela sua riqueza, quanto o havia sido em remotas eras pela sua superstição. Não era defendida por muralhas nem por trincheiras, nem tinha por guarnição senão a milicia da terra, pois que seus habitantes estavam seguros na grandeza do seu Principe, e na paz que tinham com os povos visinhos; porém, como esta segurança se lhes enfraquecesse com as victorias ganhas pelos nossos, ao Hidalcão, reconheceram que não tinham forças para se defender de qualquer acommettimento nosso, e requisitaram para a Cidade dous mil soldados pagos. Foram estes quem veio impedir o desembarque aos nossos; e com tanto valor se houveram, que o embaraçaram por algum tempo. Travou-se afinal a lucta mais desesperada; pois que os nossos envolvidos com os barbaros, não podiam fazer uso das espingardas; tanto assim, que deram uma só descarga contra os inimigos, a qual estes receberam com sangue frio notavel. Aqui patenteou D. Alvaro extrema coragem, e summa intelligencia, já animando os soldados com palavras, e com o exemplo de sublimes feitos, já commandando como General. Porém a tal aperto chegaram os nossos, que mais combatiam por defender as vidas, do que para alcançar victoria; esteve esta duvidosa durante o espaço d'uma hora, até que grande numero de moradores tranzidos de temor e obrigados pelo nosso ferro, abandonaram apressadamente o campo da batalha, onde se tinham portado antes com valor sob-hu-

mano: assim substituiram a maior intrepidez, pela mais vergonhosa cobardia. Receberam os Mouros grande estrago nesta fuga; pois que tantos eram os mortos com que juncavam a terra, que se tornou impossivel a fugida de muitos.

Entraram os nossos na Cidade, de mistura com os Mouros, onde estes desgraçados se demoravam prezos pelas lagrimas das esposas, e dos filhos; houve algumas d'essas infelizes que estando banhadas em pranto nos braços dos maridos, alli mesmo soffreram a morte a golpes das nossas lanças, sendo roubadas por alguns dos soldados, e defendidas por outros: quer isto dizer que uns praticavam um costume cruel da victoria; e que outros cumpriam um dever da humanidade. Viram-se tambem mulheres impellidas pela maior desesperação, romper os nossos pelotões armados, e hirem buscar os cadaveres de seus patricios sem temor de perder as vidas; condoendo-se assim das feridas estranhas, sem lhes importar as suas. Conquistámos em fim a Cidade com menos perca de vidas do que perigo, o que assás se collige de a ter-mos entrado por baixo da sua artilheria; esta resolução pode ser desculpada pelo valor, e não pela disciplina.

Morrêra a maior parte dos Mouros no conflicto, e na fugida. As mulheres foram mais corajosas que os homens; porque elles não souberam defender as vidas, e por isso as perderam; e ellas podendo salval-as, despresaram-nas. Ficaram mortos no campo vinte dous dos nossos; o numero dos feridos foi maior, incluindo o General, que o fôra d'uma setta. Terminada a carnagem, por não haver em quem se executasse, foi myster principiar um outro estrago; foi preciso dar trégoas á íra para pôr em campo a cobiça. Começára o saque na Cidade por ordem de D. Alvaro; e tão consideraveis foram os despojos que d'elle resultaram, que

não poderam caber em nossos navios; nem isto admirará quando se souber, que os Mouros nenhuns dos seus haveres tinham posto a salvo; os soldados pois lançaram mão das maiores preciosidades, e deixaram tudo o mais para ser pasto do fogo, que devia abrasar a Cidade. Esta foi effectivamente entregue a um horroroso incendio, derramando este a maior consternação nas povoações visinhas, por verem redusir a cinzas a Cidade mais rica de toda aquella costa, e que tão defensivel era, que quasi lhes servia de muralha.

Tendo D. Alvaro enobrecido as nossasarm as com mais uma victoria, mandou levantar âncoras a toda a esquadra, e fez-se na volta de Gôa para deixar alli os feridos, e a carga que lhe empachava as embarcações, e continuar depois a guerra, que tão desejada era pelos soldados; já pelo lucro que d'ella lhes provinha, já pela boa estrella do novo General. Chegou primeiro a Gôa a noticia da façanha referida, que os intrepidos que a haviam praticado: o Governador, estimou tanto a victoria, quanto a plebe os despojos.

A este tempo, já os *Cambretinos* que haviam podido escapar á morte, tinham hido representar ao Hidalcão a destruição da sua Cidade, lastimando com lagrimas de sangue a perda dos parentes, bens e edificios, cujas cinzas o fogo tinha confundido, para não poderem tributar aos seus mortos, pranto distincto. Diziam ao Hidalcão, que se continuasse a guerra contra tal gente hiriam viver em campos desertos para a não verem; pois que a julgavam nascida para a vergonha, e estrago da Asia. Continuavam narrando e amaldiçoando nossos brilhantes feitos, mais exaltados em seu susto, que em nossas chronicas.

Sciente o Hidalcão da fortuna de nossos guerreiros, e

dos queixumes de seus vassallos; e receando que os descontentes do Reino se aproveitassem da duração da guerra para se revolucionarem contra elle, resolveu-se a pedir-nos a paz. Expoz logo esta sua resolução em conselho, a qual este adoptou decidindo que ficassem na lembrança os aggravos recebidos, até que com o auxilio d'alguns Reis seus visinhos podessem vingal-os, atacando-nos repentinamente. Em consequencia d'esta decisão, mandou o Hidalcão uma embaixada ao Governador Geral.

D. João de Castro, recebeu os Embaixadores em audiencia publica com grande explendor e authoridade, e respondeu-lhes — «que assim como era prompto em aceitar «a guerra logo que lh'a propunham, tambem não recusava a «paz, quando lhe era pedida sincera e amigavelmente; que «bem conhecia que a grandeza do Estado dependia de «ter muitos inimigos para combater; porque, com victorias «e despojos se tinha elle feito poderoso; mas que apezar «d'isso aceitava a paz que se lhe offerecia; qué soubesse o «Hidalcão, que o seu primeiro dia de Rei, era este em que «ajustava paz com os Portuguezes.» — Com esta resposta despediu o Governador os Embaixadores, partindo estes admirados de tanta dignidade e altivez: com igual despreso tratou elle sempre todas as guerras do Oriente, colhendo os felices resultados que tanta gloria deram ao seu nome, e tanto interesse ao Estado.

Em seguida despachou muitos requerimentos de soldados benemeritos, que pediam recompensa de serviços. Nomeou Officiaes para servirem os commandos que havia vagos nas fortalezas, em quanto não chegavam os despachados por El-Rei para os occupar; galardoando assim os homens de merecimento, satisfazia as conveniencias do serviço publico, e pagava uma divida do Estado: esta virtude é tão difficil nos Reis quão rara nos seus ministros.

O horror dos combates, e o estridor das armas não o faziam esquecer dos negocios da Religião: cuidava d'elles com summo zelo; e tanto o reconhecia assim, El-Rei D. João III. que não teve duvida em lhe escrever ácerca de tão importantissimo objecto, encommendando-lhe a propagação da Fé, e o explendor do Culto Divino, segundo demonstramos no Capitulo antecedente.

Fôra o tempo do governo de D. João de Castro na India, uma continuada peleija, e por isso da alludida carta Real apenas executou a parte que podia obrar, brandindo a espada, até mesmo por conhecer que a guerra é mais propria para destruir, do que para regenerar, ou que os vicios politicos e religiosos d'uma Nação, só se emendam no remanço da paz. Porém a historia mostrará com argumentos incontestaveis, que a Providencia protegera sempre Varão tão sublime, enobrecendo o seu governo de portentosos feitos: passaremos a fazer menção d'um, em prova de semelhante asserção.

Havia a santa doutrina do Evangelho feito muitos prosélitos nas Ilhas denominadas *Malucas*, devido isto ao heroico Portuguez Antonio Galvão, valente Governador, e aos inauditos esforços de S. Francisco Xavier. Muitos Régulos, Magnates, e gente da plebe haviam fugido das trevas da gentilidade, para gosar a luz do Christianismo: porém um Gentio chamado *Tolon*, indigena das mesmas Ilhas, e que já havia tyrannisado a de *Móro*, entrou a perseguir cruelmente aos novos convertidos para os fazer apostatar a Fé, que tinham abraçado. Muitos dos perseguidos preferiram o martyrio, porém outros, cederam á fôrça de tormentos. Crescia a audacia do tyranno, com deshonra das nossas armas, obrigadas a punir este barbaro, em desagravo da Fé, e em honra do Estado; até que os Portuguezes estacionados em *Ternate*, tendo ouvido as queixas de muitas das victimas

d'este monstro, resolveram-se a castigal-o, buscando-o em sua propria casa.

O tyranno, porém, tendo tido previo conhecimento da resolução tomada pelos nossos, preparou-se para a defensa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras e estacadas, e o caminho que conduzia á Cidade com estrepes e puas de ferro cobertos d'erva; para que se os nossos fossem alli passar ficassem perdidos irremediavelmente.

Avançaram emfim os nossos á primeira estacada, e logo os barbaros lh'a abandonaram quasi sem resistencia alguma confiando talvez na cilada, que lhes tinham preparado; porém como a nossa gente a ignorasse, tratou de hir no alcance do inimigo que lhe fugia, até que proxima já do laço que lhe estava armado, entrasse a cahir repentinamente do Céo tanta cinza que teve de fazer alto; aclarando-se dentro em pouco a athmosfera, logo os nossos seguiram a victoria, pisando os estrepes sem perigo, pois que a cinza lhes havia feito uma estrada solida, e segura.

Assim florescia na Asia a Santa Fé de Christo, por impulso de nossas armas, durante o governo do Benemerito D. João de Castro. Este heróe, trazendo n'uma das mãos a lei, e na outra a espada, fazia com que todo o Oriente respeitasse o nosso nome e se assombrasse de seus feitos, mui principalmente da grande acção de ter sustentado uma guerra pela tutela de Meale, quando os vassallos d'este lhe negavam os direitos, e os Principes seus parentes, a devida protecção.

Mas o socego que D. João de Castro deveria gosar depois de tantas victorias, foi mui pouco duradouro, pela razão de começar logo Cambaya a planisar uma nova guerra, o que bem depressa constou ao Estado; e com ella occupa as paginas mais brilhantes de nossa Historia, contal-a-hemos em capitulo separado.

CAPITULO III.

ANNO DE 1546.

El-Rei de Cambaya, instigado por Coge Çofar cuida em tomar Dio. Biografia de Coge Çofar, e como veio a Cambaya. Razões com que Coge Çofar pertende justificar a nova guerra. O Sultão attende-o, e encarrega-o da empresa. D. João Mascarenhas, Governador de Dio avisa a D. João de Castro da intenção do inimigo. Escreve o Governador Geral, ao Sultão. Direitos dos Reis de Portugal ás Ilhas Malucas. *São estas dadas por D. João de Castro, a Cachis Aeyro, e depois accommettidas por Castelhanos. Quem era o Commandante d'estes. Chega Fernão de Sousa a* Maluco, *e tratam os Castelhanos de o entreter. Resposta que lhes dá Fernão de*

Sousa. Entrevista d'este com o Commandante Castelhano. Accordo que ambos tomam. Quebra o Castelhano a sua promessa. O que faz então Fernão de Sousa. Coge Çofar faz propostas ao Governador de Dio: este responde-lhe, e avisa novamente o Governador Geral. Este manda soccorrer Dio. Coge Çofar, intenta uma traição. Prevenções de D. João Mascarenhas. Começa o cêrco de Dio. Discripção d'esta. Coge Çofar arenga aos seus e faz novas propostas a D. João Mascarenhas. Resposta que este lhe dá. D. João de Castro, manda seu filho D. Fernando a Dio. Dividem-se os postos da fortaleza por diversos Officiaes. Falla de D. João de Castro aos seus soldados. Chegam mais soccorros ao inimigo e este começa a bater a fortaleza. Estratagema do inimigo n'uma náo que os nossos tomam, e conduzem para a fortaleza. Chega D. Fernando a Dio. D. João de Castro pregóa a guerra contra Cambaya, pede um emprestimo aos mercadores e manda fazer préces nos Templos. Tomam-se alguns mantimentos ao inimigo. O Governador de Dio manda avisar por terra a El-Rei D. João III. Os inimigos tomam um fosso. Chega o Sultão com muita tropa: ausenta-se, e fica Jusarcão em seu lugar. Feito notavel de Diogo Anaya, e valor das mulheres de Dio. Morre Coge Çofar.

Dicára o nosso nome sendo mais temido dos Principes da Asia, do que amado, depois da morte do Sultão Badur, Rei de Cambaya; porque, como as suas culpas eram secretas, a punição publica tinha em favor da sua memoria a commiseração dos homens, ou por veneração para com a sua estirpe, ou por velio ao nosso dominio, tão aborrecido por ser estranho.

Succedera a dita morte no governo do grande Nuno da Cunha, e Mahamud que herdára então o throno de Cambaya, e a affronta de Badur, ardendo no fogo da vingança emprehendeu tomar Dio aos Portuguezes, e expulsal-os da India, ligado com outros Principes. Tanto elle como os seus, julgavam esta empresa mui facil, pois discursavam que o Estado tendo a cabeça no Occidente, e os membros separados por immensos mares e terras, era um corpo monstruoso que fraca resistencia poderia oppôr, quando fosse atacado por fortes exercitos; e que, sendo Cambaya um poderoso Reino, tanto prejuiso causaria ao mesmo Estado tendo-o em continuo sobresalto, como ganhando-lhe uma victoria. Entre os Grandes e Sabios do Reino, havia discordancia ácerca de semelhante objecto; estes ajuisavam que a guerra seria fatal a Cambaya, argumentando com o terrivel resultado do primeiro cêrco, o qual tanto sangue e vidas lhe havia feito perder. Censuravam os que tinham celebrado a paz com o Estado, e os que agora pertendiam quebral-a; a estes, porque não sabiam ser fieis ao que haviam contratado; e áquelles por terem desconhecido a offensa. Outros porém, raciocinavam o contrario em favor da guerra e da victoria.

Era do partido dos ultimos Coge Çofar, privado do Rei, e por isso o mais poderoso e detestado de Cambaya. Julgava elle que a inveja que os Grandes lhe tinham era vicio da paz, e aconselhava a guerra para a fazer perder com o perigo commum, e para poder achar um meio de criar homens novos, que na qualidade de creaturas suas lhe guardassem sempre fidelidade, defendendo-o da sanha de seus inimigos. — Passaremos a mostrar quem era este homem.

Fòra Coge Çofar nascido na Albania, de pais Catholicos, embora se tornassa depois fructo degenerado de boa

arvore. Teve praça de soldado nas guerras da Italia, nas quaes foi mais conhecido por petulante que por valeroso; convidavam-no sempre para os tumultos, e rebelliões, por ser o mais pessimo dos seus camaradas; assim viveu alguns annos n'aquella vida licenciosa sem recompensa, e sem punição, até que não lhe permittindo o genio buliçoso o aguardar a fortuna, mas sim o procural-a, passou de soldado a commerciante: era elle dotado d'intelligencia e d'avidez, por isso uma occupação tal convinha muito aos seus interesses.

Começou dentro em pouco a crescer-lhe a riqueza, por conhecer bem as occasiões em que podia tirar bom lucro da sua profissão; mostrava-se conjunctamente generozo e avaro, vicioso por indole, virtuoso por artificio. Chegou emfim a medrar tanto em haveres e reputação, que navegando pelo Estreito com trez sétias suas, carregadas de diversas fazendas de muito preço, foi combatido e aprisionado por um General do Soldão do Cairo, denominado Rax Solimão. Este tratou-o com muita benevolencia, a ponto de estimar mais a sua pessoa do que a preza, e apresentou-o ao Soldão, como prisioneiro de muito bom nome, e de muita valia.

Passado pouco tempo, já Coge Çofar estava tão satisfeito da sua escravidão, como se a procurára. Como tinha aprendido alguns usos da guerra nos exercitos da Italia, e de Flandres, fallava das forças dos Christãos com odio, e despreso, procurando conseguir que o Soldão entrasse a conhecer o seu proprio poder. Com estes ardís, obteve que o Soldão começasse a julgal-o capaz de grandes cousas. Principiou este a ouvil-o primeiro, por passa-tempo, depois por simpathia. Çofar approvava-lhe os erros, e os acertos com tal arte, que mostrava fazel-o com franqueza e liberdade, só com o intento de o servir, e não

de lhe agradar. Occultava a estima do Soldão, e fugia de receber favores publicos com mais cautella, que modestia. Nas discussões ácerca da guerra, tinha elle o primeiro voto, já pela pratica que tinha d'ella, já pelo grande valimento que o Principe lhe dispensava. Exerceu o cargo de thesoureiro do Cairo, emprego de grande importancia, com muito tino e probidade, e como isto fosse novo entre barbaros, mereceu os maiores louvores do Soldão. Quando se tratava d'algumas empresas contra Christãos, era o seu parecer sempre mui bizarro, principalmente n'aquellas que elle não tinha de executar. Tendo porém, chegado ao maior auge da fortuna, e não querendo conserval-a por via dos artificios com que a alcançára, entrou a mostrar-se ambicioso e soberbo; tanto assim, que empregava toda a sua attenção em procurar póstos e empregos para si, e não amigos, despresando o abrigo d'estes, e a convivencia; n'uma palavra, apenas do Soldão queria parecer subdito, de todos os outros parecia senhor.

A sêde de mando e de riquesa, em semelhante homem, era insaciavel, e por isso elle entrou a servir-se de pretextos publicos para destruir os Grandes do Reino, como querendo que em vez d'um Rei, houvessem dous; mas tão detestado, e aborrecido o veio a tornar um sem numero de violencias, que praticára, que os Mouros cansados de tanto lhe soffrer, perderam a paciencia, e dirigiram energicas representações contra elle ao Soldão, pintando com vivas cores as suas prepotencias, e extorsões, e chegando até a dizer ao mesmo Soldão: «que escusado era armarem-«se embarcações para aprisionar Christãos, visto que estes «chegados ao Cairo se haviam tornar senhores, e não es-«cravos; em despeito das crueldades que muitos Turcos «nobres soffriam em terras da Christandade, mui particu-«larmente nas d'Italia, e Hespanha; que se não devia to-«lerar que tantos Baxás illustres estivessem sendo governa-

«dos por um abjecto escravo; que já não podiam soffrer «calados as offensas, que elle diariamente lhes fazia, e «muito menos as injurias feitas ao Propheta, deixando que «entrasse em suas Mesquitas um Christão insolente, e de-«sacatador, ao qual só faltava collocar Cruzes nas praças «do Cairo, para as adorar.»

Foram estas palavras proferidas com tanta altivez, e franqueza, que antes pareciam uma conjuração do que uma queixa; e como com as offensas particulares se misturassem as da religião, o que desperta sempre o murmurio e o amor dos povos, foram ellas attendidas benignamente pelo Soldão, e Coge Çofar privado logo das honras e empregos, ordenando-se-lhe que mudasse de crensa: tão vario, e pouco seguro é o valimento dos que occupam o primeiro cargo d'um Paiz, ainda mesmo com as proprias creaturas suas; nem mesmo se deve estranhar que elles muitas vezes tenham identico comportamento para com homens, a quem devem relevantissimos serviços feitos em pról da sua pessoa, e do throno onde se assentam.

Coge Çofar, ao ver-se em desprivança, tornou-se humilde como o fôra antes da sua elevação, e entrou a pôr em pratica os ardís que a sua posição critica lhe ensinava; e, como de Christão não possuia mais que o nome, não lhe custou nada a trocar pelas trevas do Alcorão a luz do Evangelho, mudando o nome que recebêra no Baptismo, pelo de Coge Çofar, que lhe temos dado, por não sabermos qual fôra o primeiro que teve.

Começára o novo cultor de Mafamede a adquirir maior credito dos Mouros, sanando a sanha dos émulos com muitos presentes, e a da plebe com o ter apostatado da Fé em que nascera; mas conhecendo já a volubilidade do Soldão; e querendo escapar-se em tempo a uma segunda quéda,

assassinou uma noite á traição a Rax Solimão seu inimigo, e a um filho d'este, e fugiu secretamente com as joias e dinheiro dos assassinados para Cambaya, por saber quanta estimação alli se fazia dos estrangeiros que tinham algum conhecimento da tactica da guerra, e do regimen civil da Europa. Entrou logo no serviço d'El-Rei de Cambaya, correspondendo-lhe o resultado á esperança que tinha quando fugira do Cairo; pois que não tardou que não fosse o primeiro valido de Badur, sendo inseparavel d'elle nas suas victorias, e nas suas desgraças, e mesmo na da sua morte, quando já se achava tão engrandecido e oppulento que em poder e authoridade não havia maior vassallo. Tendo Mahamud succedido no Throno, tributou tambem a maior consideração e estima a Coge Çofar inflamando-o este na vingança da morte de Badur, pelos fins já mencionados, e para que mostrando muito amor e respeito á memoria do fallecido Rei, podesse melhor cimentar o valimento do seu successor; em concordancia com o expendido, fallou Coge Çofar na presença de Mahamud, e dos sabios de Cambaya da seguinte maneira:

«As mercês que por espaço de dez annos recebi de «Soltão Badur, são manifestas a todos; aos de fóra com es«panto de sua grandeza, aos de casa com enveja de minha «fortuna; poz-me os olhos, e levantou-me como vapor da ter«ra, antepondo-me estranho, e peregrino, aos que lhe nas«cêram em casa; sendo vassallo me tratou como amigo, e «me amou como filho. A este clementissimo Principe (cu«jas cinzas venero como de senhor, choro como de pai) de«baixo do sagrado da paz, tiraram os Portuguezes a vida «com escandalo de todos os Reis, e não menor injuria de «seus vassallos, indignos de o havermos sido de Principe «tão grande, pois insensiveis, e ingratos estamos alimen«tando os homicidas de nosso Monarcha em nossa mesma «casa, gozando como herança a praça, que asseguraram com

« tão atroz delicto; hontem hospedes, e agora senhores. Vós,
« ó Principe herdeiro, e senhor d'este Imperio, vêdes vos-
« sos vassallos cada dia receber leis d'estes insultuosos; a
« vós toca determinar a quem havemos de obedecer primei-
« ro, se à nosso Rei, se a nossos inimigos. Crescerá com
« a nossa paciencia o seu atrevimento. Depois de cometti-
« do o maior delicto, qual não terão por leve? Quem du-
« vidará ser offensor onde se não vingam injurias? Acabemos
« pois de despertar d'este mortal lethargo; metamos até os
« cotovelos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; nes-
« te veneno banhemos os alfanges, porque percam com as
« vidas, a gloria de tão grandes insultos. Com o sangue
« de Badur recebêram as armas Portuguezas a maior fama
« do mais atroz delicto, e deixámos-lhes na mão a espada,
« com que nos degolaram o Rei, para que com ella mesma
« nos usurpem o Reino; tiremos pois d'entre nós estas vi-
« boras nascidas no ultimo Occidente, para inficionar a Asia
« toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que
« elles chamam victorias. E começando naquelle primeiro
« Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Orien-
« te, deram fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o
« primeiro a quem cortou seu ferro. As náos de Meca, que
« no amparo do Propheta, e paz das ondas, navegavam se-
« guras, foram assaltadas, e rendidas d'este feliz cossario,
« que tantos annos, como monstro do mar, teve por casa
« as ondas, e por abrigo os ventos, e as tormentas. Pois
« aquelle D. Francisco de Almeida, que em um só dia,
« e com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egypto,
« e Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, pa-
« rece que queria beber o sangue do Oriente todo, se um
« Albuquerque successor de sua crueldade, e seu governo,
« lhe não viera tirar das mãos a espada. Este nasceo para
« injuria de todas as Monarchias, porque com senhorear
« Malaca, poz a todo o Sul frêo; rendeo Ormuz, emporio
« das riquezas do Mundo; tomou Gôa ao Sabayo para ca-

« beça de seu tyrannizado imperio; e sem trazer os exer-
« citos de Xerxes, ou Darío, fez tributarios mais Reinos
« do que trazia soldados; levantando o pensamento a querer
« tirar de Meca o corpo do Propheta; poz em conselho
« mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egypto; em-
« prehendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias,
« uma ao Ceo, outra á natureza. Não poderei referir a
« ambição de tantos, que com nossas injurias se fizeram
« illustres, porque temo me não caiba no tempo, ou na
« memoria; porém lançai pelas mais remotas partes do Orien-
« te a vista, ou o juizo, vereis a maior parte do Mundo
« receber leis de poder tão pequeno. Elles navegavam d'a-
« quella parte de Africa, que corre do Cabo de Boa Es-
« perança até ás portas do Estreito do Mar Roxo, dominan-
« do por aquella parte Moçambique, Çofála, Quilôa, e
« Mombaça; e discorrendo o Cabo de Guardafú, olhando
« para as gargantas do Mar Roxo, Adem, Xael, Herit,
« Caxem. Temem suas armadas as Cidades de Dofar, e
« Norbete no Cabo de Fartaque, e logo Curia, Muria, Ro-
« zalgate. Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli a Ilha de
« Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacão, e Li-
« ma; o Cabo Mocandão, e Jazque, que formam a bôca do
« Estreito, que se estende até o rio Indo; logo o Cabo
« Guzãrate, e Cinde nesta nossa Cambaya, donde até o
« Cabo de Comori passeam suas armadas a India por espa-
« ço de trezentas legoas, e começando d'esta nossa Cidade
« de Cambaya discorrem por Madigão, Gangar, Baroche,
« Çurrate, Reyner, Moscarin, Damão, Taraper, Baçaim,
« Chaul, Bandor, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Ca-
« repatão, Tamega, Banda, Chaporá. Senhoream Gôa, as-
« sento de seus Governadores, e logo o maritimo do Canará,
« com Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor, e Mangalor;
« e logo aquella parte principal do Malabar, que aquentam
« suas frotas, onde está o Reino de Cananor, e nelle Ca-
« tecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão. Com

« não menos soberba assombram o Imperio de Calecut com
« seus portos de Pandarane, Coulate, Charé, Capocate,
« Parangale, Tanor, Panane, Balcançor, e Chatua. Nos
« Reinos de Cananor, e de Cochim quasi dominam com abso-
« luto imperio em Porcá, Coulão, Calecoulão, Dotorá, Bi-
« rinjão, Travancor. Alcança o respeito de suas armas até
« o famoso Cabo Comori, defronte do qual está a illustre
« Ilha de Ceilão, onde carregam as náos de differentes dro-
« gas. Não perdoam á enseada de Bengala, ou seu do Gan-
« ges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande,
« Chercapale, Tutucuri, Calecare, Beadala, Canhamorra.
« Correm Negapatão, Nabor, Triminipatam, Traguobar, Co-
« lorão, Calapate, Sadrapatão. Amedrontam com a multi-
« dão, e grandeza de seus baixeis Biznagá, e a costa brava
« de Orixa, e toda aquella distancia, que ha de Segopora
« até Oristão, e as bôcas do Ganges. Atravessam o Cabo
« de Negraes, Arracão, e Pegú com tantas e tão mara-
« vilhosas Ilhas. Passam por Vagatú, e Martavão, Tagala,
« e Favaes, Tanaçari, Lungur, Tairão, Queldá, Solungor,
« navegando até sua Malaca, cabeça de todo aquelle Archi-
« pelago. E logo dobrando o Cabo de Sincapura, ancoram
« nos portos dos Reinos de Syão, Cambaya, Champá, e
« Cochichina. E passando aos Reinos da China, se atreve-
« ram a olhar aquelle tão recatado Imperio, que nunca sof-
« freu a communicação de gentes estrangeiras; alli funda-
« ram a celebre Cidade de Macáo, por onde persuadem aos
« Chins os Mysterios de sua crença, fazendo juntamente do
« commercio á Religião escada. D'aqui se divertem para as
« innumeraveis Ilhas de Japão, visitando Tava, Timor, Bor-
« neo, Banda, Maluco, Lequios; de sorte, que as vellas Por-
« tuguezas com incansavel navegação, rodêam a maior par-
« te do Mundo em distancia de mais de nove mil legoas,
« que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição,
« guiou sua fortuna. Repetí prolixamente todo o maritimo
« da Asia, onde as armas Portuguezas, por imperio, ou

«commercio, se hão feito conhecidas, porque de tão der-
«ramadas conquistas, faz o Mundo erradamente o maior
«argumento de seu poder, e eu de sua fraqueza; porque
«sendo Portugal um abreviado Reino no ultimo Occidente,
«e com perpetuas guerras na Africa vizinha, onde se con-
«sumem com os successos prosperos, e adversos, comendo-
«lhes sempre gente a guerra nas facções, e nas praças, que
«guarnecem, e agora não podendo caber aonde nasceram,
«como aborrecendo o Ceo, e o clima, que os ha produzido,
«andam vagando o Mundo, como se lhes fôra usurpado o
«senhorio dos homens, das terras, e dos ventos. Agora
«deixo ao mais rasteiro entendimento, que julgue o pouco
«que se podem temer forças tão divididas, as quaes na
«maior prosperidade vão acabando suas mesmas victorias. Que
«temos que receiar d'este imperio de loucos, que com um
«braço na Asia, outro no Occidente, querem abarcar o
«Mundo. Na India tem muitos Principes sujeitos, porém
«nenhum amigo; todos aos dominantes adoram, e aborre-
«cem, porque com nenhum assentaram os Portuguezes paz,
«senão depois de victorias, e estragos; de sorte que não
«o amor, senão a injuria os tem feito conformes; e todos
«estes servem em quanto não podem offender. Mas que se-
«rá se virem a Soltão Mahamud armado na campanha?
«Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos solda-
«dos? Fizeram muitos Reis tributarios á força de armas,
«e dado que d'ellas mesmas hoje recebem amparo, mais
«facilmente esquece um beneficio, que uma injuria. Selim
«senhor dos Turcos ainda vê abertas as feridas dos seus
«Janizaros recebidas em Dio; e quem está tão pouco cos-
«tumado a receber injurias, não perderá a occasião de vin-
«gar a primeira; ou sendo autor da guerra, ou companhei-
«ro nella, ambicioso tambem de que a melhor parte do
«Mundo conheça seu imperio. O Çamorim depois que en-
«traram os Portuguezes no Oriente, não tem porto que
«não fosse theatro de victorias suas; e apenas tem vassallo

F. L. Botelho lith.

Off. de M. A. r. do Crucefix

D. JOÃO DE MASCARANHAS.

«que não fosse cortado de seu ferro. O Hidalcão cada dia «vê regadas de sangue as terras de Bardez, e Salsete; e «depois de o Governador lhe fazer injusta guerra, trouxe «Meale a Gôa, querendo honestar-lhe sna ruina com a jus-«tiça alhêa. Todos os outros Principes se hão de armar «contra o commum inimigo, para poderem respirar na «antiga liberdade em que viviam. Pelo que a mim toca, «os filhos, a fazenda, e a pessoa offereço a esta guerra, «se acabar nella, em meu sangue verá Badur minha fide-«lidade; e em ambos os successos não terei por menos «honrada a morte, que a victoria.

Assim discursou Coge Çofar, sendo ouvido com bastante attenção por se julgar justa a causa que advogava, e pelo credito que merecia a sua pessoa. El-Rei, louvando muito o seu zelo e fidelidade, encarregou-o da empresa, pelo julgar a maior capacidade do seu Reino, em conhecimentos militares. Coge Çofar, tratou logo dos precisos preparativos internos, com muita prestesa, sem se esquecer de lembrar aos Reis comarcãos, suas proprias injurias, offerecendo-lhes para as vingar, as tropas do seu Principe. Mandou igualmente Embaixadores a Constantinopla, para convidarem o Turco a reganhar a reputação de suas armas, lançando fóra da India aos Portuguezes, em proveito da Religião de Mafamede, e do Estado. Pertendeu facilitar mais o pedido soccorro por via d'um presente de immenso valor, o que mais servia para excitar a cobiça do Turco, contra a oppulencia d'elle Coge Çofar, do que para alcançar-lhe um auxilio para a defender.

D. João Mascarenhas, grande por seu illustre nascimento, e por triumphos que alcançára no Oriente, era então Capitão-mór de Dio. Informado elle pelas espias que tinha em Cambaya, de que Coge Çofar e todos os seus, preparavam forças consideraveis para atacar aquella fortaleza, as-

sim o participou logo a D. João de Castro, ponderando-lhe que estava falto de tropa, de munições e d'apetrechos, e que este descuido era originado pela paz de tanto tempo, ou por se suppor que a nossa ultima victoria, obrigaria o inimigo a temer-nos por muitos annos.

Quando esta participação partiu de Dio para Gôa, já D. João de Castro tinha enviado para alli duzentos soldados, debaixo do commando de D. João, e D. Pedro d'Almeida, filhos de D. Lopo d'Almeida, e de Gil Coutinho, e Luiz de Sousa, filho do Chanceller-mór do Reino. Havia tambem feito partir dois emmissarios mui conhecedores do mar, e da geographia de Cambaya, com cartas para Mahamud, nas quaes lhe patenteava o conhecimento que tinha dos preparativos militares, que elle estava fazendo, e o quanto sentia que não lh'os tivesse participado, para como amigo o auxiliar na empresa, que projectava; acrescentando, que para tornar effectivo esse auxilio, tinha prompta para navegar uma poderosa armada, e uma guarnição valente na praça de Dio, com munições de sobra; que os soldados estimariam mais enriquecer-se com os despojos d'uma campanha, que com o pequeno soldo d'uma paz em ócio. Recommendou tambem aos emmissarios, que tomassem nota sagazmente das forças do inimigo, e que observassem o acôrdo em que se achava o povo, para melhor poder avaliar qual seria o resultado do acommettimento em projecto. Interromperemos aqui a narração das cousas de Cambaya, para fazermos menção das de *Maluco*, que aconteceram no mesmo governo de D. João de Castro.

Muitos annos estivemos nós de posse das *Malucas*, pelo direito de descuberta, e de conquista; pois que as primeiras armas da Europa, que penetraram n'aquellas Ilhas, foram as nossas: e por esta razão entraram ellas na nossa demarcação, segundo a divisão que os Pontifices Romanos

teram entre os Reis de Portugal, e de Castella. Além do direito referido assistia-nos o de herança, conforme passamos a demonstral-o.

Reinava em Portugal o afortunado e grande D. Manuel, primeiro e ultimo d'este nome, quando, resplandecendo nas mesmas Ilhas as brilhantissimas luzes do Evangelho, muitos dos seus Reis abandonaram as trevas do Paganismo, para receberem de tão sublime Monarcha, Religião e Imperio. Um d'estes, foi o Rei das principaes Ilhas de *Maluco*, que recebeu em Gôa o Baptismo, e n'este, o nome de D. Manuel. Passando este novo convertido a governar os seus Estados, com justiça e equidade, mostrou-se sempre grato aos beneficios, que devia ao Throno Portuguez; tanto assim, que tendo annos depois fallecido em Malaca, sem descendencia alguma, deixou a El-Rei D. João III. por herdeiro dos seus Reinos, n'um testamento que revestiu de todas as formalidades legaes, para que successivamente andasse vinculado na Corôa de Portugal. Estas Ilhas, porém, descubertas á custa de tantos perigos, defendidas com sangue, e possuidas com tanta justiça, deixamol-as a Castella, em despeito do parecer dos mais abalisados Jurisconsultos, e intendidos Geographos.

Achára D. João de Castro em Gôa, a Cachil Aeyro, o qual apezar de ser homem muito respeitado nas *Malucas*, e correr-lhe nas veias o sangue do fallecido Principe D. Manuel, comtudo, tinha sido forçado por desastrosa quebra de fortuna a passar á India, para se valer da benevolencia dos nossos. O Governador Geral, querendo recompensar-lhe alguns serviços que havia feito ao Estado; e julgando a sua pobreza impropria da sua gerarchia, investiu-o na posse do Reino de *Maluco*, ficando o uso da regalia dependente do Soberano de Portugal, para com elle, e seus descendentes. Alguns dos Reis da India, julgaram semelhante

dádiva rasgo de prodigalidade; outros, chamaram-lhe acção de despreso; porém todos se espantaram de que forcejando nós tanto para adquirir conquistas, as largassemos depois com tanta facilidade.

Havia alguma perturbação em *Maluco*, com a chegada de trez embarcações Castelhanas; as quaes tendo avistado aquellas Ilhas, e precisando reparar algumas avarias, que uma tempestade lhe causára, desembarcaram na de Tidore. Não mencionaremos agora a resistencia que os nossos lhe opposeram, por ter isso acontecido n'outro governo; restringir-nos-hemos simplesmente ao succedido no tempo de D. João de Castro.

Apenas constou a este Governador Geral, o desembarque referido, mandou elle logo a Fernão de Sousa de Tavora desalojar os Castelhanos, que, excitados pela abundancia e riquesa da terra, pertendiam gozar o fructo de nossas fadigas, sem attenção a que aquellas Ilhas eram nossas pelo direito de descuberta, e por herança. Commandava os Castelhanos Ruy Lopes de Villalobos, homem mais cauto, que valeroso. Mas como é fama que o genio da sua Nação, é todo hyperbolico, Ruy, não querendo desmentil-a, tinha feito aos *Tidorinos* uma pintura exagerada do poder de seu Soberano—o Imperador Carlos V,—e do interesse que teriam todos os Reis Gentios em lograr a sua amisade, pois alcançariam grande auxilio na guerra, e muita protecção para o seu commercio; tratou igualmente d'abater todas as nossas cousas com expressões de bastante despreso.

Algum damno nos causou este proceder de Ruy; pois que muitas d'aquellas Ilhas, acreditando suas asserções, começaram a desejar a alliança de Castella em vez da nossa, e mesmo a dispor-se para nos hostilisar.

Foi n'este tempo que desembarcou em *Maluco* Fernão de Sousa de Tavora, o qual informado por Jordão de Freitas Capitão da fortaleza, de tudo quanto se passava, convenceu-se de que o partido Castelhano hia crescendo, por se terem prometido soccorros, e riquezas da Hespanha; porém, sabendo Ruy da chegada do Capitão Portuguez, e qual era a incumbencia que este trazia; e querendo eximir-se com arte, d'encetar a lucta com as nossas armas em quanto não lhe chegassem os auxilios, que tinha requisitado á sua nação, escreveu logo mui cortezmente a Fernão de Sousa, lembrando-lhe: «que estavam entre povos «que muito desejavam as nossas dissenções, para se livra-«rem de nós; que se ambicionavamos guerras, muitas ti-«nha-mos nós na India; que não quizessemos ter mais ini-«migos, pois já contavamos bastantes; que o Mundo era «muito grande, para nós que eramos poucos, o povoar-«mos sós; que podiamos servir-nos das suas armas para «conter os Gentios na obediencia; porque sendo Hespa-«nhoes, e Catholicos, eram mui bons para soldados, e «mui fieis para amigos; que visse bem, que mais util era «a Portugal a paz de Carlos V., que o cravo da *Maluco*, «e que estas discordias entre vassallos podiam ter os effei-«tos das minas, que rebentam a muita distancia do sitio «onde pega o fogo.»

A resposta que Fernão de Sousa deu a esta carta, foi: «que elle era pequeno no corpo, mas tão abreviado na «resolução, como na estatura; que aquellas Ilhas eram de «El-Rei de Portugal seu senhor, que com a mesma espa-«da com que as ganhára, as podia defender; que bem sa-«bia que era Hespanhol, e Castelhano, porém que isso «não lhe dava justiça para tomar-lhe a capa; que o Im-«perador não faria guerra a Portugal sem ler primeiro «nas chronicas de Castella, os successos de seus anteces-«sores, que, ou se havia de embarcar para a India, ou

« meter-se n'aquella fortaleza, onde lhe daria embarcação « segura para Hespanha. »

Da leitura de carta tão ríspida, dedusiu o Castelhano, que Fernão de Sousa não pertendia gastar muito tempo em ultimar a sua incumbencia; e vendo que não podia resistir-lhe, nem lhe convinha desobedecer-lhe, escreveu-lhe segunda vez propondo-lhe uma suspensão d'armas, até que seus respectivos Soberanos informados do estado das cousas, determinassem com pacifico acôrdo, a decisão da causa; « porque, (accrescentava Ruy) se antes d'isto se der- « ramasse sangue, ficaria a cargo dos Reis o vingar os vassallos; « que entre Portugal e Castella havia direitos, e agravos, que a « paz cobria; que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cin- « zas d'um longo esquecimento; que se os Castelhanos se « retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua « mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e « das doenças, se os obrigassem a condições injustas, maior « força lhes faria o brio, que a necessidade em que esta- « vam. »

Fernão de Sousa, entendendo que semelhante carta era um composto d'evasivas; e sabendo por differentes canáes, que o Castelhano queria aproveitar delongas para se remir, respondeu simplesmente: « que deixados argumen- « tos, tratasse de defender com a espada o seu direito. »

Ruy Lopes, vendo por esta respôsta que conheciam os seus designios, ou que o despresavam, deixou-se vencer antes da rasão do que da força, e respondeu immediatamente a Fernão de Sousa: « que se encontrassem ambos « no mar no dia seguinte com mais tres companheiros, pa- « ra assentarem nas condições da sahida, e da embarcação « que lhe fôra offerecida. » Tendo Fernão de Sousa annuido a esta proposta, partiu n'um escaller ricamente toldado

a encontrar Ruy Lopes, que já o esperava. Reuniram-se os dois Capitães na embarcação Portugueza, onde o Castelhano depois de ser saudado mui cortez e polidamente, encetou a discussão sobre o negocio que havia a tratar, concluindo, se bem que infundadamente, que a justiça da causa pertencia ao seu Soberano.

Fernão de Sousa sustentou o contrario, defendendo o direito da Corôa de Portugal, bazeando-se nas escripturas outhorgadas entre os Monarchas d'este, e de Castella; as quaes Ruy Lopes estimou conhecer, talvez para do nosso direito formar a sua desculpa. Concordou-se depois, em que antes de tres dias os Castelhanos viriam para a nossa fortaleza de Ternate, na qual se lhes daria embarcação para a India, levando suas roupas, drogas e armas; e que o Rei de Tidore, seu co-partidario, ficaria em nossa graça. Feita esta concordata, houve um lauto banquete, no qual os dois Capitães fizeram alegres brindes á saude de seus Soberanos. Ao convite do mesmo banquete, accrescentou Fernão de Sousa o seu *çaguate* segundo a usança da India, presenteando com algumas joias a Ruy, e a seus companheiros, o que os deixou mais satisfeitos, que a concordata que tinham acabado de fazer.

Separaram-se os dois Capitães, voltando Fernão de Sousa para a fortaleza, mui contente por ter atalhado uma contenda tão perigosa, sem lesar a sua honra, nem a do Estado. No terceiro dia depois da citada entrevista, sahiu Fernão de Sousa para o mar a esperar os Castelhanos, em cumprimento do que com elles ajustára; e sabendo isto Ruy Lopes, mandou logo pedir-lhe, que lhe concedesse que a entrada d'elle e dos seus na nossa fortaleza, fosse no dia seguinte, visto ser-lhe precizo vencer ainda alguns obstaculos, os quaes lhe contaria.

Vendo Fernão de Sousa que o que pertendiam os Castelhanos, era eximir-se de cumprir o pactuado, mandou immediatamente forçar a voga, e foi metter-se entre elles, desacompanhado. Ruy, ao constar-lhe esta resolução mais filha da paixão, que da prudencia, veio esperal-o á praia com uma guarda de oitenta arcabuzeiros, e conduziu-o ao seu proprio quartel, mui cortezmente: chegado alli contou-lhe, que — « D. Alonso Henriques Capitão d'um dos navios « da frota do seu commando, menos por interesse do seu « Principe, que do seu particular, não queria de maneira al- « guma estar pelo capitulado; que para transtornar o seu cum- « primento, tinha conseguido reunir alguns amigos, e muitos « homens torbulentos para o coadjuvar nos seus intentos, al- « cançando mesmo que o proprio Rei de Tidore, lhe apoias- « se a sedição; que chamava zelo a esta, e á moderação « d'elle General, fraqueza, pois entregava as armas e as « bandeiras d'Hespanha que jurára defender, privando ao « Imperador da posse de tão ricas possessões, e aos soldados « do premio de navegação tão arriscada; que dizia, que a « Nação Portugueza como altiva que era, e pelo antigo odio « que nutria contra a sua, faria riso ou gloria d'este ren- « dimento. »

Acrescentou então Ruy « — que todas estas asserções « partiam de baze falça, pois que as não suscitava o serviço « do Soberano, nem o poundunôr nacional; mas sim a des- « confiança de que os nossos lhes não deixariam levar para « Hespanha a grande quantidade de *cravo*, que tinham re- « colhido, cujo valor lhes devia compensar todos os traba- « lhos, que haviam soffrido. » —

Apenas Ruy patenteou semelhante desconfiança, logo Fernão de Sousa tratou de lhe assegurar que era infundada; e como os Castelhanos mascarassem o interesse com o brio, vieram no outro dia metter-se na nossa fortaleza, esquecidos da sua pregoada bizarria.

Mas já ressoava o estrepito das armas de Cambaya; justo é que nos occupemos de seus estrondosos successos, e que deixemos a narração d'outros que lhes são muito inferiores.

Tinha Coge Çofar commando absoluto n'esta guerra, e confiava em que a força, e os enganos, lhe dariam um optimo resultado. Antes porém, d'acabar de reunir as immensas bagagens, e os soccorros, que havia mandado vir de differentes partes do Reino, escreveu a D. João Mascarenhas, dizendo-lhe — « que desejava tirar qualquer es-
« candalo que perturbasse a paz ajustada entre o Sultão,
« e o Estado, para se gosarem reciprocamente os fructos
« de tão justa concordia; que no ajuste passado, tinhamos
« dado consentimento para se fazer um muro entre a forta-
« leza, e a Cidade, o que se não levára a effeito, por não
« gerar desconfianças em tão tenra amizade; porém, agora
« que uma longa paz tinha apagado todo o injusto affecto,
« cumpria satisfazer o povo que pedia esta separação, para
« provar que elle vivia em liberdade; que, quando demo-
« limos as muralhas d'aquella parte da Cidade, fôra isso
« com a raiva, ou com a licença do triumpho; que era-
« mos hospedes em Dio, e não deviamos mandar como se-
« nhores; que os seus habitantes censurariam asperamente
« que o que lhes concediam seus Reis, lhes fosse tolhido
« por seus visinhos; que de vassallos estranhos só podiamos
« exigir amizade, não obediencia; que o Sultão lhe déra
« aquella Cidade, a qual determinava tornar mais populosa,
« e mostrar a todos os seus habitadores que não tinham
« n'aquella fortaleza um freio, mas sim um amparo; que
« aos Portuguezes, convinha muito satisfazer ao povo, para
« tornar segura uma paz bazeada sobre offensas. »

Deduzira D. João de Mascarenhas, do que Çofar lhe escrevéra, que este pertendia justificar o rompimento; e

tendo raciocinado ácerca da exigencia que elle lhe fazia, entendeu, que se annuia a ella, facilitava a empreza; e que se a negava, justificava a guerra; respondeu-lhe pois — «que em uma paz tão assentada, como a que Mahamud ti-«nha com o Estado, mais proveitoso lhe seria derribar pa-«redes, que levantal-as; que o muro nem seria a nós pe-«rigoso, nem serviria a elles d'amparo; que entre a for-«taleza e a Cidade estava outro reparo maior que a defen-«dia, que era a fidelidade Portugueza; que o felicitava «pela sua nova authoridade de senhorio, e que tivesse os «Portuguezes e os vassallos que alli se achavam, na mes-«ma conta; que o negocio, que propuzera, só podia ser «decidido pelo Governador da India, o qual não tardaria «a vir visitar aquella fortaleza, com uma armada que es-«tava aprestando; e que apenas elle chegasse, ser-lhe-hia «communicada a sua proposta.» — Dada esta resposta, e sendo 15 d'Abril, avisou D. João de Mascarenhas ao Governador Geral de quanto se passava. Este, porém, já de tudo se achava informado por via dos emmissarios que mandára a Cambaya, recebendo do Sultão uma carta, verdadeiro composto d'evasivas, por isso que nem declarava nem encobria o acommettimento.

O Governador Geral, tendo na maior conta a importancia da praça de Dio, decidiu-se a empenhar em sua defensa todas as forças e recursos do Estado. As cidades de Baçaim, e Chaul, que lhe eram as mais proximas, recommendou com expressões de muito affecto, que a soccorressem, estimulando-as com honra, premio, e obrigação. Mandou logo partir de Gòa um caravelão carregado de munições e mantimentos, levando a bordo duzentos e cincoenta soldados; estes porém, achando-se já os mares muito empolados, chegaram a Baçaim com muito custo; e tentando depois aportar a Dio, encontraram ventos tão péssimos, que a embarcação soffreu muitas avarias, e teve que tornar a arribar.

Coge Çofar, não tendo ainda reunido todas as suas tropas, tratou de nos acommetter com uma traição vil. Consistiu ella em comprar um soldado nosso, por grande preço, para em certa noite lançar fogo ao paiol da fortaleza, ou envenenar a agua da cisterna, ou para fazer que os Mouros podessem entrar na praça, pelas casas que lhe eram contiguas. O soldado porém, antes de cumprir o infernal ajuste, que fizera, sentiu-se inresoluto e aterrado, e foi participar tudo a um Mouro de sua amizade; mas, como sempre se suppõem mais lucro em descubrir traições, que em executal-as, foi o Mouro dilatar logo ao Capitão mór, o segredo que se lhe confiára; este sendo ainda informado de tudo por mais duas vias differentes; e considerando que um semelhante crime era indigno de perdão, enviou immediatamente o traidor soldado com cartas ao Governador Geral, para que este sciente da traição projectada, a punisse rigorosamente.

Vendo D. João Mascarenhas, que era impossivel evitar a guerra, mandou comprar todos os mantimentos que havia na Cidade, em quanto uma paz fingida lh'o permittia, o que serviu para conjurar a fome durante alguns dias; porém, essa compra tornou-se de difficil execução, logo que uma força inimiga veio occupar a Cidade.

Pelo Commandante d'estes, escreveu novamente Coge Çofar ao Capitão-mór, instando pelo levantamento do muro, ao que D. João de Mascarenhas simplesmente lhe respondeu: — «que os Portuguezes não deferiam a petições es«criptas com o arcabuz no rosto.» — Este dia não foi o primeiro da guerra, sendo o derradeiro da paz; porque no seguinte, entrou Coge Çofar na Cidade á testa de grandes forças para começar o cêrco, e impedir que fossemos soccorridos por terra; visto que em consequencia de nos acharmos então na estação invernosa, com muita difficul-

dade o poderiamos ser por mar: aquella horrivel quadra de tempestades, era o maior inimigo que a fortaleza tinha; pois que o *furor* dos Turcos, podiam extinguil-o, os golpes de nossas valentes espadas, em quanto que o das aguas e dos ventos, não podia ser vencido por forças humanas. E como no seio d'esta praça praticaram os Portuguezes, um sem numero de prodigios de valor, daremos uma breve noticia da sua posição geographica.

A Ilha de Dio, celebre pela riqueza de seu tracto, e mui illustre pela memoria de nossos triumphos, está situada n'uma enseada, e ponta, que limita o Reino de Cambaya, em altura de vinte e dois gráos do lado do Norte. Não se póde fixar com verdade a antiguidade da sua origem, porque sua memoria vive só em tradicções com colorido fabuloso, e não no menor escripto. O porto da enseada, foi sempre frequentado pelas náos que se dirigem a Méca, cuja viagem fez criar nos Mouros amor á Religião, e ao commercio. Um pequeno rio separa a Cidade, da terra firme, cingindo-a em roda. Tem este rio duas bôcas, uma ao Norte, outra ao Sul; a primeira não tem a menor serventia, por ser apariolada, e baixa; a segunda está quasi no mesmo caso, pela razão da muita aspereza do rochedo onde a agua bate. Outro canal ha na face da Ilha, no qual podem ancorar navios, e que dá á Cidade mui commodo desembarque.

Constava a força com que Coge Çofar tinha entrado na Cidade. de oito mil soldados, incluindo neste numero muitos Turcos ao soldo de Cambaya; acompanhavam este exercito quarenta e duas peças de grosso calibre, e dezoito basiliscos, com munições immensas, e muitos bastimentos. Além d'isto vinham mil Janisaros percebendo grande soldo, os quaes soberbos por indole despresavam a empresa, taxando de covarde a Çofar, por este pedir soccorros ao Grão

Senhor contra meia duzia de miseraveis Christãos, cuja derrota nem lhes faria ganhar honra, nem lhes promettia despojos. Porém, Coge Çofar partindo do temor, ou da experiencia, fazia diverso juizo da qualidade dos inimigos que hia combater, sem comtudo reprehender os Turcos por terem opinião differente da sua; e tendo aberto trincheiras, levantado reductos, e guarnecido de força todos os pontos, no que se mostrou soldado, e General, começou a sitiar a fortaleza, fazendo aos Turcos a seguinte falla:

«Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer, «nem a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro «d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque não che-«gam a ser mais que homens, ainda que são soldados. Em «todo o Oriente atégora os acompanhou, ou serviu a for-«tuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as «outras. Com um limitado poder fazem guerra ao Mundo, «não podendo naturalmente durar um Imperio sem forças, «sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhes são sub-«jeitos. Apenas tem quinhentos homens n'aquella fortaleza, «os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costu-«mam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem «ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inverno. Es-«tão faltos de munições, e mantimentos, assegurados na «paz, ou na soberba com que despresam tudo. Como são «poucos, sempre n'aquelle muro hãode assistir os mesmos «defensores, sem haver soldado reservado para o logar do «outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nos-«sa bateria, e por força as hade render o trabalho repar-«tido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que «fizeram nas galés do Grão Senhor no cerco d'esta mesma «fortaleza. A tão honrados Turcos, e valentes Janisaros, «como estais presentes, toca a acudir pela honra de vossa «gente, e de vosso Imperio, como causa mais justa da guer-«ra, que fazemos; que ainda que Cambaya tem exercitos,

«e soldados, não convém á reputação do Grão Senhor vin-
«gar suas injurias com as armas alhêas. Com este fim vos
«trouxe a esta empresa, porque vos não furtassem outros
«a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra, que
«agora estais pisando, cobre os ossos de vossos companhei-
«ros, parentes, e amigos, que a cada um de nós (me pa-
«rece) estão chamando por seu nome contando-nos as mortes,
«e as feridas que d'estes homicidas receberam, esperando
«por vosso esforço poderem descançar vingados. Estes mes-
«mos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios,
«atrevidos á Magestade de Principe tão grande, cuja vin-
«gança será grata a todos os que se chamam Reis, preci-
«sa a todos os que somos vassallos.»

Coge Çofar, acabada esta pratica, ou para justificar a guerra, ou para dar tempo a que lhe chegassem mais alguns reforços, instou novamente com D. João Mascarenhas para que se levantasse o muro entre a fortaleza, e a Cidade, pedindo além d'isso que as embarcações de guerra de seu Soberano, podessem navegar sem guias assignadas pelos nossos Generaes, afim de cessar um escandalo que o Sultão podia tolerar como amigo, não como Monarcha. Pediu tambem, que os navios mercantes podessem deixar de demandar aquelle porto, para interesse do commercio. D. João Mascarenhas respondeu a tão atrevida mensagem: — «que entre tambores e bombardas não se faziam
«acordos d'amizade; que aquella fortaleza, estava costuma-
«da a dar leis a todos, e não a recebel-as de ninguem; que
«em breve esperava castigal-o como a quebrantador das pa-
«zes, e que então soffreria a seu pesar condições mais du-
«ras, escriptas com o sangue de seus mesmos Jauisaros.»

A este tempo, já o Governador Geral tinha feito aprom-ptar nove embarcações com incrivel prestesa, dizendo a seus soldados: «que n'uma empreza tão heroica, e nobre, só to-

«mariam parte os seus dilectos; que de muito bom grado «trocaria elle agora as prisões de seu cargo, pela liberda-«de de qualquer soldado; que ainda que estava resolvido «a hir descercar Dio, não podia negar as invejas, que ti-«nha aos que primeiro que elle haviam de vir a braços com «os Turcos.» E logo chamou a seu filho D. Fernando, e disse-lhe em salla publica:

«Eu vos mando filho, com este soccorro a Dio, que «pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de «Turcos; pelo que toca a vossa pessoa não fico com cui-«dado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei «um filho. Encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquel-«les de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, «e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer «o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimen-«to em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; «lembro-vos que o que vier mais honrado, esse será meu «filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores, «morrer gloriosamente pela Lei, pelo Rei, e pela Patria. «Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora «ganhal-a.»

Em seguida lançou-lhe a sua benção, e recommendou-o a Diogo Reinoso, cuja prudencia, discripção, e valor, o tornaram um dos mais distinctos Cavalleiros Portuguezes d'aquelle tempo. Partiram n'esta occasião com D. Fernando de Castro, o mui valente Sebastião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, e D. Francisco d'Almeida, filho de D. Lopo, que hia fazer companhia a dois irmãos que já tinha em Dio. Partiram igualmente Antonio da Cunha, Pedro Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e muitos outros fidalgos de não menor fama, que os nomeados, pois que muito contribuiram para que Portugal fosse respeitado n'aquelle tempo, como uma Nação d'Heróes.

D. Fernando de Castro, foi portador d'uma carta de seu pai para D. João de Mascarenhas, na qual entre muitas expressões lisongeiras, liam-se as seguintes: — «Quanto me-«lhor é n'esta occasião ser Capitão de Dio, que Governa-«dor da India; com o pequeno soccorro que vos envio, «mando-vos meu filho D. Fernando, para que depois no «Reino, entre as vanglorias da velhice, *conte que fôra vos-«so soldado*; ficai certo, que todas as forças do Estado se «hãode empenhar na defensa d'essa fortaleza; n'esses na-«vios vão muitos fidalgos moços, cujo orgulho deveis mo-«derar, porque a obrigação dos cercados, só é defender-se; «ahi vos mando munições, que bastam a esperar segundo «soccorro, dois engenheiros, e muitos officiaes mecanicos «para reparar as ruinas da bateria, com os instrumentos, «e materiaes convenientes.» Deprehende-se de semelhante leitura, que D. João de Castro comprehendia perfeitamente as obrigações de Governador, e de General, e que as executava com summo zelo.

Em quanto isto se passava em Gôa, mandava D. João de Mascarenhas destruir a ponte que dava passagem do baluarte S. Tiago, para o outro lado, e collocava em seu lugar uma outra levadiça. Entregava a defensa do mesmo baluarte, a Alonso Bonifacio, Escrivão da Alfandega — a do baluarte de S. Thomé, a Luiz de Souza — a do baluarte de S. João, a Gil Coutinho — a do baluarte que ficava por cima da porta, a Antonio Freire — a do outro baluarte S. Tiago, que dominava o rio, a D. João d'Almeida, e a seu irmão D. Pedro d'Almeida — a da couraça pequena, a João dos Venezianos — e a da couraça grande, a Antonio Rodrigues. — Repartia por todos estes pontos cento e setenta soldados, ficando com trinta de reserva para soccorrer aquelles que mais o precisassem.

Eis-aqui a diminuta força, com a qual D. João de Mas-

carenhas tinha de resistir a um poderoso exercito inimigo, esperando mesmo alcançar com ella importante victoria; tanto é certo que a Varão tão illustre, nunca o atterrára o maior perigo! Tendo disposto com tanta segurança a defensa, ordenou a maior economia possivel no gasto das munições, e dos mantimentos; por ver que tanto o tempo, como o inimigo, mui tarde lhe deixariam receber outros. Determinou que a precisa conducção d'apetrechos de guerra, e de mantimentos, que durante a peleija devia fazerse para todos os pontos da fortaleza, ficasse simplesmente a cargo dos escravos, e das mais pessoas incapazes de pegar em armas; afim de que nenhum soldado tivesse de se desviar do combate. N'uma palavra, destinou serviço para todos os velhos, mulheres, e creanças, para que não houvesse alli ninguem inutil, e fosse banida a ociosidade, como mestra de todos os vicios. Depois, mandando formar toda a guarnição no terrasso da fortaleza, disse-lhe o seguinte, com gestos de muita alegria:

« Esses Turcos, e Janisaros, que d'este lugar estamos « vendo, vem a restaurar comnosco a honra que no pri- « meiro cerco perderam; porém nem elles valem mais que « os que então foram vencidos, nem nós valemos menos « que os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre « com a inveja do menor soldado que defendeo essa praça; « pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus des- « cendentes, que menos conhecemos pelo appellido, patria, « ou solar, que por filhos, ou netos d'aquelles que tão glo- « riosamente acabaram, ou triumpharam em Dio. Os mais « illustres honraram sua familia; os mais humildes deram « a ella principio. Trouxe-nos a fortuna esta empresa a aquel- « la nada dessemilhante; não sepultaram comsigo aquelles « valorosos Portuguezes toda a gloria das armas, ainda nos « deixaram esta, que nos fará illustres. Não nos assombre « a desigualdade do poder, porque a fama não se alcança

« com perigos vulgares. Navegámos cinco mil legoas só a
« buscar este dia, para nelle ganhar a honra, que nos não
« podem dar os Reis, nem as gentes; porque os Reis dão
« premios, não dão merecimentos. Não nos faltam munições,
« nem mantimentos para entreter o cerco até chegar soc-
« corro; e ainda que andam os mares levantados, por se-
« rem os tempos verdes, temos um D. João de Castro,
« que por debaixo das ondas virá com a espada na bocca a
« soccorrer-nos, e tantos outros Fidalgos, e Cavalleiros,
« que terão por injuria ganharmos nós sem elles a honra
« que se nos offerece, com a qual não temos, que esperar
« mais da fortuna, pois seremos contados no numero d'a-
« quelles, que ao Rei, e á patria fizeram algum memora-
« vel serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo Oc-
« cidente a tão remotas partes. E o que mais é que tudo,
« peleijamos com inimigos de nossa fé, e não nos póde fal-
« tar favor para tão justa causa, pois servimos ao Deos das
« victorias.

Terminada esta prática; ouviu-se uma grande salva de artilheria no campo inimigo, e soube-se logo que Coge Çofar a ordenára, por lhe terem chegado de Cambaya dois mil infantes, todos soldados velhos, e mui experimentados; circumstancia que tornava aquelle soccorro mais importante pela qualidade, que pelo numero. Com esta força vinham muitos Capitães de grande nomeada, incluindo dois Mogores mui geralmente respeitados. Chegaram tambem muitos nobres de primeira grandeza, os quaes estabeleceram o seu alojamento fóra do acampamento geral, em barracas tão ricas e bem ordenadas, como as dos Officiaes superiores de qualquer exercito Europeu.

Os nossos soldados ao verem engrossar as forças do inimigo, e tanto apparato, nem um momento sequer se possuiram de terror; pois que, tendo elles a vida em muito des-

preso, affugentavam da imaginação a idéa do perigo que os cercava, com folias e conversas, que os tornasse prasenteiros.

Mal que rompeu a aurora do dia seguinte, que foi Quinta feira maior d'este anno de mil quinhentos e quarenta e seis, viu-se erguido junto á fortaleza um baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, e n'estas algumas peças de grosso calibre; por cima dos perapeitos, estavam collocadas muitas saccas d'algodão, forradas de couro crú, para não penetrarem nellas os pelouros. O silencio, e a prestesa com que se havia feito obra tão importante, a sua segurança, e o seu bom desenho, causaram geral admiração aos nossos, fazendo-lhes acreditar, que não tinham que luctar contra uma multidão barbara e estupida, mas sim contra inimigos a quem não era estranho o valor, nem a disciplina.

Começaram estes logo a bater a fortaleza; e passadas poucas horas, conseguiram inutilisar-nos quatro peças, das que faziam maior damno ao seu forte. Fez este successo reconhecer a Coge Çofar, que lhe convinha mandar levantar mais cinco fortes em torno da praça, e assim o poz em pratica, nas cinco noites que se seguiram: estabelecendo estas baterias, tinha elle em vista atacar-nos simultaneamente, por differentes pontos, pensando que tão poucos defensores não poderiam resistir-lhe, tendo que se dividir. Se este seu calculo falhou, foi isso devido ao nosso baluarte do mar; pois que estando a cavalleiro dos seus, causou-lhes tanto estrago, que julgaram mais preciso reparar primeiro as ruinas, que tratar d'um ataque em forma.

Dois dias callaram os inimigos a sua artilheria, entretendo-se em fabricar novo ardil, por via do qual conseguissem entrar na fortaleza, ou ao menos destruir o inimigo que mais prejuiso lhes fazia: este inimigo era o nosso

baluarte do mar. Para o que, lançaram ao mar uma grande náo cheia de polvora, alcatrão, e outras materias inflamaveis; collocaram estas na primeira coberta, destinando-as para segundo intento, por cima d'ellas fizeram uma grande esplanada, na qual podiam combater cousa de duzentos homens, que deviam intentar a escalada. Ficava a náo dominando o forte; e tanto pelo numero de seus combatentes como pelo local do combate, entendiam os inimigos que facilmente venceriam os nossos; e que, quando se lhe opposesse uma resistencia tenaz, abandonando a náo e lançando-lhe fogo, este pegaria no forte, e o abrasaria, sem damno nem prejuiso dos seus. Isto feito occupariam logo as ruinas que as chammas deixassem, e levantariam sobre ellas um novo forte, donde podessem bater a nossa fortaleza, fazendo jogar livremente toda a artilheria dos outros seus baluartes. — Deve-se confessar que quem inventára um estratagema tal, não era leigo na arte da guerra.

Tanto da obra como do fim a que se destinava, teve o Capitão mór noticia muito a tempo de poder conjurar o perigo; e chamando logo o Capitão do mar Jacome Leite, soldado de grande valor, e tino, disse-lhe: — «que lhe «não queria roubar a honra que tocava ao seu posto; que « estimasse, que a primeira facção d'este cerco fosse sua » — e contando-lhe tudo quanto referido fica, ordenou-lhe que no segundo quarto da noite tivesse tudo prompto para destruir a cilada do inimigo. Jacome Leite, em cumprimento d'esta ordem, sahiu á hora determinada com dois *catures*, e trinta soldados; e remando com voga mui surda, aproou com a náo, e começou a arremeçar-lhe muitas panellas de polvora.

Os Mouros espantados de tão subito acommettimento, vendo-se cercados de chammas, e reconhecendo seu perigo, pegaram em armas mui aterrados, e entraram a

oppôr uma resistencia tímida, impedidos pela desordem em que se achavam, de se defenderem com energia. Alguns d'elles começaram a procurar refugio nas ondas, outros foram pasto do fogo, e o resto soltando queixas e alaridos, abandonou a náo, fazendo pôr em alárme o campo todo. Desamparada a náo, levaram-na os nossos a reboque para a fortaleza, onde Jacome Leite foi recebido nos braços do Capitão mór, e por este mui elogiado; visto que um successo tão feliz logo no começo da campanha, era presagio d'uma victoria completa no futuro.

Continuaram os Mouros a bombardear a fortaleza, ainda que com muito risco; pois cada pedra que derribavam da muralha, custava-lhes a perca de muitos infantes, e artilheiros. Não causava o seu fogo prejuizo de grande monta; apenas o baluarte S. Tiago, ou por mais fraco, ou por ser mais batido, tinha duas brexas abertas, capazes de facilitar entrada por assalto; porém os de dentro reparavam-nas com travezes, e com o entulho que podiam haver de noite.

Mas, passados poucos dias, já esse prejuiso era consideravel, porque a muralha estava aberta por muitas partes, e por todas abalada; nas amêas já não podia apparecer um soldado, a quem as setas, e balas do inimigo não ferissem; pois que estas eram tão bastas, que difficilmente se poderiam contar: a Coge Çofar, não lhe importava gastar munições sem conta, nem arriscar soldados; porque d'umas e d'outros tinha quantidade de sobra. A nossa artilheria, respondia a miudo aos tiros do inimigo; e como eram tantos os milhares de Mouros, nenhuma bala se jogava, que não fosse empregada.

Não cessavam os Turcos d'exigir que se desse o assalto, argumentando, que, por muitas das ruinas que se

viam nos nossos muros, já alli podiam subir; porém, Coge Çofar detinha-os, ou porque esperasse mais reforços, ou por confiar que cansando os nossos com lenta guerra, lhes gastaria as forças, as munições, e a paciencia, até que mortos de trabalho, de feridas, e de fome, não podessem defender-se. Este raciocinio, não era de todo errado; pois que o inverno que começava furioso, impossibilitava a recepção de quaesquer soccorros, os quaes tão precisos eram desde o primeiro dia da invasão do inimigo, segundo passamos a mostrar. As unicas munições de guerra, que havia então na fortaleza, redusiam-se a quarenta barris de polvora de bombardas, e a vinte de mosquete; as de bocca, eram igualmente muito escassas. Em quanto á guarnição, compunha-se esta de duzentos soldados, quasi todos estranhos ás lides da guerra; a sua fama futura, aliás heroica, foi filha d'este cêrco. Fica pois demonstrado que era grande o apuro, em que se achavam os nossos, quando, sendo tão poucos, e estando desprovidos de toda a sorte de munições, e sem esperança de as receber, tinham que se defender contra um poderoso exercito, sobejamente municiado, e abastecido.

Reconhecia o Capitão mór o melindroso estado das cousas, ponderando interiormente o risco em que se achava a praça, mas occultava-o cautelosamente aos subordinados, e aos inimigos; a estes para lhes não duplicar os brios; áquelles para lh'os não diminuir.

Corria o dia 18 de Maio 1546, quando as atalayas do baluarte do mar participaram ao Capitão mór, que se avistavam nove embarcações, que em consequencia da sua forma, pareciam ser nossas. Immediatamente se espalhou esta nova pela fortaleza, e todos os soldados correram á muralha para ver se ella se realisava; mas isto não se poude logo conseguir, por causa d'uma pequena cerração athe-

mospherica. Porém, tendo-se esta dissipado ao cabo d'uma hora, viu-se perfeitamente que era uma frota Portugueza, que tremulando-lhe na Capitania as Sacras Quinas, vinha cortando as ondas com muita galhardia, em demanda d'aquella praça. Em quanto as embarcações estiveram ancorando, não cessaram os Mouros de lhes fazer fogo da parte de terra, mas não lhes causaram o menor damno. Desembarcaram primeiro as munições e mantimentos, depois os soldados, e em ultimo lugar D. Fernando; quiçá por instrucções do pai, ou por brio do filho.

Recebeu o Capitão mór os fidalgos recem-chegados, com grandes demonstrações d'estima, e de consideração; e sabendo que tambem vinha D. Fernando, mas que se achava ainda na Capitania, partiu logo a buscal-o; encontrando-o porém já na escada da fortaleza, levantou-o nos braços, dirigiu-lhe palavras d'agradecimento, e de respeito, terminando por lhe offerecer a sua propria pousada. D. Fernando, mostrou-se extremamente penhorado pela affectuosa recepção, que D. João lhe fizera, porém negou-se a acceitar a sua delicada offerta, pedindo-lhe: — «que aquella «honra se lhe reservasse para o tempo da paz, que agora «o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guarda-roupa, «porque não poderia conciliar o somno, estando um passo «distante da muralha; que se fazia este pedido, era por «ser filho de D. João de Castro, o qual nunca escolhera «domicilio no campo da peleija, senão no ponto de maior «perigo; e pois que as leis da obediencia filial o obrigavam «a seguir o exemplo do author de seus dias, diligenciaria «pelo emitar no valor, e na coragem, já que o não podia «fazer a respeito das suas virtudes.» — D. João de Mascarenhas ao ouvir tão sentenciosas expressões, sentiu humedecer as faces de lagrimas de contentamento, e abraçou novamente quem as proferíra, assombrado de ver espiritos tão varonís, n'uma idade tão curta.

Foram de muita importancia os soccorros recebidos, pois constavam de grande quantidade de polvora, armas, e comestiveis, o que tudo habilitava o Capitão mór para poder entreter o cêrco, em quanto outros não chegassem: os enfermos e os feridos, tambem não tinham esquecido ao previdente Governador Geral; tinha-lhe este mandado uma botica provida de todos os remedios, para o seu curativo. D. João de Mascarenhas leu aos soldados a carta, que lhe escrevera D. João de Castro, na qual (segundo já dissemos) lhe assegurava que não tardaria a visital-o, acompanhado de todas as forças, que o Estado podesse fornecer. Esta leitura, produsiu o maior euthusiasmo nos cercados, criou-lhes ânimo novo, e plena confiança na victoria.

Continuava o inimigo a reforçar-se cada vez mais, pois que a toda a hora recebia soccorros de toda a especie, sendo um d'estes grande numero d'engenheiros, que com a mira em larga recompensa não cessavam d'inventar novos artificios, o que tornava os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descoberto.

Apenas o Governador Geral despediu seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra a ferro e sangue contra o prejuro Rei de Cambaya, como quebrantador da paz, que tinha ajustado com o Estado, e isto com todas as formalidades legaes para justificar publicamente as causas d'uma guerra, que prendia a attenção de todo o Oriente. Escreveu aos habitantes de Baçaim, lembrando-lhes: — «que «como mais proximos do ponto acommettido deviam em «primeiro lugar soccorrel-o; que fazendo isto acudiam ao «seu proprio perigo, em quanto as outras praças acudiam «ao do Estado; que as bombardas que batiam Dio, abala«vam os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para hir «descercar a fortaleza, e collocar-se na offensiva contra «Cambaya, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva

« aos Reis do Oriente ; que lhes pedia que o acompanhas-
« sem com embarcações , e gente , como de tão honrados
« Cidadãos , e leaes Portuguezes se devia esperar ; que dei-
« xava o serviço de cada um ao seu mesmo arbitrio , en-
« tendendo que qualquer d'elles , com a fidelidade e amor
« de seu Rei , excederia á possibilidade. »

Iguaes cartas dirigiu a todas as Terras , que lhe podiam prestar quaesquer auxilios , e todas lhe asseguraram que satisfariam seu pedido , com donativos de grande valor. Assim mostravam aquelles povos quanto sabiam apreciar as brilhantissimas virtudes do Illustre Varão , que os governava ; pois que bastava patentear elle um desejo para logo lh'o satisfazerem com a melhor vontade. Honra eterna aos Cidadãos que tão gratos eram ao Governo mais heroico, justo, imparcial, e desinteressado, que tem tido a India Portugueza ! Gloria eterna ao Governador Sublime, que assim sabia captar a estima e veneração de seus Governados !

Tendo D. João de Castro a segurança de que na empresa que projectava, havia ser auxiliado com embarcações e gente , de muitas partes do Estado , entregou-se efficazmente aos aprestos da armada de guerra com que devia partir de Gôa ; porém, como lhe faltasse ainda dinheiro para completar as despesas, que ella requeria, pediu uma grande quantia emprestada ao Corpo do Commercio, dando por fiador do devido embolço a sua palavra , unica joia de valor que possuia , e sobre a qual todos os homens ricos lhe emprestavam os seus haveres : não sabemos se a palavra dos grandes tem hoje identico valor no mercado social , ou se alli é tida como moeda completamente depreciada.

Depois de ter pedido , e alcançado os soccorros mun-

danos, ordenou que se fizessem preces publicas para se n-vocar a protecção do Supremo Arbitro do Universo, em favor d'uma causa, que bem se podia chamar sua. Pedia ordinariamente conselho aos homens mais praticos nas cousas de Dio, seguindo sempre o parecer dos mais experimentados na materia, sem curar da qualidade do seu nascimento nem do cargo que occupavam na sociedade: se as pessoas que tem a seu cargo o governar as Nações, observassem sempre uma igual conducta, nunca os Povos seriam desgraçados por causa dos erros de seus governantes.

Havia a maior vigilancia em Dio; as nossas armas não descansavam um momento. Tivera o Capitão mór aviso de que o inimigo esperava grande porção de viveres, que deviam embarcar n'aquella costa desde Balsar até Damão; em consequencia do que ordenou ao Capitão do mar Jacome Leite, que sahisse com tres navios a apprehender o dito comboyo, o qual deveria ser encontrado até á Ilha dos Mortos. Jacome Leite sahiu de noite a correr a costa na qual apresou muitas Cotias, que vinham bastecer o exercito contrario, e passou os Mouros que as tripulavam á espada, reservando alguns para serem enforcados nas vergas dos navios quando entrassem a barra, o que effectivamente se fez, e encheu de terror e lastima aos inimigos: os mantimentos foram logo recolhidos na fortaleza, e as Cotias foram redusidas a cinzas.

Coge Çofar, tinha já perdido muita gente; mas não via quebra no animo dos cercados, que lhe podesse dar esperança de ganhar a fortaleza. E vendo elle que senhoreavamos o mar com forças tão diminutas; e que lhe difficultavamos a recepção de provisões, pois que só as recebia furtivamente, e com muito risco, mandou sahir uma armada do porto de Surrate a qual encontrou tres embarcações nossas, que de Baçaim, e Chaul vinham fornecer a fortaleza,

e as atacou. Combateram os Portuguezes com desespero incrivel; mas vendo que lhes era impossivel o triumpho, entenderam que era mais nobre morrer peleijando, vendendo muito caro as vidas, que serem prisioneiros dos infieis; consequentemente, não tiveram os Mouros que fastejar a presa, nem a victoria, pela razão de lhes terem custado tanto sangue.

Tentára D. Fernando de Castro sahir com alguns navios do soccorro, para castigar o inimigo; para o que pediu licença ao Capitão mór; porém este, negou-lha por conhecer que seria diligencia inutil, visto que o inimigo fizera aquella sortida a furto, e se recolhera immediatamente.

Resolveu-se D. João Mascarenhas a avisar por terra a El-Rei D. João III., do estado das cousas; e tendo encontrado um Armenio pratico no idioma e costumes Mouros, que se incumbisse d'uma tão espinhosa missão, ficou extremamente satisfeito, deu-lhe as precisas instrucções, e a ordem de sahida. Partiu logo o emissario n'um Catur ligeiro, em direitura á costa de Pór; alli tendo desembarcado passou ao Cinde em trage de Jogue (*), e seguiu logo para Ormuz, a cujo Governador entregou cartas de D. João. Sahiu depois em companhia d'alguns mercadores de Baçorá, os quaes o passaram a Babylonia pelo rio Eufrates, onde devia esperar as cáfilas para atravessar os desertos d'Arabia.

Continuava Coge Çofar as suas obras de fortificação, com bastante perigo, e muito trabalho; pois que os tiros que partiam da fortaleza, matavam-lhe um sem numero de gastadores; tanto assim, que a falta d'estes já era conhe-

(*) Habito d'um religioso pobre d'aquellas passagens.

cida e lamentada no exercito, apesar de ser reparada com repetidos soccorros, que por horas engrossavam o campo. Çofar, mandou assentar nas estancias sessenta grandes peças de bater, entrando n'este numero Basiliscos (*), Salvagens, Aguias e Camellos. Reforçou os cinco baluartes já levantados, com muros novos, occultando os gastadores com tanta arte, que ficaram a coberto da nossa artilheria. Com este artificio conseguiram os inimigos ganhar o fosso da fortaleza, onde collocaram dezoito Basiliscos, com os quaes bateram a muralha por quinze dias successivos; e tanto estrago fizeram na praça, que os nossos afinal já reparavam umas com outras ruinas, isto é, faziam contra muros com as pedras derribadas pelas balas.

Subia já a nossa perda a oitenta mortos, e a mais de cem feridos; e a pequenez, e má qualidade da ração de mantimentos, causava tambem muitas doenças. Começava pois a ser muito horrivel a situação dos nossos; e Coge Çofar tendo-o sabido por via d'alguns escravos, que haviam desertado da fortaleza, mandou bater esta por todos os seus fortes, julgando impossivel que homens tão extenuados de forças, e que se achavam luctando contra a fome, podessem resistir por muitos dias contra o immenso poder, que os accommettia. Persuadido pois, de que alcançaria quanto antes uma victoria completa, e querendo repartir a sua fortuna com o seu Rei, fez saber a este que estava em Champanel, pedindo-lhe que viesse ao exercito, para no primeiro assalto tomar posse da fortaleza. Annuindo o Sultão a este convite, veio logo ao acampamento acompanhado de dez mil homens de cavallaria, e de grande parte da sua Corte, sendo recebido com muitas salvas de todos os fortes, e mui-

(*) N'aquelle tempo mui principalmente nos povos do Oriente, havia peças d'artilharia com a configuração de diversos animaes.

tas acclamações d'alegria: o estrondo da artilheria, e a vosearia dos Mouros, faziam uma consonancia aos cuvides barbaros, e aterravam os animos.

Vendo os nossos tantas demonstrações de contentamento, no campo inimigo, attribuiram-nas á chegada dos Turcos, que alli eram esperados. Porém, D. João de Mascarenhas querendo saber se isto assim era; e desconfiando muito de que os espias que trazia entre os inimigos se lhes tivessem vendido, ou que se achassem descubertos, ordenou a Fernão de Carvalho, Commandante do forte do mar, que fizesse sahir um bote em busca d'um *lingua*, pois queria informar-se dos passos do inimigo; esta ordem executou-se n'essa mesma noite, e houve-se ás mãos um Mouro, o qual referiu circumstanciadamente a chegada do Sultão, as promessas que lhe fizera Coge Çofar, e quanto confiavam em que o resultado da campanha, lhes fosse satisfatorio.

Sciente o Capitão mór, do que pertendia saber, mandou soltar o Mouro, encommendando-lhe «que pedisse em «seu nome a El-Rei de Cambaya, que se demorasse no exer«cito, porque esperava hir-lhe pagar a visita a seus aloja«mentos.» Partiu o Mouro muito contente com a sua liberdade, e assombrado com a incumbencia que se lhe fizera. Chegado ao acampamento dos seus, foi conduzido á presença de Mahamud, a quem referiu as palavras do Capitão, acrescentando «que os Portuguezes tinham a forta«leza derribada, e os animos inteiros.» Este laconico elogio prova exuberantemente, que os antigos Portuguezes que abrilhantaram o nosso Nome na Asia, por via d'uma não interrompida série de feitos maravilhosos, foram mais elogiados por aquelles que provaram a forte tempera das suas valentes espadas, do que o tem sido na Historia patria; o mesmo dizemos dos outros que iguaes maravilhas operaram, nas outras partes do mundo!

Continuava o bombardeamento; e Cege Çofar, mandou dizer a D. João de Mascarenhas, por um prisioneiro nosso, chamado Simão Feo «que se espantava de o ver en«curralado, sem sahir a peleijar a campo, como fazia o «bom Cavalleiro Antonio da Silveira; que mal respondiam «as obras ás palavras» — a resposta d'esta mensagem, foi levada aos contrarios por uma chuva dos nossos pelouros.

Havia já cinco horas, que o fogo do inimigo não cessava, fazendo na fortaleza, já tão arruinada, o maior estrago. Respondia-lhe a nossa arthilheria com a melhor fortuna; pois que além do damno geral, que lhe causára, uma bala sua foi penetrar na tenda do Sultão, matando um Mouro, com quem elle então conversava. Este acontecimento fez terrivel impressão no animo de Mahamud, e até foi tido por elle como presagio d'algum máo successo; em consequencia do que abandonou immediatamente o campo, deixando em seu logar a Juzarcão, Abexim valente que nas guerras do Mogôr combatêra contra o mesmo Soberano, que agora defendia. Demonstra-se por este facto, que o soldado mercenario não possue o menor sentimento de honra, que não conhece Patria nem Rei, que sua conducta é sempre modelada pelo interesse de ganhar, e que o que lhe pagar os serviços por maior quantia, receberá d'elle o nome de amo; n'uma palavra, ao soldado mercenario não importam especialidades politicas, ou religiosas; combate hoje, o que ámanhã defende.

Partiu effectivamente Mahamud do arraial, homem mais guerreiro na paz, do que na peleija; retirou-se para a quinta de Melique, situada na mesma Ilha, dando d'alli ordem a importantes soccorros, que cada dia reforçavam o exercito. Achando-se a fortaleza sitiada mui estreitamente; e não sabendo D. João Mascarenhas, quaes eram os designios do inimigo, decidiu-se, com a approvação de to-

dos os fidalgos e Cavalleiros, a tomar algum *lingua*. Diogo d'Anaya Coutinho, fidalgo que percebia soldo, mas que pussuia as mais brilhantes qualidades, offereceu-se para o desempenho de tão arriscada empresa. Tendo-lhe o Capitão mòr acceitado a offerta, elogiando-lhe muito a dedicação, desceu elle a muralha por uma corda, acobertado com o escurò da noite, e encaminhou-se para o acampamento inimigo; a pouca distancia divisou perto de si dois Mouros, que estavam conversando; e como os visse distrahidos, atacou-os mui rapida e denodamente, matando um com um bote de lança, e aprisionando o outro depois de porfiada resistencia. Feito isto, dirigiu-se com o prisioneiro para a fortaleza, onde foi recebido entre vivas acclamações da guarnição, e muitos louvores do Capitão mór. Narraremos ainda o seguinte facto, para maior honra e gloria de tão distincto Portuguez: Diogo d'Anaya ao partir para a empresa, que mencionada fica, tinha levado emprestado um capacete d'um soldado; vendo depois que se havia recolhido sem elle, e julgando-o perdido na lucta que tivera com o Mouro, tornou a descer o muro pela corda que antes lhe servíra, foi procural-o *em face do exercito inimigo já todo em alarme*, e tendo-o encontrado, regressou á fortaleza!

Confessou o Mouro ao Capitão mór, que Coge Çofar, e Juzarcão, um valente, e outro desconfiado, tinham jurado a Mafoma que ou haviam conquistar Dio, ou haviam morrer na campanha; dizendo: que se nos não podiam soffrer chamando-nos nós seus amigos, mal nos poderiam supportar se ficassemos victoriosos.

Com a continuação do bombardeamento, rebentaram muitas peças ao inimigo, em cujo lugar elle montou logo outras, batendo desesperadamente os baluartes S. João, S. Thomé, e S. Tiago, de que eram Commandantes D. João d'Almeida, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho. Estes Bene-

meritos Capitães nem um momento sequer despiam as armas; se repousavam alguns minutos, era sempre segurando a lança com a mão direita, e com o escudo *embraçado*; n'uma palavra, eram sempre constantes em todos os perigos e trabalhos, nos pontos de maior risco!

Immensos estragos soffria já a fortaleza, mui principalmente no lanço do muro que havia entre o baluarte de S. João, e o de S. Thomé, e no baluarte de S. Tiago por ser o menos defensavel; já não havia perapeito nem ameya, que não estivesse rasa! O que tornava ainda mais critica, e horrivel a situação dos nossos, era succeder-lhes aos perigos do dia o trabalho da noite, parecendo impossivel que tão poucos defensores, e com as forças tão quebrantadas, podessem no curto espaço d'algumas das horas destinadas ao somno, reparar as ruinas d'uma fortaleza, rôta em differentes partes; parece isto impossivel, (repetimos) porém é certo que tudo se fazia, supprindo-se a quebra de forças phisicas, por um animo milagroso.

Esse sexo, cujo sangue nos alimenta nos primeiros dias da vida, e ao qual muitas pennas *menos justas*, tem negado a capacidade para rasgos d'heroismo, tambem deu n'este cêrco memoravel um solemne desmentido a essa negativa, portando-se com valor, e dedicação superiores a todo o elogio! *mostrou que as Joannas d'Arc não se produzem só em França!*

Em prova d'esta nossa asserção, diremos, que algumas mulheres conduziam os materiaes para a defensa da fortaleza aos pontos mais arriscados, pisando as balas, lanças, e espadas, e caminhando por debaixo d'uma abobada de pelouros, sem temor da morte! como se a natureza lhes houvera dado corações varonís aos corpos femininos! Houve outras, que vestindo habitos guerreiros, e formando nos

poletões armados, fizeram face ao inimigo durante a peleija, trocando a agulha pela lança, e o estrado pela muralha. D'entre todas, porém, a que se fez credora de maior renome, foi *Izabel Fernandes*, chamada a *Velha de Dio*. Esta heroina; a cuja memoria os nossos Chronistas tem sido pouco agradecidos: mas que é bastante celebre nos annaes do Oriente, gastou grande parte dos seus teres em regalos, com que no calor do combate, alimentava os soldados, exhortando-os á peleija com palavras proprias para criar brios, nos peitos mais enfraquecidos.

Finalmente, o zêlo, e a coragem das matronas de Dio, durante que um poder immenso acommettia aquella praça, serviam d'alivio, d'exemplo, e d'estimulo aos soldados, originando feitos os mais extraordinarios!

Vendo Coge Çofar que o damno que a sua artilheria nos causava de dia, era industriosamente reparado de noite, e querendo prohibir-nos este recurso, ou pelo menos encommodar-nos seriamente quando o pozessemos em pratica, projectou uma obra de maior nome pela invenção, que pelo seu resultado. Em frente do baluarte São Thomé, que por motivo da sua localidade era o mais aberto, mandou levantar outro que lhe ficasse parallelo, ou eminente, para poder destruir-lhe as ameyas, e tolher que a guarnição podesse peleijar, ou reparar as ruinas de noite; durante o dia deviam as peças estar assestadas para aquella parte, com pontaria certeira. Mandou logo entulhar o fosso com terra e ramos d'arvores, e fortaleceu a esplanada com troncos mui grossos, para lhe assegurar o terrapleno. Em consequencia da grande quantidade de gastadores, que se occupavam em semelhante obra, progredia esta com summa rapidez. A artilheria do nosso baluarte, não cessava de hostilisar o crescimento de tão máo *visinho*, e fazia-lhe bastante damno; porque, como os gastadores

trabalhavam em grandes grupos, e a peito descoberto, todos os tiros que se lhes faziam eram empregados.

Coge Çofar querendo diminuir o grande mal, que alli se lhe estava causando, ordenou que o trabalho da obra fosse feito de noite, para que tornando-se as nossas pontarias menos certas, e mais vagas, podessem causar menos estrago. Usou tambem do estratagema de mandar fazer bulha onde menos se trabalhasse, afim de que os nossos artilheiros guiados pelo ouvido, dirigissem os tiros para onde deviam fazer mui pequeno prejuiso. D. João de Mascarenhas, sciente d'este artificio, mandou illuminar toda a fortaleza, para que os gastadores cessassem de trabalhar auxiliados pelo escuro da noite, e ficassem expostos aos perigos, como se fôra dia. Porém, Coge Çofar approveitando-se do conhecimento da arte da guerra, que tinha aprendido nos exercitos da Europa, inutilisou o ardil do Capitão mór, mandando fazer estradas falças, e encobertas, pelas quaes continuaram os Mouros a trabalhar na elevação do forte, com muito pouco risco de vida.

Começára o Capitão mór a inquietar-se muito com o crescimento d'aquella maquina, prevendo, e com justa razão, que se ella fosse concluida não haveria logar seguro em toda a fortaleza; pois que a artilheria do inimigo, ficava jogando a cavalleiro dos nossos baluartes. Impaciente por encontrar um alvitre que servisse para conjurar o mal, que via tão proximo, expoz o negocio n'um conselho composto de todos os Capitães, os quaes todos reconheceram o perigo, mas nenhum propoz o remedio; apenas alguns mais ousados, que prudentes, votaram que se sahisse a campo descoberto, e se fosse estorvar a obra; não se lembrando de que era maior o perigo a que se hiam expôr, do que aquelle de que se viam livres. Poucos approvaram este parecer, e nenhum sabia dar outro. Fizeram-se algumas sor-

tidas, mas sempre sem bom resultado; porque estando o inimigo mui vigilante, e tendo forças numerosas, tinha seguros os postos dos gastadores, por grandes piquetes; até que afinal, lembrou-se D. João de Mascarenhas, que d'uma eminencia que havia na fortaleza, e que sobrelevava o forte de S. Thomé, podia jogar a artilheria por cima d'este. Mandou então collocar alli algumas peças, as quaes fizeram fogo sobre a maquina do inimigo, com tão bom resultado, que dentro em poucos dias foi ella destruida, perdendo as vidas muitos dos que a fabricavam. Porém, como esta Hydra tinha tantas cabeças, decidiu-se o inimigo a entulhar o fosso com as mesmas ruinas, o que lhe era muito facil, por ser obra que não demandava medida, disposição, ou engenho.

Começaram logo dois mil *peões* este trabalho; e em quanto o faziam, grande parte do exercito impedia com dardos, setas, e espingardaria, que os nossos assomassem á muralha. Progredia a obra, e o perigo nos cercados; porque, como os perapeitos e ameyas da fortaleza estivessem rasos, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. O Capitão mór, disvellava-se por frustrar o intento do inimigo, mas nenhum meio proprio lhe occorria; até que alguns anciões que haviam sido criados na fortaleza, lhe descubriram, que, n'aquelle mesmo lugar havia no muro um postigo, que com o andar dos tempos se tinha coberto com terra movediça; e que por elle se podia furtar o entulho, sem risco, e com pouco trabalho. Encontrou-se effectivamente o postigo no sitio indicado, e por elle sahiam os nossos de noite a furtar o entulho; porém como o fossem tirando de baixo, e deixassem a superficie vã, esta faltando-lhe baze em que se escorar, e tornando-se por isso um vulto fantastico, cahio afinal com estrondo immenso á vista do inimigo.

Coge Çofar avisado da industria com que lhe tinham inutilisado tão custoso trabalho; e desesperado por ver que o mesmo acontecia a todos os seus projectos, correu logo áquella parte seguido d'um esquadrão de cavallaria Turca; mas apenas alli chegou, veio uma balla da nossa artilheria terminar-lhe a vida, levando-lhe a cabeça!

Houve geral sentimento no exercito inimigo, pela perda de seu General; seu corpo foi dado á sepultura com todo o ceremonial funebre e guerreiro, que as leis militares ordenam. Rumecão jurou logo sob o sangue de seu pai, que vingaria a sua morte; pois que o ultimo sentimento que os Mouros offerecem em sacrificio á seus defunctos, é o da íra, de mistura com a dôr.

Fôra a morte de Coge Çofar um *presente*, que a Providencia fez aos intrépidos defensores de Dio, pois os livrára d'um competidor terrivel; bem como foi uma perda irremidiavel para Mamahud, por este não poder encontrar quem substituisse o morto, na empresa que lhe estava confiada.

Coge Çofar possuia não poucos conhecimentos da arte da guerra; era cauteloso, estrategico, valente, e activo no campo da batalha, e até tinha o dom de fallar ao coração do soldado n'um tom persuasivo, proprio para fazer criar brios; tudo isto tornava-o se não bom General, ao menos muito soffrivel.

A sua memoria teria sido respeitada pela posteridade, se as qualidades de seu coração houvessem sido as do *homem de bem*; mas como era ambicioso, soberbo, ingrato, vingativo, e mesmo tyranno, longe de dever ser lembrado com veneração e respeito, só merece odio, e execração eterna. Para saciar a sede ardente de riquesas, que o

devorava não recuou diante dos maiores crimes .... por exemplo, trocou a verdade Evangelica, pelos erros do Alcorão, e assassinou e roubou a Rax Solimão, seu antigo bemfeitor!!

— A apostasia da Fé de Christo, e o assassinio perpetrado na pessoa d'um bemfeitor, são attentados imperdoaveis! — Maldição sobre quem os commetter! —

CAPITULO IV.

ANNO DE 1546.

Rumecão succede no commando a seu pai. O Vigario João Coelho, vai com uma missão do Capitão mór, ao Governador Geral. Offertas que Rumecão faz aos nossos, e respostas que lhe dá D. João de Mascarenhas. Os baluartes de S. João, e S. Thomé são atacados, e defendidos heroicamente. O inimigo soffre n'elles grande perda, e retira-se. Juzarcão recorre a superstições, para alcançar victoria. Os inimigos dão segundo assalto, e entram no baluarte de S. Thomé. E' assaltada a couraça. Valor d'uma heroina Portugueza. O Capitão mór expulsa os inimigos. Sobem Turcos á Igreja, são alli atacados pelo Capitão mór, e retiram-

se. Morre Juzarcão, e muitos Turcos. O Capitão mór, avisa o Governador Geral. Dão a este grande cuidado os soccorros de Dio. Chega a Gôa o Vigario João Coelho. D. João de Castro, manda seu filho D. Alvaro com soccorros a Dio, partindo-lhe na vanguarda D. Francisco de Menezes com sete navios. D. Alvaro parte com dezenove. Fidalgos que o acompanharam. O Governador continua a aprestar soccorros. As mulheres de Chaul offerecem-lhe suas joias. Carta d'uma Dama, e sua offerta. Incumbe-se Antonio Moniz de hir a Dio. Chega segundo Juzarcão para continuar o sitio. O inimigo levanta um baluarte, e este é destruido pelos nossos. Valor de quinze soldados. Assalto geral, e reparo dos nossos contra o fogo. Termina o inimigo o assalto, com perda de tresentos dos seus. Trata elle d'entulhar o fosso. Regressa o Vigario João Coelho a Dio. Segundo assalto geral, e resistencia dos nossos. Juzarcão ataca o baluarte S. João, e soffre grande perda. Necessidades da fortaleza e como se remediou a falta de panelas de polvora. E' tomado um lingua pelos nossos. Revelações que este faz ácerca do estado do inimigo. E' minado o baluarte S. Thomé. Rumecão cuida em distrair a attenção dos nossos. D. Fernando acode, mesmo doente, ao baluarte. O inimigo finge um novo assalto, e deita fogo á mina. Morre D. Fernando na explosão, e muitas outras pessoas. Valor notavel de cinco soldados nossos, esforço de Isabel Fernandes, e d'outras mulheres. O Vigario João Coelho anima os soldados. Como se chamavam os cinco soldados referidos. Retira-se Rumecão. Rasgo de valor de Isabel Madeira. Determinação do Capitão mór.

Herdára Rumecão o odio, e o commando do pai, con-

tinuando a fazer-nos guerra em cumprimento da obrigação de General, e do dever de filho, tão instigado pela dôr, como pelo cargo. Querendo por-se em estado de nos poder dar um assalto geral, entrou a requisitar efficazmente soccorros de toda a especie, ao Sultão, e este remettia-lh'os a toda a hora, tanto de munições de bocca e de guerra, como de tropa. Ordenou que continuasse a entulhar-se o fôsso, por seis partes differentes, e tratou de continuar as obras do baluarte, que o pai começára; servindo-se de diversos artificios para as fazer progredir. Para prohibir que os nossos podessem *falcificar* a baze do dito baluarte, segundo referimos no Capitulo antecedente, mandou fazer seis estradas encobertas na direcção do postigo por onde elles sahiam a tirar-lhe o entulho, e que todas fossem fechar sobre a ponte de madeira, que tinhamos levantado n'aquelle mesmo lugar, para a coberto d'ella continuarmos no dito trabalho; mandou carregar esta de pedras, e tráves, de tão grande pezo, que a fez abater com muito damno dos nossos, que andavam por debaixo d'ella recolhendo o entulho para a fortaleza.

Reconhecendo o Capitão mór que a serventia do referido postigo, se achava inutil, mandou logo entaipal-o como d'antes estava, para evitar por alli qualquer invasão repentina do inimigo, o qual continuava a obra sem estorvo, em quanto que os nossos se davam a tratos para descubrir algum ardil, com que podessem contrastar fábrica tão damnosa.

A estes cuidados reuniram-se outros não menos graves, que procediam de não existirem já na fortaleza duzentos homens, em estado de a defender, pois que muitos se achavam feridos, e soffrendo outras doenças, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecel-as a novos perigos e trabalhos. Dos soldados d'inferior nascimento apo-

derára-se certa desconfiança, e esta começava já a causar-lhes temor. Havia falta de munições, e mantimentos; por ser inverno achavam-se os mares mui tempestuosos, o que tirava toda a esperança de se poderem pedir soccorros, e de os receber.

Era Vigario da fortaleza, João Coelho, Sacerdote de muitas virtudes, e mui capaz para o desempenho de qualquer empresa perigosa. Sendo pessoa de muita estima para o Capitão mór, offereceu-se-lhe para a despeito dos temporaes da quadra, partir a tentar os mares, aportar em Baçaim, ou Chaul, significar aos respectivos Capitães o desgraçado estado das cousas, fazer igual aviso por terra ao Governador Geral, promettendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira resposta, como fiel companheiro da fortuna de todos os defensores d'aquella praça. D. João de Mascarenhas mandou-lhe logo equipar um *Catur* com doze marinheiros, onde o deixaremos luctando com as ondas até narrarmos o resultado, de viagem tão arriscada, quanto generosa.

Trabalhavam os Mouros *forçadamente* no entulho do fosso; mas Rumecão cruel, e imperiosamente os mandava presistir no trabalho, em cujo local recebiam por prémio, miseravel sepultura. Chegaram em fim a igualar a cova, e pelo baluarte S. João, que não podia ser entulhado, atravessaram uma ponte feita de barrotes, e taboas, para picarem o muro, o que podiam fazer sem a nossa artilheria os encommodar, por trabalharem a coberto.

Mandou logo D. João de Mascarenhas preparar umas cadêas grossas, que chegassem do muro á nova ponte, nas quaes se ataram muitas sacas de gunes, envoltas em polvora, salitre, e outras materias inflammaveis, e sendo depois arremessadas para a mesma ponte, atearam n'esta um fogo

tão forte, que logo a destruiram. Rumecão acudio prestes áquelle lugar com bastante madeiramento, e grande numero de gastadores, e soldados, uns para assistirem á defensa, outros para o trabalho, a que os nossos se opposeram dando-lhes muitas descargas d'artilheria, e fusilaria, as quaes fizeram grande estrago no inimigo; porém, Rumecão insistia na obra tão tenazmente, que sem curar da perca de vidas, chegou a igualar novamente o fosso.

Sabendo Rumecão do grande risco em que se achava a fortaleza, pela razão d'ella não ter gente para occupar os póstos, quiz ver se acediamos á sua entrega, mediante certas promessas, que reputava vantajosas para nós, crendo, que em tão perigoso estado nos ensinaria a razão, a não engeitar as vidas.

Sendo já noite fechada, ouviram os do baluarte S. Tiago bradar pela atalaya, dizendo-se em Portuguez, que Simão Fêo, pertendia fallar ao Capitão mór, n'um negocio importante. Dando-se parte a D. João de Mascarenhas, veio este logo pôr-se a falla com o soldado, o qual lhe disse: «que era Simão Fêo, que vinha mandado por Rumecão, «que affeiçoado ao valor de tão grandes soldados, lhes «queria poupar as vidas, que agora desesperadamente de«fendiam; que bem via a fortaleza toda arruinada; a maior «parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança «alguma de soccorro, faltos de munições, e mantimentos; «que não quizessem perecer obstinados, afiando com a te«meridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que «nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conser«var vivos tão valerosos inimigos; que nos faria todos os «partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazen«das, e os navios para nossa passagem; o que não acei«tando passariamos pelas leis da guerra, e pelas licenças «que dava nos estragos a íra, e a victoria.» D. João de

Mascarenhas, respondeu-lhe: «que a fortaleza onde esta-«vam Portuguezes, não havia mister muros, que no cam-«po raso a defenderiam ao poder do Mundo; que esta ver-«dade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pe-«dir ao Sultão mais gente, e melhores soldados; que os «Portuguezes despresavam victorias tão pequenas; que as «ruinas da fortaleza esperava recuperar com cabeças de Tur-«cos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os «hiria buscar como despojos; que em quanto seus soldados «tinham armas, não lhes podia faltar nada entre seus ini-«migos; que a boa passagem que lhes offerecia, esperava «fazer cedo com a espada na mão, por meio de seus es-«quadrões armados; e a elle Simão Fêo, dizia, que ain-«da que repetia forçado palavras alhêas, não tornasse com «segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do «muro.»

Dedusira Rumecão d'uma resposta tão heroica, que os perigos, trabalhos, e fome, serviam aos nossos d'alimento; e julgando-se injuriado por assim o despresarmos, ordenou o primeiro assalto.

Amanhecera o dia dezenove de Dezembro d'este anno de mil quinhentos e quarenta e seis; e em torno da fortaleza appareceu formado em batalha o exercito inimigo. Juzarcão acommetteu com mil e quinhentos soldados escolhidos o baluarte S. João, de que era Commandante Luiz de Sousa, e onde estavam D. Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reynoso, Pedro Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e outros fidalgos, e soldados, que não passavam de trinta. Muitissimo superiores em valor ao numero, rebateram com incrivel intrepidez os oitenta inimigos, que primeiro subiram, não sentindo a maior parte d'estes a quéda, por terem perdido a vida antes de a soffrerem. Igual sorte foram tendo os outros, que

lhe succederam, lucrando só em poderem subir mais facilmente, porque o faziam por cima de muitos cadaveres. Juzarcão inflamava-os com a recordação da honra, do premio, e da vingança.

Continuava a artilheria inimiga a bater os outros baluartes, em quanto os de S. João, e S. Thomé eram assaltados; porque Rumecão entendia, que lhe seria mais facil render forças, que além de pequenas, estivessem divididas. O estrondo das descargas de fogo, o embate das lanças, e espadas, e a vosearia e lamentos dos feridos, e moribundos, faziam uma impressão horrivel nas paredes da fortaleza!

O baluarte S. Thomé, de que eram Commandantes D. João d'Almeida, e Gil Coutinho, atacou-o Rumecão em pessoa, com os Turcos; e como estes eram soldados valerosos, e soberbos por indole do seu paiz natal, arremetteram tão ousadamente, que subiam mesmo atravessados pelas nossas lanças, procurando encontrar a victoria *no caminho da morte*. Tinham elles a vantagem do numero; os nossos a da posição; tanto assim, que os que tinham cavalgado o muro, ou haviam de entrar victoriosos, ou morrer feitos em pedaços; porque lhes era mais perigosa a retirada, que o combate.

O inimigo reforçava a miudo as suas columnas d'ataque, com batalhões novos; os nossos valendo-se sempre das mesmas forças, mostravam-se superiores aos primeiros, e iguaes aos ultimos. As mulheres soccorriam os pontos atacados com armas, e panelas de polvora, dando com isto uma prova clara, de que o seu sexo além de ser escolhido para fazer as delicias do homem, tambem é capaz de lhe prestar ajuda nos maiores perigos, ainda mesmo com risco da perca da vida. Algumas alentavam com comidas e bebi-

das aos soldados, augmentando por tal arte o esforço alheio. Outras animavam-os com palavras, que pareciam sahir de peitos varonís; n'uma palavra, nos feitos d'este cêrco contaremos os seus pelos mais raros, senão pelos maiores.

O chão, junto dos dois baluartes, estava juncado de corpos mortos; uns de golpes do ferro, outros abrasados do fogo. Alguns agonizando ainda entre a íra, e a dôr, pediam vingança, soltando gemidos; e os que hiam a satisfazer-lh'a, pereciam n'esse empenho. Finalmente, os nossos praticaram n'este dia tremendo maravilhas de valor, as quaes melhor se podem avaliar pelo resultado, do que pela narração: porque sempre no particularisar acontecimentos, ha quebra de verdade; principalmente nos de guerra, onde a íra, ou o temor, e outros sentimentos, confundem o juizo de maneira, que apenas poderia cada um ser Chronista fiel das suas proprias obras.

D. Fernando de Castro tenro râmo d'uma arvore illustre, tambem n'este dia honrou o preclaro tronco de que descendia. Sebastião de Sá deixou-nos de sua valentia mui respeitosa memoria, até que atravessando-lhe uma seta ervada um joelho, cahio por terra quasi sem vida; e não podendo já sustentar o combate, não queria deixar o seu campo! Afinal foi retirado d'entre os camaradas com magoa, e inveja, deixando seu sangue muito bem vingado. Em fim, todos os nossos desde o mais elevado até ao mais inferior, se portaram tão valorosa e heroicamente, que bastaria só este dia, para os revestir de gloria eterna!

Passadas duas horas de peleija, parecia que os inimigos começavam o assalto, portando-se Rumecão, como quem queria terminar a guerra n'um simples dia; mandou combater os soldados divididos por nações; ou para que a emulação os incitasse, ou para conservar melhor a disciplí-

na; e elle commandando, e combatendo, forcejava por fortalecer-lhes o animo abatido, com a palavra, e com o exemplo; e não lhe importando o sangue de que via a terra ensopada, elogiava os valentes, injuriava os cobardes, mostrando entre o horror das armas, cólera com acôrdo.

O comportamento que D. João de Mascarenhas teve n'este dia, não ha termos que o possam explicar condignamente; conseguintemente, diremos apenas que tornou mais verdejante a corôa de gloria, que já lhe cingia a fronte, por isso que se mostrou General intelligente, e soldado intrepido, como sempre o havia feito.

Vendo Rumecão os muitos cadaveres, que rodeavam os baluartes, e que as suas tropas já combatiam com obediencia forçada, mandou retirar para o acampamento, recolhendo com pressa os mortos e feridos, para occultar aos seus a sua grande perda, e aos nossos a victoria; porém nós soubemos d'elles mesmos, que tinham perdido quinhentos soldados n'este assalto, e muito maior quantidade de feridos; em quanto a nós morreu-nos um só soldado, e os feridos não chegaram a vinte! — Esta desproporção mostra claramente, que a fortuna e o valor se deram ás mãos para nos alcançar uma brilhante victoria; e ver-se-ha pelo decurso da Historia, que muitas mais vezes se deu esta singularidade.

Recolhido o inimigo, chamou o Capitão mór os nossos a segundo trabalho, consistindo este em reparar as ruinas da fortaleza; todos acudiram de mui bom grado a semelhante serviço, resurgindo-lhe o animo da fraqueza das forças, e o desempenharam cabalmente excitados pelo exemplo de quem os governava.

A perda que o inimigo soffrera n'este assalto, tirou-

lhe por muitos dias a vontade de nos acommetter em força, tornando-o mais cauto, ou temeroso. Tentava simplesmente pequenas iuvestidas contra a fortaleza, para conservar a guarnição em continuo alarme, e poder notar a disposição em que se achavam os animos, no occupar os postos. Continuava porém o bombardeamento, com o fim de nos enfraquecer com um lento assedio; mas como o Sultão não cessava de reforçar o exercito com diversos soccorros, mostrando o maior empenho em ultimar a guerra, com vantagem sua, resolveu-se Rumecão a dar um segundo assalto.

Porém, considerando no prejuiso, que havia soffrido, combatendo-nos com forças tão superiores ás nossas, entendeu, que um tal estrago provinha de causas sobrenaturaes, e que por isso convinha applacar a íra do Propheta, com alguma expiação do seu falso rito. Ordenou logo, que esta tivesse lugar, dando o exercito differentes voltas em torno da Mesquita, levando na sua frente uma bandeira com a figura de Mafoma; e que durante esta marcha ridicula se invocasse a protecção de Mafamede, em favor d'uma victoria decisiva contra os nossos.

Gastaram os inimigos muitas horas d'aquella noite n'esta supersticiosa vaidade, allumiados por immensas luzes, soltando de vez em quando gritos e clamores, que depois de breve silencio se trocavam por gemidos, ais, e alaridos, succedendo-lhes o descompassado motim d'instrumentos bellicos.

Fernão de Carvalho, Commandante do baluarte do mar, viu distinctamente esta procissão barbara, e ouviu a vosearia com que ella estrugia os ares; causando-lhe isto muita estranheza, deu parte de tudo a D. João de Mascarenhas, por entender que seriam disposições para novo ataque.

Preparou-se o Capitão mór, para repellir o segundo assalto do inimigo, e teve a fortuna d'encontrar todos os soldados desejosos de darem uma nova lição aos assaltantes; senão maior, ao menos igual á que já lhe haviam dado; cumpre-nos notar para maior gloria de tão intrépidos guerreiros, que esses desejos eram igualmente partilhados pelos feridos, e enfermos, os quaes abandonavam os leitos, e os remedios, buscando antes o perigo, que a saude.

Na madrugada seguinte, (*) quando ainda se viam estrellas no Firmamento, já o exercito inimigo rodeava a fortaleza, em acção de batalha. Achava-se elle dividido em trez columnas, n'uma das quaes tremulava a bandeira onde estava desenhado o Propheta, para que a figura do aucthor do *Alcorão*, podesse gerar valor n'aquelles seus crentes. Passados poucos momentos, começaram a atacar simultaneamente os baluartes S. João, e S. Thomé, e a guarita d'Antonio Peçanha, mui ousadamente; porém, a intrepidez com que foram recebidos pelos nossos guerreiros, obrigou-os a descer mais depressa do que haviam subido, cahindo parte d'elles sem vida, outros feridos, e alguns abrasados pelo fogo.

Perdida pelos inimigos esta primeira avançada, logo outra porção de suas tropas renovou a escalada, incitada pelas vozes de Juzarcão, e de Rumecão, e subindo favorecida por innumeraveis tiros de mosquetaria, e por um chuveiro de setas. Tornou-se então o combate mui encarniçado; pois que os Turcos pertendendo readquirir a opinião perdida, entraram a subir teimosamente por entre o ferro, e fogo, como que estimassem menos a vida, que a victoria; até que conseguindo afinal pôr o pé sob o cimo do muro do baluarte S. Thomé, alli peleijaram com os nossos corpo a corpo.

(*) 25 de Julho de 1546.

Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, e os fidalgos, e soldados de seu immediato commando, portaram-se n'este conflicto terrivel com valor tal, que o proprio Rumecão gritava aos seus, *que os imitassem na bravura.* Os Turcos viam-se reforçados a cada momento por combatentes frescos; os nossos nunca lhes crescia o numero, nem esperavam que isso lhes acontecesse; mas mostravam-se sempre tão valentes, como no começo do assalto!

Fervia a guerra em todos os pontos da *Eterna* Dio!

Os inimigos contavam já muitos mortos, e feridos; porém a desesperação, e a raiva faziam-lhes encubrir, ou desprezar os estragos; porque sobre o corpo d'aquelle que cahia da muralha, lá se estribava logo outro para arremessar a lança, ou para combater mais firme.

Ao cabo d'uma porfiada lucta de sangue e morte, conseguiram em fim os Turcos entrar no baluarte S. Thomé, onde se sustentaram grande espaço de tempo, sendo ainda muito cortados pelo nosso bem afiado ferro. Os trez irmãos Almeidas D. João, D. Francisco, e D. Pedro, foram tão semelhantes no denôdo, e na valentia, quanto o eram no sangue; pois sustentaram todo o pezo de tantos inimigos, em quanto durou o assalto!

Dos inimigos entrados no baluarte, poucos o largaram com vida; por isso que julgando aquelle ponto o principio do caminho da victoria, queriam sustental-o a todo o trance. Rumecão não cessava d'acender o orgulho dos Turcos, com elogios, e promessas. A este tempo correu por toda a praça a voz, *de que os inimigos haviam ganho o baluarte São Thomé;* e quer este grito fosse ardil, quer filho do acaso, é certo que podera perder a fortaleza; porque, os que guarneciam todas as outras estancias, quasi as desam-

pararam, para hirem soccorrer o ponto que julgavam perdido; tanto assim, que os que defendiam as cazas do lado da rocha, voaram com tanta rapidez a prestar o dito soccorro, que aliviaram muito os camaradas que á tanto alli combatiam, e cujas forças se achavam quebrantadas pelo trabalho, e pelos perigos.

D. João de Mascarenhas, andou por todas as estancias a certificar aos nossos, *que o baluarte ainda estava em nosso poder*, que se peleijava n'elle com heroico valor, o que Rumecão via pelo horroroso destroço dos seus, que banhados em sangue se precipitavam do muro, perecendo feitos em pedaços ao tocarem a terra.

Apezar de tantas mortes, e de tantas feridas, continuava ainda o assalto sem esperança de terminar; parece, que a uns e outros contendores se lhes redobravam as forças, e a bravura. Reconhecendo isto Juzarcão, e suspeitando que a pequena guarnição da fortaleza, estaria toda reconcentrada nos dois baluartes assaltados, foi com alguns soldados demandar o reducto denominado *Couraça*, cuja altura, e rochedo batido pelo mar, o tornavam mui defensavel. Chegado alli viu que estava inteiramente desguarnecido de tropa, e entendeu que o tinhamos deserto, por confiarmos na defensa que lhe dera a natureza. Vendo Juzarcão que se não tinha enganado, em suas suspeitas, mandou logo buscar ao exercito um pelotão de cem Turcos, ordenando que viessem tambem algumas escadas; chegado que foi este soccorro, começaram os inimigos a subir por aquella parte sem serem vistos, nem repellidos, porque os soldados que guardavam aquelle ponto tinham-no abandonado, para hirem soccorrer o baluarte São Thomé, apenas lhes constou que estava perdido.

Os Turcos subiram ousadamente a rocha, e foram de-

mandar umas casas, que se encostavam á Igreja de São Tiago, e davam passagem para uma varanda baixa, á qual encostaram as escadas para subirem outros. Juzarcão, durante que isto se fazia, animava a todos com palavras mui lisongeiras, persuadido de que tinha roubado a Rumecão a honra, e a victoria.

Achando-se os Turcos senhores das casas, foram por ellas descendo para a fortaleza; um d'elles, porém, como mais atrevido, ou diligente, entrou na habitação d'uma mulher casada, e pediu-lhe dinheiro com seguro da vida; a desgraçada tranzida de susto fingiu que sahia a buscal-o, e foi contar a uma sua visinha, o perigo em que estavam; esta avisou logo outra, a qual com a decisão, e valentia d'um homem bravo, lançou mão d'um chuço, e correu para a casa onde os Turcos se achavam; chegando alli viu um d'elles á porta, em observação do que se passava fóra, e logo o acommetteu, dirigindo-lhe algumas chuçadas, o que o fez recolher para dentro; a nossa heroina tinha o juizo tão claro n'este perigo, que teve então a lembrança de cerrar a porta, e coragem para aguardar os Turcos, e e impedir-lhes a sahida! — E' para lastimar que o nome de tão preclara Matrona, ficasse perdido em a noute dos séculos, privando-se a posteridade de lhe tributar respeito, e veneração!

Andava o Capitão mór inspecionando os baluartes, com trez soldados ás suas ordens, quando algumas mulheres vieram participar-lhe *que havia Turcos na fortaleza*, e qual o local em que estavam; D. João de Mascarenhas querendo occultar o mais possivel esta invasão, mandou-lhes que se callassem, e que o guiassem á casa onde se achavam os inimigos; antes de partir, ordenou a uma das suas ordenanças que lhe fosse tirar alguma gente dos baluartes, que estivessem sendo menos atacados, e que occul-

tasse o perigo da fortaleza aos que peleijavam; despediu ainda segunda ordenança para lhe trazer os soldados, que encontrasse por fóra das estancias. Depois de dar estas ordens, partiu, reunindo-se-lhe no caminho André Baião, e outro companheiro; chegando á casa onde estavam os Turcos, viu junto da porta a heroina, que já mencionámos, defendendo-lhes a sahida com esfôrço tão grande, como o do mais intrepido guerreiro!

D. João de Mascarenhas ao vêr n'uma mulher valor tão sobrenatural, pussuiu-se d'assombro, e contentamento; e sabendo d'ella que os Turcos ainda se conservavam encerrados, mandou a um Abexim, que por acaso alli apparecera, que lhe fosse buscar uma panela de polvora; este vai a partir, mas um pelouro despedido do eirado da Igreja, onde já se achavam alguns Turcos, veio poupar-lhe o trabalho de cumprir semelhante missão, roubando-lhe a vida.

Morto o Abexim, correu um soldado a procurar a dita panela de polvora; voltando logo com ella tomou-lh'a D. João de Mascarenhas das mãos, meteu d'um vaivem as portas dentro, e quebrou o *projectil* entre os Turcos, onde o fogo abrasou a maior parte d'elles. Os Turcos vendo-se accomettidos por maneira tão estranha, fizeram muitos tiros contra quem os atacava; porém, o Capitão mór sendo respeitado pelos pelouros; pois que nem um só lhe tocára, embraçou um broquel, empunhou uma espada, e cahiu sobre os inimigos com mais quatro valentes que o acompanharam, conseguindo á força de cutilada leval-os até á varanda, e fazel-os precipitar da rocha com perigo identico ao de que fugiram, porque muitos d'elles morreram na quéda.

Já dissemos que se achavam alguns Turcos sob o eirado da Igreija, agora acrescentamos que eram mais de cem, que tinham alli arvorado dois estandartes, e que começavam a dar descargas de mosquetaria sob cincoenta e tantos dos nossos, que vinham chegando; o que tudo foi aqui participado a D. João de Mascarenhas, e o fez voar áquelle ponto. Chegado alli, mandou immediatamente buscar algumas escadas, com o fim de dar um assalto *na propria fortaleza, que governava.* Apenas estas chegaram, foram logo arrimadas ao muro da referida Igreija; querendo o Capitão mór subir primeiro, não lh'o consentiram os soldados, fazendo-o elles com uma intrepidez incrivel.

Começára aqui o combate com muita desigualdade, pela differença do local; porque uns peleijavam a pé firme, em quanto que outros o faziam suspensos nas escadas; d'estas quebraram-se duas; porque entre os nossos guerreiros a competencia, e o ardor, de qual havia subir primeiro, era uma outra guerra. O Capitão mór animava os seus subordinados com a palavra, e com o exemplo, mais por obrigação do cargo, que por necessidade. Tornara-se a lucta mui desesperada; alguns bravos Portuguezes tinham cahido mortos; mas nenhum se retirára ferido.

Em fim, depois de tres horas de porfiada peleija; depois do numero de Turcos ter crescido muito, por isso que Juzarcão não havia cessado de os reforçar, conseguiram os nossos cavalgar o muro, onde podendo combater com firmeza, venceram dentro em pouco os inimigos, matando a muitos com a ponta do ferro, e a outros precipitando-os do eirado.

Vendo o Capitão mór que já não havia perigo por aquelle lado, marchou com os valentes, que alli tinham acudido, a reforçar os baluartes que ainda estavam sendo

atacados, e nos quaes o inimigo era repellido com tanta bravura, que durando o assalto havia quatro horas, parecia ~~ter~~ começado n'aquelle momento.

Eram tantos os mortos que estavam junto dos baluartes, que lhes faltava a terra, e facilitavam a subida do muro. Rumecão sempre activo, e disciplinador, animava, ou reprehendia os seus soldados, conforme o valor, ou fraqueza com que combatiam, incitando-os com recompensas, ou castigos. D. João de Mascarenhas acudia a todos os pontos, ordenando, e provendo todo o necessario, sem haver perigo que elle não partilhasse.

Continuava o combate com um encarniçamento horroroso, tanto d'uma, como d'outra parte; e Juzarcão tendo acabado de chegar com a columna de seu immediato commando, para dar calor ao assalto, um pelouro nosso lhe atravessou o peito, e logo o fez cahir morto. A noticia d'esta morte espalhou-se logo por todo o exercito inimigo; Rumecão recebeu-a com muito sentimento, fosse por temor, ou por compaixão; mandou immediatamente tocar a retirar, e recolher o corpo de Juzarcão, para em consequencia do valor que lhe era peculiar, e do posto que occupára, se lhe fazerem as devidas honras fûnebres.

O revés que os inimigos acabavam de soffrer, causou-lhes o maior desalento e forçou-os a acreditar que não deviam esperar victoria; por isso que as perdas se succediam umas ás outras, e não inventavam estratagema, que os nossos lhes não destruissem. Uma desconfiança sem limite se apoderára de todos os animos; tanto assim, que em todo o acampamento se ouvia bradar: « A victoria já não « val-e, o que nos tem custado; e quando bem a alcance- « mos, quem hade ficar que logre o triumpho? Bem se mos- « tra estar o Propheta indignado contra nós, pois soffre ver

« sua bandeira ignominiosamente rota, e que este ultraje « lhe tenha sido feito, por um punhado de vís Christãos « nascidos no ultimo Occidente; pois tolera que muitos dos « seus mais decididos crentes, tenham morrido cortados « pelo ferro dos mais desesperados inimigos do Alcorão. » Muitos outros brados soltavam os inimigos neste sentido, terminando sempre por acusar a má estrella do General, e as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes.

Procurava Rumecão extinguir estes receios, usando de certos artificios, por exemplo, diminuia a perda dos seus, e augmentava a nossa, fallando a todo o instante nas mercês do Sultão, e no renome que alcançariam os soldados d'aquelle exercito, como parte mais valiosa da recompensa, que deviam esperar.

D. João de Mascarenhas, depois de ter mandado enterrar os mortos, e curar os feridos, sem poupar cuidados nem despesas, pediu a Sebastião de Sá, que se encarregasse de hir participar ao Governador Geral o estado das cousas, significando-lhe o quanto a fortaleza estava falta de gente, de munições de guerra, e de mantimentos. Sebastião de Sá como fosse pessôa de muito crédito, valor, e probidade, incumbiu-se de mui bom grado d'esta arriscada missão, e partiu n'um *Catur* para a desempenhar. Aportou em Baçaim com a pequena embarcação quasi desmantelada, onde foi recebido, e hospedado por D. Jeronymo de Menezes, Commandante da fortaleza, enviando logo d'alli a D. João de Castro as cartas, que D. João de Mascarenhas lhe escrevera.

N'este mesmo tempo, que era o principio do mez de Julho, chegou a Gôa a Náo Espirito Santo do commando de Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador,

e que por má navegação havia invernado em Melinde. Trazia a guarnição quasi toda doente; mas bem depressa a mudança de clima, o cuidado do Governador, e o alvoroço da viagem de Dio, lhe fez reparar a saude. Estimou D. João de Castro tão opportuno soccorro, pois chegára a proposito para lhe engrossar a armada, que andava aprestando para acudir a Dio. Tardavam, porém, noticias d'esta praça, o que era devido aos temporaes do inverno; mas o povo interpretava esta falta como indicio d'algum máo successo; o proprio Governador tambem partilhava esta opinião. Chegaram então as cartas enviadas pelo Vigario João Coelho, pelas quaes o Governador soube o aperto do cêrco, as forças do inimigo, e a falta que os nossos tinham de gente, e de munições d'ambas as especies; e como o remedio a semelhante apuro, se tornava urgente, decediu-se D. João de Castro a mandar seu filho D. Alvaro com algumas embarcações, em despeito do parecer dos mareantes, que julgavam temeraria esta viagem no começo do inverno.

D. João de Castro não se deixando vencer do amor filial, nem dos sustos da quadra das borrascas, presistiu na resolução tomada. Apenas constou a partida de semelhante expedição, offereceram-se muitos soldados, e fidalgos para tomar parte n'ella, em cujo numero entraram alguns anciãos, que pela idade avançada, e pela authoridade já se achavam escusos. Um d'estes foi o benemerito D. Francisco de Menezes, que tendo occupado grandes postos, quiz partir com praça de simples soldado; o Governador abraçou-o com muito reconhecimento, pedindo-lhe se reservasse para o acompanhar a elle proprio, pois que se agora fazia partir seu filho D. Alvaro, não tardaria que elle o fizesse em pessoa com o resto da armada; mas vendo que D. Francisco estava resoluto a hir n'este soccorro, deu-lhe o commando de sete navios, para com elles tentar o gôlfo. D. Francisco partiu effectivamente com esta esqua-

dra, levando em sua companhia muitos soldados valentes, e alguns seus parentes, ambiciosos de fama gloriosa.

Passados trez dias, chamou o Governador Geral a seu filho D. Alvaro á sua presença, bem como a todos os fidalgos, que o deviam acompanhar na expedição, para lhe dar a ordem de partida, e dizer-lhe: « que obedecesse em « tudo a D. João de Mascarenhas, embora o posto o eximis- « se d'essa obrigação; pois devia respeitar as muitas virtudes, « de tão sublime Varão; » tendo-lhe entregado algumas instruções secretas, (*) lançou-lhe a sua benção, e mandou-o embarcar immediatamente, sendo o dia 24 de Julho d'este anno de 1546.

(*) Regimemto pera dom alluaro de castro capitão mor do mar.

Isto he o que vós dom alluaro de castro aveys de fazer nesta viaje omde vos ora mamdo por capitão mor do mar, a descerquar a fortaleza de dio, e fazer a guerra a cambaya.

It. tamto que sayrdes pola barra fora, com todo cuydado e delygemcia trabalhares por cheguardes a chaul, sem fazerdes nenhuũa detemça no camynho, senão aquela que justamente se naõ puder escusar; por asy cumprir a seruyço delrey noso senhor.

It. se tomardes alguũ porto daquy ate chaul, vos mamdo que não sayaes em terra, asy por se escusarem bryguas e deferemças com a gemte da terra, e não vos fogirem os marynheyros, como per outros respeytos que pera isso ha.

It. tamto que embora chegardes a chaul, vos porês a paguar toda a gemte que vay comvosquo em vosa armada, com a mor breuydade que for posyuel: e em cheguamdo, antes que a gemte saya dos navios, mamdarês fazer alardo da gemte que for em cada nauio, pelo escryuão e feytor da feytorya, que farão rol, e por ele será a gemte pagua de huũ quoartel, o quoal pagamemto

Compunha-se esta armada de desenove navios, e foram seus Commandantes D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e sen irmão Jorge de Mendoça, D. Antonio

fará o feytor e escryuão peramte vós, e no cabo dele asynareys e decrarareys per asemto a quoamtas pesoas se fez o dito paguamento, e quamto se momtou nelle.

It. tamto que tiuerdes a gemte pagua, vos partirês loguo, rota abatida, camynho de dio, sem fazer nenhuũa demora no camynho, saluo aquela que vos o tempo causar; e leuarês todollos navios de vosa companhya jumtos, e muy bem apercebydos. fazemdo comta que avês dachar as fustas de cambaya, e de noyte leuarês voso forol aceso, pera que vos não posa perder nenhuũ: e chegamdo á barra de dio entrarês com vosa armada demtro; e loguo desembarcarês com toda a gemte dela, e vos meterês demtro da fortaleza, omde por se escusarem bamdos, e deferemças e outras muytas payxões, que emtre a gemte da guerra soe aver; quoamdo as jurdições e allçadas, em huũ soo luguar, estão repartidas por mais de huũ soo capitão: ey por seruyço delrey noso senhor, e vos mamdo, que em quoanto estiuerdes demtro na fortaleza de dio, e cerquo durar, não huseis dos poderes e allçada que por mynbas prouisões leuaes de capitão mor do mar; mas estarês vos, e toda a vosa gemte há obediemcya e mamdados de dom Joham mascarenhas capitáo da dita fortaleza, ao quoal vos mamdo e emcommendo muyto, que obedeçaes e acompanhês, e estês á sua ordenamça, pera dardes exemplo que asy o fação todos.

It. semdo caso que ao tempo que cheguardes a dio seja o cerquo aleuamtado, ou se alleuamtar depoys de vosa cheguada, e não ouver nenhuũa necesydade de vosa estada, iruos ês amdar á pomta de dio a esperar as naos de cambaya, que vem do estreyto, ou em quoal quer outra parte omde vos parecer que será mais certo achalas; e tomarês todas, asy as que vos amostrarem car-

d'Atayde, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero d'Atayde, Balthasar da Silva, D. Duarte Deça, Antonio de Sá, Bel-

tazes, como as que os não trouxerem; por quoamto per direyto se lhe não devem de guardar, por elles serem os quebramtadores das pazes, e nos moverem guerra, e terem tomados nosos navios e purtugueses.

It. pera que a gemte que comvosquo vay, asy capitaẽs, como llascarys, e toda outra gente, com mylhor vomtade e anymo follguem de pelejar, e se fazer como deve esta guerra a cambaya, lhes comcedo em nome delrey noso senhor escalla framqua por mar e por terra, de tudo que tomarem na sua enseada e costa, soomente nas naos que vyerem de fora da costa da Imdia se não emtemdera a dita escalla framqua; porque nas taes vos mamdo, qne mamdeys pôr muyta guoarda e requado, pera se dellas fazer repartição comforme ao regymemto delrey noso senhor; e nellas pores pesoas por quoadrylheyros, que mais autas e fyeys vos parecerem, e as mamdareys a esta cydade de guoa, omde se emtreguarão ao veador da fazemda.

It. sem embarguo do que vos diguo nos dous capitulos acyma; porque os casos são mais que as leys, e eu de quá não poso prouer nas cousas que lá podem soceder, vos mamdo que tomeys comselho com dom João mascarenhas, e com dom framcysquo de meneses, e se a todos tres vos parecer que deveys fazer outra cousa e irdes a outra parte, farès tudo aquyllo, que per todos tres for asemtado.

It. porque eu tenho mamdado dom framcysquo de meneses a dio por capitão mor de hum armada, que se avia de fazer em baçaym, e pode ser que vos encomtrês com ele; sem embarguo de vós irdes por capitaõ mor do mar, ey por bem que ele e vós vades vosas bamdeyras, e cada huũ ordene e mamde a sua armada. Feyto em guoa a 24 de Julho de 1546. Antouio cardoso secretatario o fiz escreuer» Dom Joham de castro»

chior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme, todos elles guerreiros illustres, a quem o gosto da empreza, e o valor e intelligencia do General; faziam despresar os Turcos, e as tempestades.

Logo que o Governador fez partir seu filho D. Alvaro, ficou aprestando á armada em que devia seguil-o, procurando munições de bocca, e de guerra, e pedindo dinheiro emprestado sob fiança de sua palavra, unico thesouro que conservou na India, e com o qual se fez senhor dos corações, e dos teres de seus habitantes. — Julgamos a proposito não passar mais a diante, sem narrarmos as seguintes acções de heroismo, praticadas antes da sahida de D. Alvaro.

As senhoras, e donzellas de Chaul, impellidas pela veneração geral que se consagrava a D. João de Castro, reuniram todas as suas joias d'ouro, e pedras preciosas, e com liberalidade a mais digna d'elogio, trataram de lh'as enviar, sem preceder obrigação, ou supplica, significando-lhe, que não chorariam a ausencia de seus filhos, e maridos, mas que teriam inveja d'estes o acompanharem na mais santa das emprezas! — Podemos asseverar, que nunca as antigas matronas de Roma, e Grecia, praticaram um rasgo de tão heroica generosidade: dedicação feminil d'este quilate, só os Annáes Lusitanos a podem mencionar.

Quando chegou a Gôa esta valiosa dádiva, achava-se alli uma dona de Chaul, por nome Catharina de Sousa, á qual a exemplo das suas compatriotas juntou tambem as joias que pussuia, e as remetteu ao Governador acompanhadas da seguinte cárta:

«Senhor, eu soube como as mulheres de Chaul tí-«nham offerecido a V. Senhoria as suas joyas para a guer-«ra. Ainda que eu me achasse em Gôa, não quiz perder

« a parte da honra, que me d'ahi cabe. Por Catherina « minha filha mando as minhas joyas a V. Senhoria. Não « julgue, em quão poucas são, as que pode haver em « Chaul, porque lhe certifico, que eu sou a que menos « tenho, porque as tenho repartidas por minhas filhas. E « crêa V. Senhoria, que só das joyas de Chaul, pode fazer « a guerra dez annos sem se acabarem de gastar. — E a « mercê que peço a V. Senhoria é gastar logo estas mi- « nhas na ida do Senhor Dom Alvaro, porque eu espero « em Nossa Senhora, que haja elle tamanhas victorias, « que escuse a ida, e trabalhos a V. Senhoria. Isto peço « em minhas orações, e assi que acrescente a vida a V. « Senhoria, e o deixe ír a Portugal diante dos olhos da « senhora sua mulher, e filhas. Escrita em Gôa nas casas « de Dona Maria minha filha, hoje onze de Junho. Minha « filha Catherina empenharei, se for necessario, para o « serviço de V. Senhoria.

Não sabemos se era do amor da patria, ou da integridade com que o Governador se condusia, que provinham estes rasgos sublimes; mas o que podemos certificar, é, que taes extremos honram tanto a Authoridade a quem se dedicam, como as pessoas que os praticam.

Despedido que foi um, e outro soccorro, ficou o Governador Geral juntando o resto do poder, dispondo o governo da Cidade em sua ausencia. Como sabia que na fortaleza faltavam munições, e mantimentos, além dos que já lhe tinha enviado, carregou um *caravelão* grande, que por ser embarcação mui pesada, podia mal resistir ao embate das ondas na estação invernosa. Esta circumstancia tornava o negocio muito importante, e por isso D. João de Castro desejava commetter esta empreza a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Aconselhou-se ácerca d'isto com Manuel de Sousa de Sepulveda, fidalgo,

que por ser mui valeroso, e atilado, lhe merecia bastante estima, e este respondeu-lhe: «que Antonio Moniz Barre-«to tinha brio, e industria para cousas de maior monta; «que ainda que tinha d'elle Governador alguma leve quei-«xa, seria para não pedir, mas não para engeitar o ser-«viço Real em occasião tão ardua; que elle o tentaria, e «da resolução traria resposta.»

Foi esta como Sepulveda a esperava; poisque, sciente Antonio Moniz do desejo do Governador, e de que o incumbia d'uma empresa engeitada por muitos, por ser difficultosa, aceitou-a promptamente. O resultado que teve, contal-o-hemos a seu tempo.

Conseguíra o Governador pela sua vigilancia, fazer entrar na fortaleza alguns soccorros, os quaes serviram para vigorar o animo dos cercados, e adoçar-lhes o perigo. As forças do inimigo recebiam cada dia maior augmento, constando o ultimo reforço que lhe chegára de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcão, tão intelligente, e valeroso como o primeiro. Trouxe elle terminantes ordens do Sultão para se estreitar o cêrco, contidas n'uma carta escripta a Rumecão, na qual se dizia: «que não era possi-«vel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fa-«zer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma ca-«za; que morressem todos na empreza, porque antes que-«ria um Imperio deserto, que sujeito; que pois nas rui-«nas da fortaleza, estavam já os Portuguezes meios enter-«rados, quando os não podessem render como a homens, «os matassem como a leões em suas mesmas covas.»

Parecendo a Rumecão que a marcha militar que havia seguido n'aquelle cêrco, descontentava o Sultão; mais impellido pela desconfiança, que pela idéa de recompensa, jurou satisfazel-o com a perca da vida, ou com a victoria.

Como não quizesse retardar o cumprimento d'este juramento, mandou immediatamente levantar um forte em frente do baluarte S. Thiago; concluido que elle foi, o que teve lugar com summa rapidez, guarneceu-o d'artilheria, e de soldados, privando os nossos valentes de poderem assomar aos muros, sem perigo de que as balas inimigas os offendessem, pela razão de ficar o dito forte a cavalleiro dos nossos.

Déra este negocio bastante cuidado ao Capitão mór; pois via, que, se Rumecão assaltasse a fortaleza por aquelle lado, conforme a intenção que tinha, não podiam os nossos guerreiros defendel-a, sem ficarem descubertos ao fogo do inimigo. Consequentemente, resolveu-se a destruir este terrivel *visinho*, empresa que encommendou aos dois irmãos D. Pedro, e D. João d'Almeida. Sahiram estes com cem soldados na hora da noite mais captiva do somno, na qual alguns dos inimigos estavam dormindo, e outros em descuido fiados no lugar, e na hora, e cahiram sob elles com tanto impeto e rapidez, que em breve espaço os desbarataram, causando-lhes o maior estrago. Os poucos que conseguiram fugir, foram alarmar o exercito com gritos de terror, sem poderem affirmar ao certo qual o poder que os acommettera; porque meio acordados tinham recebido o golpe, antes de conhecerem a mão que o dirigira.

Rumecão ao constar-lhe este novo revés, entendeu, que a audacia dos nossos se estribava n'algum soccorro grande, que, sem que as sentinellas mouriscas o pressentissem, haviamos recebido. Mandou pois pegar em armas a todo o seu exercito, para hir soccorrer o novo forte; mas como gastasse o tempo em que devia obrar, em ordens demasiadas, e aprestos, quando chegou encontrou a guarnição degolada, o bastião arrasado, e os nossos recolhidos: esta sortida milagrosa custou tresentas vidas aos inimigos, e nenhuma aos nossos!

Em seguida a este successo, fez o inimigo levantar umas paredes grossas defronte do baluarte S. João, postou junto d'ellas muita tropa, e collocou-lhes sob o terrapleno alguma artilheria, para em distancia proporcional, poder bater o mesmo baluarte. D. João de Mascarenhas, tão prompto em destruir os estratagemas do General contrario, quanto este o era em excogital-as, mandou sahir n'uma noite tempestuosa a quatorze soldados por uma bombardeira, os quaes acommettendo de subito os Mouros, os forçaram a abandonar o posto, em quanto que os gastadores com picaretas, e outras ferramentas, desfizeram a obra.

Avisado Rumecão de mais este nosso *feito*, deu ordem para que no dia seguinte se désse um assalto geral á fortaleza; antes do combate arengou aos soldados: «estimulando-os com offensas que tinham recebido de tão poucos inimigos, quasi mortos de trabalhos, de fome, e das feridas; que mais felices estavam os que alli acabaram, pois tinham morrido cobertos de gloria, do que os que ficaram vivos, sendo no mundo testemunhas infames d'uma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rei, vingar seus camaradas, e deixar de si no Oriente uma fama gloriosa; que confiassem nas mercês do Sultão, porque havia de recompensar, e contar uma a uma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastão do General, promettia ser o primeiro soldado que subisse ao muro.»

Rompia a alva do dia immediato, quando o exercito inimigo ao som de desafinadas musicas, e com as bandeiras despregadas, marchava a rodear a fortaleza; chegado alli começou logo a levantar a escadaria, favorecido por um sem numero de tiros de settas, e d'outras armas differentes.

A repentina apparição de forças tão numerosas; o im-

menso trem de guerra que as acompanhava; o descompassado motim dos instrumentos béllicos; as vozes que o General, e seus subalternos soltavam para animar os soldados; finalmente, o estrondo das descargas de fogo, e primeiras disposições para começo do assalto, tudo isto seria mais que sufficiente para aterrar os poucos cercados, que essas forças vinham atacar, se estes não fossem Portuguezes; mas, como o eram, duplicou-se-lhes o denodo e a valentia á approximação do perigo!

Subiram os Mouros os muros por uma parte, e os Turcos por outra, e tanto uns como outros o fizeram mui ousadamente. Os nossos, sendo cada um capitão, e despertador de si mesmo, portavam-se de maneira, que a honra de todos estava a cargo de cada um. Tanto isto é verdade, que dos primeiros inimigos que tentaram a escalada, bem poucos escaparam com vida, o que aconteceu a muitos dos outros que lhes succederam.

Choviam as granadas, as panellas, e as alcanzias de fogo sob os baluartes; os nossos peleijavam entre chammas, e eram por ellas abrazados! Para se refrigerar, ou extinguir em parte o ardor do fogo, mandou o Capitão mór collocar algumas tinas com agua nos pontos atacados; porém o inimigo conhecendo o damno que causava com semelhante ardil, continuou-o em todos os assaltos; os nossos procuraram ainda inutilisal-o com um remedio, senão efficaz, ao menos mais facil, vestindo-se alguns de couro, em que o fogo não pegava tão promptamente: outros repararam-se com a *colgadura de guadamecins*, que tinha D. João de Mascarenhas; quer dizer, despiram-se as paredes, para se vestirem os soldados.

Campeava a guerra com todos os seus furores, em todas as estancias! — O continuo relampejar dos tiros, era

a unica luz que allumiava a fortaleza, poisque opácas nuvens de fumo quasi a escondiam! — A terra em circumferencia das muralhas, estavâ juncada de cadaveres! — Apenas se ouvia o trovejar dos canhões, o zunido das settas, o tenir das espadas, os gritos dos feridos, e os suspiros dos agonisantes! — N'uma palavra, um expectaculo de mortes, fogo, destruição, horrores, e sangue, se apresentava aos olhos!,.

O baluarte de Luiz de Sousa, onde se achava D. Fernando de Castro, esteve a ponto de se perder, porque fora acommettido pela melhor tropa do inimigo, circumstancia que lhe causou muitos estragos. Porém, seus defensores houveram-se na peleija com valentia tal, que até combateram entre chammas, sem que nenhum desamparasse o seu posto! Não devemos particularisar ninguem: desde Luiz de Sousa, e D. Fernando de Castro, até ao soldado de mais inferior nascimento, todos se tornaram dignos de renome eterno, n'este dia memoravel.

Em quanto durou o assalto, não cessou o baluarte do mar de jogar a sua artilheria contra o inimigo, o que a este causou muito damno. Observado isto por Rumecão, e vendo suas bandeiras rotas, mortos os seus melhores soldados, e que a fortaleza havia sido defendida, sem perca de uma só pedra, mandou tocar a retirar para o acampamento.

Este dia foi tão feliz, e glorioso para as nossas armas, que os inimigos tiveram trezentos mortos, e dois mil feridos, em quanto que nós só tivemos mui poucos dos segundos, e nenhum dos primeiros!

Depois de se ter tratado da cura dos feridos, com o zelo e benevolencia do costume, mandou o Capitão mór reparar os estragos, que o combate fizera na fortaleza, o que

se executou com a mesma pontualidade, e boa vontade d'outras vezes.

Rumecão, pesando a grande difficuldade que encontrava em tomar a fortaleza por assalto, mandou entulhar o fosso entre o baluarte S. João, e o de S. Thiago, commettendo esta empresa aos Janisaros, soldados os mais válentes, e destemidos do seu exercito. D'estes já tinham morrido quatrocentos nos differentes conflictos d'aquelle cêrco, e os restantes assistiam a esta obra, expostos ao terrivel fogo da artilheria, o qual lhes disimou ainda bastantes vidas, e matou muitos dos trabalhadores, cujos corpos serviram para augmentar o entulho. Concluida a obra postaram n'ella algumas peças, as quaes faziam muito damno aos nossos baluartes, particularmente ao de S. Thomé, onde nos inutilisaram um *Camélo*.

Chegou então á fortaleza o Vigario João Coelho, e nove soldados, depois de ter luctado n'uma pequena embarcação contra os mares empolados, e ventos contrarios. Referio logo a D. João de Mascarenhas, que o Governador se preparava para acudir ao cêrco, e que já tinha feito partir alguns soccorros importantes. Que ficavam quinhentos homens em Baçaim, que brevemente atravessariam o golfo e viriam aportar áquella praça. Esta feliz noticia espalhou-se immediatamente pela fortaleza, e todos os soldados a festejaram com danças, e toques de musica, olhando continuamente para o mar, e julgando ver em cada nuvem um navio.

Sabendo os Mouros o motivo, porque os nossos se mostravam tão alegres, disposeram-se a dar novo assalto geral á fortaleza, antes dos nossos receberem os soccorros que esperavam, mui resolvidos a não pouparem vidas, nem sangue para alcançar victoria.

Começou n'aquelle dia o bombardeamento com vinte e tres peças, e alguns basiliscos, continuou até o pôr do sol, e no dia seguinte até ás tres horas da tarde. Este fogo arruinou a maior parte dos muros, sem os nossos os poderem reparar, pelas muitas descargas de fuzilaria, que o inimigo lhes dirigia. Os Turcos chegaram a cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruinas da bateria; porém as lanças de Luiz de Sousa, de D. Fernando de Castro, de D. Francisco d'Almeida, e d'outros valerosos soldados, fizeram-nos descer precipitadamente, matando muitos, e ferindo outros. Subiram outros de novo, mas tiveram igual sorte, provando a dureza de nosso ferro.

Combatia-se nos outros baluartes com a mesma fortuna, soffrendo os Mouros igual perca, e ostentando o mesmo valor os nossos! Tão rasos estavam os muros, que os inimigos peleijavam com os nossos face a face, como n'uma batalha campal, servindo-lhes as ruinas d'escadas. Os nossos bravos adquiriram n'este dia memoria immortal, sustentando muitas horas o peso de tão desigual combate; por que os inimigos tinham soldados immensos para substituir os mortos, e feridos, e os Portuguezes até lhes faltavam para guarnecer os pontos atacados!

Vendo D. João de Mascarenhas o grande perigo em que se achava o baluarte S. Thomé, por ser accommettido com maiores forças, mandou-o soccorrer com algumas panellas de polvora, sendo estas conduzidas pelas benemeritas *heroinas*, cuja dedicação, e couragem milagrosa já mencionámos, quando narrámos os sublimes *feitos* do primeiro assalto.

Soprava o vento em contrario aos Portuguezes, levantando nuvens de pó da terra que os Mouros pisavam; o que quasi cegava aquelles, e os collocára no risco de se per-

derem; porém elles combatendo com os olhos fechados, cuidavam mais em offender, que em reparar-se. Os Mouros batiam-se desesperadamente, recordando-lhes o General a honra do Sultão, e a sua.

Igual perigo correram os defensores do baluarte S. João, poisque Juzarcão os atacára impetuosamente com a gente de seu commando; porém este ataque foi repellido tão corajosamente, quanto outros o haviam sido nos demais pontos, custando aos inimigos não poucas vidas. O mesmo aconteceu na guarita de Antonio Peçanha.

Para se ajuisar quanta gloria alcançaram os nossos neste segundo assalto, bastará dizer, que os inimigos tiveram n'elle *mil e seiscentos mortos*, *além d'innumeravel quantidade de feridos*; e que esta immensa perda lhes fora causada por *duzentos e tantos soldados*, que tantos foram n'este dia os denodados defensores de Dio! Em quanto a nós só tivemos a lamentar a morte de *trez* guerreiros, e uns *trinta* feridos!

Do bombardeamento que precedera este assalto, ficára a fortaleza quasi toda arruinada, e com muitas brexas abertas, faltando tempo para reparal-a, materiaes e gente; porém os bravos cercados, trabalhando de noite, e derribando as casas da praça, serviam-se das pedras, e madeiras d'ellas, para construirem uma especie de reparos de defensa subita, e furtiva. — Quanto podia o amor da Patria, e a nobre ambição de gloria nos peitos Portuguezes d'aquellas saudosas éras! —

Ao péssimo estado das obras de fortificação da fortaleza, acrescia a falta de mantimentos, e de polvora; d'esta havia apenas a que se podia fazer de dia, que além de ser pouca, era mal enxuta; aquelles eram tão escassos que

um alqueire de trigo valia trez cruzados. (*) Os doentes, comiam as gralhas que vinham cevar-se nos cadavares, e mesmo estas vendiam-se por muito bom preço, pela razão de serem as unicas aves de penna, que se podiam haver á mão. N'uma palavra, chegou a tal ponto a fome, que os cães, gatos, e outras carnes nocivas, e immundas, serviam para miseravel alimento dos benemeritos cercados! Os Mouros conheciam este horroroso apuro dos nossos, por isso nutriam a esperança de que aturando o cerco, não podiam deixar de se apoderar da fortaleza.

Entre os *projéctis* que faltavam, contavam-se as panelas para pólvora, de que a tropa se servia então na India, tanto nos combates do mar, como nos da terra. Reparou-se esta falta, juntando-se duas telhas com os côncavos para dentro, breando-as por fóra, e prendendo-lhes murrões para serem acesos, quando as arremessassem contra os inimigos.

Desconhecia o Capitão mór os designios do inimigo, por isso desejava tomar um *lingua*, para os saber; e tendo noticia de que alguns Mouros vinham algumas noite postar-se na ponte da fortaleza, onde se demoravam, como quem procurava medir, ou reconhecer o sitio para algum fim, ordenou a Martim Botelho, pessoa em quem muito confiava, que se approximasse uma noite áquelle local com dez soldados, e que fizesse todas as diligencias por lhe trazer um dos mesmos Mouros. Martim Botelho, e os mais companheiros, sahiram pelas bombardeiras da *couraça* no quarto da *madôrra*, simplesmente armados de espadas, e broqueis; apenas chegaram á ponte, viram que desoito Mouros

(*) Comprar n'aquelle tempo um alqueire de trigo, por trez cruzados. equivalia acompral-o hoje por seis mil réis, ou talvez por mais.

para alli se encaminhavam, e os acommetteram subitamente; dezesete d'estes voltaram costas aos primeiros golpes, ficando um Nabi em poder dos nossos, que estes condusirem logo á fortaleza.

Este prisioneiro avisou o Capitão mór, dos intentos do inimigo, o que serviu para se vigiarem alguns ardís, que os Turcos maquinavam. Disse mais: « que este cerco já « custava aos seus *cinco mil homens mortos, afóra muitos Of-* « *ficiaes de nome*; que os soldados mais assizados, desconfiavam « da empresa, entendendo que seriamos soccorridos, mal « o inverno diminuisse; porém que Rumecão em cumpri- « mento da palavra, que dera ao Sultão, cada vez estava « mais obstinado em continuar o sitio. » — E assim mandou minar o baluarte S. Thomé, por conselho d'um engenheiro Turco da Dalmacia, o que se fez tão recatadamente, que os nossos não o poderam perceber. —

Durante que trabalhavam na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo descuberto, ignorassem o occulto. Mandou igualmente collocar alguns cavallos de madeira, na parte que olhava para o dito baluarte, com o fim de fazer acreditar aos nossos, que o queria tomar por escala. Determinando dar o assalto no dia dez d'Agosto, mandou na vespera recolher as peças, que tinha em bateria; e receando que esta medida nos fizesse descubrir-lhe o intento, lançou mão d'um novo ardil para que tal não acontecesse, commettendo o seu desempenho a um *Abexim* mui sagaz. Este, industriado do engano que tinha a praticar, approximou-se n'essa mesma noite do muro da fortaleza, fingindo-se assustado, bradou pela vigia, dizendo « que o recolhessem, por « que tinha que tratar com o Capitão cousas de grande monta. » Foi logo introdusido na praça, e appresentado a D. João de Mascarenhas, em cuja presença se expresseu da seguinte maneira:

«Grande Capitão, achando-me n'um estado de inteira perdição; e não podendo já supportar os remorsos que «me opprimem, reccorro a vós, pedindo remedio para o «mal que soffro. Nascido de pais Christãos, perjurei a fé «paterna em que fora creado, como fructo abortivo de Catholicas plantas; mas, agora que tenho os olhos abertos, «venho bater ás portas da Igreja, para que os Sacerdotes «Latinos encaminhem ao curral de Christo tão perdida ovelha. Eis o que vos digo a respeito da minha desconcertada «vida; em quanto aos particulares de Cambaya, affirmo-«vos, que o Sultão teve aviso, de que o Mogor com poderoso exercito lhe entrava pelos confins do Reino, pondo-«lhe tudo a ferro; que Juzarcão, que ha pouco chegou ao «exercito com treze mil infantes, trouxe ordem para se unir «com Rumecão, e juntos fazerem opposição ao inimigo; «que com esta resolução *acabava de mandar recolher a ar-«tilheria*, porém deveis preparar-vos para esperar um assalto geral no dia d'amanhã, porque os Turcos querem que «esta guerra acabe com estâmpido.»

D. João de Mascarenhas louvando, e confirmando a resolução Catholica, que o *Abexim* havia tomado, agradeceu-lhe a sua revelação, e tornou-o a enviar para o campo inimigo, para o informar de qualquer novidade que alli occorresse.

Bem depressa constou aos nossos soldados a *nova* dada pelo *Abexim*, e festejaram-na mui alegremente com folias, e cantares. Tambem o Capitão mór se possuiu de muito contentamento, vendo a gente tão disposta para repellir o assalto, que, como se acreditava que devia ser o derradeiro de tão apertado cerco, cada um pertendia ennobrecer sua fama, com a pratica de novos *feitos*.

Achava-se D. Fernando de Castro de cama, curan-

do as febres, que o tinham acommettido; porém sabendo que se esperava um assalto, levantou-se, para hir occupar o seu posto no baluarte S. Thomé; D. João de Mascarenhas pertendeu dissuadil-o, já como Capitão, já como amigo; mas aquelle presistindo na resolução que tomára, vestiu as armas, e correu ao dito baluarte!

Mal que amanheceu o dia seguinte, (*) acudiram os fidalgos, e soldados, a guarnecer os postos, havendo-se n'este empenho com tanto contentamento, que parecia estarem já de posse do premio, e do triumpho. Chegados ás estancias, viram que o exercito contrario vinha marchando em ordem na direcção da fortaleza. A nossa artilheria começou então a jogar contra o inimigo, cujos tiros este soffreu sem romper as suas fileiras, até ganhar a frente dos nossos muros, e levantar as escadas para principiar o assalto. Feito isto, atacou os baluartes com grande ousadia, para que a confusão do conflicto nos encobrísse a cilada, que nos tinha preparado. Os nossos defendiam-se com a sua usual valentia, e heroica intrepidez!

Resistia-se no baluarte S. João á violencia do ferro, sem se temer a do fogo. Os inimigos mal lhes fizeram o signal *de se deitar fogo á mina*, retiraram-se todos a um mesmo tempo; esta subita *e geral* retirada descobriu-nos o engano....

O Capitão mór gritou logo, *que abandonassem o baluarte*, para que a explosão da mina não causasse damno. As vozes de D. João de Mascarenhas, foram obedecidas por todos; porém o bravo Diogo de Reinoso, sustentou o lugar, chamando *covardes* aos que o abandonavam; a estas palavras voltaram todos a occupar o posto, seguindo antes tão

(*) Dez d'Agosto de 1546.

nobre exemplo, do que a razão! A mina rebentou logo com estrondo horroroso, e aquelles valerosos Portuguezes pereceram no lugar, que defenderam vivos!

Roubou-nos esta cilada perto de secenta vidas preciosas, contando-se n'este numero as dos Benemeritos D. Fernando de Castro, D. Francisco d'Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reinoso, deixando todos elles as mortes bem vingadas, com as que já tinham causado ao inimigo! D. Diogo de Sottemaior, voando com a lança em punho, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da queda! Alguns bravos foram cahir no arraial inimigo! Escaparam treze com vida, mas todos ficaram *disformes!* Os inimigos tambem soffreram uma parte dos effeitos d'esta explosão; poisque esta arrancando algumas pedras da fortaleza, e arremeçando-as ao campo contrario, fez que estas causassem alli immensas mortes!

Apenas o fumo desassombrou a fortaleza, entraram quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrasado, seguidos do resto do exercito; fizeram-lhes frente *cinco valerosos soldados*, sustentando por muito tempo o peso d'este novo combate! D. João de Mascarenhas acudiu logo áquella parte com quinze *valentes*; e ajudando na defensa aos cinco soldados, fizeram todos tão heroica resistencia ao inimigo, que conseguiram retardar o furor d'um exercito quasi victorioso! — Basta desenhar este Feito sublime com as singelas cores da verdade, para elle exceder a quantas acções de valor mencionam as Historias de Grecia, e Roma. —

Espalhou-se pela fortaleza, que os Turcos se tinham apoderado do baluarte destruido; este boato falso salvou sem duvida a praça, porque fez que muitos soldados das outras estancias, corressem áquelle ponto, e que formassem

alli um pelotão, que bastou para fazer face aos treze mil infantes, que haviam acommettido o mesmo baluarte.

As lanças, panelas de polvora, e pelouros, eram ministradas pelas heroicas mulheres, que tão costumadas estavam a affrontar os maiores perigos; *Izabel Fernandes*, cujo valor já particularisámos, meneando um chuço, andava entre os soldados, gritando em altas vozes: «Peleijai por «vosso Deus, peleijai por vosso Rei, Cavalleiros de Christo, «porque elle está com vosco.» Os Janizaros, e Turcos que combatiam no baluarte, faziam-no com mais denodo, que todos os outros, como quem queria para si toda a gloria d'este dia. O General inimigo mandou redobrar o assalto nas outras estancias, com o fim de dividir as nossas pequenas forças, e poder facilitar a entrada.

O combate tornou-se então mui geral, e horrivel! Os inimigos, como o successo da mina lhe abrira larga porta para a victoria, decediram concluir a empresa neste dia, por isso se batiam desesperadamente. Por muitas vezes esteve perdida a fortaleza; poisque os nossos sendo tão poucos, e achando-se cançadissimos de trabalho, só por milagre, podiam já resistir a forças tão desproporcionadas. O Vigario João Coelho, appareceu-lhes na frente com um Crucifixo arvorado, gritando-lhes «que aquelle Deos, cuja «causa defendiam, era o Author das victorias» Estas palavras confortaram o animo dos nossos benemeritos, a ponto de os fazer sustentar a batalha com a mesma coragem, que patentearam no começo do ataque.

Achava-se proxima a noite; e como um exercito numeroso, combatia contra tão poucos defensores, estes chegaram a receber muitos golpes n'uma mesma ferida! — Não se julgue que haja exageração no que temos referido; poisque os Grandes Feitos, que os Portuguezes praticaram

n'este dia, não ha penna que os possa descrever com a devida exactidão, por faltarem os termos para os explicar. —

Não deixaremos no esquecimento os nomes dos cinco Intrépidos Cavalleiros, que sustentaram todo o peso do exercito inimigo, na sua primeira investida ao baluarte abrasado; porque isso importaria uma criminosa ingratidão, e nós detestamos este sentimento baixo e vil. — Esses Heroes foram Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Corrêa, e Mestre João, Cirurgião de nome.—

Acabava o dia, quando Rumecão mandou cessar o ataque, e retirar para o acampamento, tendo tido setecentos soldados mortos, e um sem numero de feridos, dos quaes ainda lhe pereceram muitos por falta de remedios, e de quem os curasse. O ultimo dos cinco Benemeritos Cavalleiros, que já mencionámos, morreu em consequencia das muitas feridas que recebera, deixando-as bem vingadas no sangue dos inimigos. Isabel Madeira sua digna esposa, depois de o sepultar por suas mãos com poucas lagrimas, e grande sentimento, acudiu com as outras matronas ao reparo das estacadas; no qual todas se empenharam com um zelo, e constancia, impossiveis de descrever.

Retirado o inimigo, mandou D. João de Mascarenhas enterrar os mortos, que estavam nas ruinas do baluarte, e que o foram n'uma mesma cova pela estreiteza do local. Porém, D. Fernando de Castro foi sepultado em separado, antevendo-se que seu pai quereria trasladar-lhe os ossos, para outro qualquer lugar. — Os Manes do heroico filho de D. João de Castro, foram recolhidos n'uma humilde sepultura..; é verdade; porém ella era cem mil vezes mais illustre, e gloriosa, que as massas gigantescas de pedra chamadas *túmulos*, que por ahi attestam uma vaidade requin-

tada, e que encerram *restos* de quem nunca praticára na vida uma acção meritoria, quer em defensa da Patria, quer em proveito do seu semelhante.

Tendo o Capitão mór cumprido os ultimos deveres para com os companheiros, aos quaes a crueldade *agarêna* roubára a vida; e vendo reparados os baluartes, tal como o promettiam os poucos materiaes proprios para isso, e os esforços heroicos das corajosas mulheres d'aquella praça, reuniu os poucos camaradas, que sobreviveram ao estrago, e dirigiu-lhes as seguintes palavras:

«Companheiros e amigos, bem vedes o miseravel es-
«tado em que nos achamos; muitos dos defensores d'este
«*cercado* recinto, estão mortos; dos que restam, uns tem
«abertas as feridas, outros estão enfermos; estão destroça-
«das todas as armas; corruptos os mantimentos; gastas as
«munições; a fortaleza posta por terra; os mares com os
«temporaes do inverno, cada vez mais cerrados; o inimi-
«go vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia das
«nossas faltas; peço-vos que considereis tudo isto, e que
«não vos lembrando das vidas, me aconselheis, como me-
«lhor poderemos salvar a honra do nosso Rei, e a nossa;
«entendei que estamos como espectaculo do mundo, e que
«temos sobre nós os olhos do Oriente todo, expostos a me-
«recer a maior fama, ou a maior infamia; sabei, que se
«não podeis alcançar a victoria, podeis privar d'ella aos
«inimigos, pois está nas mãos de todos o poder acabar glo-
«riosamente, ganhando maior honra destroçados, que os
«Mouros victoriosos; chamei-vos para vos communicar a
«resolução em que estou, esperando, que todos a appro-
«veis; a qual é, que em se gastando esse pouco manti-
«mento, e munições que temos, se queime a roupa, crave
«artilheria, e sáia com as espadas nas mãos a buscar o
«inimigo, para que não possa chamar victoria aquella, em

«que não achar captivos, nem despojos!» — Assim se expressou o *forte*, o *illustre* D. João de Mascarenhas, n'uma das occasiões mais criticas da sua gloriosa vida; todos os seus bravos ouvintes appoiaram a sua resolução heroica, parecendo-lhes que tardava o momento de a redusir á prática!

Terminaremos aqui o presente Capitulo, asseverando, que ao descrevermos a Dedicação, o Heroismo, e a Valentia d'estes nossos Inclitos Antepassados, não cessamos de combinar o que já *fomos*, e *podémos*, com o que hoje *somos*, e *valemos*; e que esta terrivel combinação nos parte o coração de dor!

CAPITULO V.

ANNO DE 1546.

Perigosa viagem de D. Alvaro, e sua arribada a Baçaim. Chega alli Antonio Moniz Barreto, e parte logo para Dio em companhia de Garcia Rodrigues de Tavora, e Miguel d'Arnide. Depois d'arriscada viagem, chegam a Dio, e dão alli noticias de D. Alvaro. D. João de Mascarenhas escreve a D. Alvaro. Este, e D. Francisco de Menezes sahem de Baçaim. Continúa Rumecão as minas; os nossos reparam-se d'ellas. Rumeção dispõem os seus para outro assalto. E' atacado o baluarte. S. Thiago, e rebenta a mina com damno do inimigo. Rasgos de valor das mulheres da fortaleza. Retiram-se os inimigos com perda, e um de seus Cabos louva o valor dos nossos. Fogem trez escravos nossos, e avisão a Rumecão do nosso estado. O inimigo dá novo assalto, e os nossos re-

sistem-lhe valentemente. Rumecão ataca o baluarte S. João, mas logo se retira. Intenta innutilisar a cisterna. Rebenta outra mina, causando damno ao inimigo. Grande perigo dos nossos. São arvoradas tres bandeiras inimigas no baluarte. S. Tiago. O Capitão mór ordena novos reparos. Luiz de Mello parte de Baçaim para Dio, e o mesmo fazem logo depois d'elle mais quatro fidalgos. Luiz de Mello tem trabalhosa viagem, e resiste aos que querem arribar. Aporta a Dio, onde dá noticias de D. Alvaro. Chegam alli mais dous fidalgos. Combate-se no baluarte S. Thiago. Risco da fortaleza, e valentia de seus defensores. Retira se Rumecão com muita perda. E' soccorrido o inimigo. Aportam a Dio mais dous fidalgos. Rumecão desconfia da empresa, e abre outra mina, que os nossos atalham. Dá fogo a esta, e os nossos defendem as roturas. Retira-se o inimigo. Rumecão acommette em pessoa o baluarte S. Thomé. O que acontece no baluarte S. Tiago. Rasgo de heroismo d'um soldado. Retira-se outra vez o inimigo. Antonio Corrêa sahe a fazer alguma preza, e ataca a doze Mouros, que o aprisionam. E' apresentado a Rumecão, e recusa-se a abjurar a Fé. Soffre por isso muitas affrontas, até que é degolado. Perigo em que está a fortaleza. D. Alvaro, e D. Francisco de Menezes, tornam a arribar. Chega Ruy Fernandes a Dio. Continuam D. Alvaro, e D. Francisco de Menezes a viagem, e tomam uma não de Cambaya. Chegam a Dio com quarenta embarcações; tanto D. Alvaro, como o Capitão mór participam a D. João de Castro o estado da fortaleza. O inimigo investe outra vez, e retira-se. Decidem-se os nossos a hir encontral-o. O Capitão mór, D. Alvaro, e D. Francisco, pertendem oppor-se. Os soldados não mudão de resolução, e o Capitão mór, e os fidalgos acompanham-nos, para evitarem maior perigo. Sahem os nossos. Em que ordem o fazem. Resistem-lhes os inimigos. O Capitão mór reprehende os amotinados. D. Alvaro porta-se com muito valor, e intelligencia, sobe o muro, e cahe atordoado com uma pedrada. Luiz de Mello é atravessado por um pelouro. Mor-

re D, Francisco de Menezes. Estratégia do Capitão mór. Fidalgos que se destinguiram n'esta sortida. Mojatecão ataca a fortaleza, e retira-se. O Capitão mór consegue meter em ordem os soldados. Perda dos nossos n'esta sortida. Rumecão continúa as minas, e os nossos reparos. Edefica uma nova Cidade. Chega D. Manoel de Lima a Gôa, vindo do Reino. O Governador recebe noticias de Dio, e supporta com muito valor aquella da morte de seu filho D. Fernando. Manda soccorrer Dio por Vasco da Cunha. Entra este em Baçaim, e depois em Dio com Luiz d'Almeida. Este vai esperar as náos de Meca, aprisiona duas, e entra com ellas no porto de Dio. D. Alvaro nega-se a resgatar um Janizaro, e mando-o enforcar. Tomada de quatorze Gelvas inimigas. O Governador declara em conselho, que vai soccorrer Dio, e D. Diogo d'Almeida opina em contrario. Resposta que lhe dá o Governador. Rumecão continúa outra mina, cuja explosão não causa damno aos nossos.

Durante que se passavam as cousas, com que fechámos o Capitulo antecedente, navegava D. Alvaro, luctando contra horriveis tempestades; porque tendo-se já entrado no mez d'Agosto, (*) tempo do inverno rigoroso n'aquellas paragens, e querendo elle acudir quanto antes á fortaleza, desprezando mesmo o perigo da esquadra, forcejava por seguir viagem até por debaixo d'agua.

(*) *Jacinth. Freire* no *livro* 2. § 122, e *Couto* na *dec.* 6. *liv.* 2. *cap.* 7., dizem, que este mez era o de Junho, e marcam-lhe o dia 24; vê-se qne isto é um engano manifesto, por quanto, D. Alvaro partiu de Pangim, no dia 24 de Julho, isto é, na data do proprio regimento que seu pai lhe entregou ae embarcar, segundo refere *Andrad. part.* 4. *cap.* 9.

Soprava um terrivel vento de travessia, e o mar achava-se muito empolado, o que tinha causado tantos estragos nas embarcações, que estas não davam já pelo governo. Afinal, saltou fóra o leme do navio *chefe*, e D. Alvaro não teve então remedio senão arribar a Baçaim, com algumas das embarcações de sua conserva todas destroçadas, hindo outras parar a differentes portos, e bahias. Ahi encontrou a D. Francisco de Menezes tambem arribado, havendo este tido tão má fortuna, que teve d'alijar ao mar os mantimentos, e munições que condusia, se quiz salvar o casco.

Logo em seguida, chegou Antonio Moniz Barreto com o *caravelão* de munições, o qual tambem estivera perdido por muitas vezes, por causa das tormentas. Apenas este fundeára, Barreto fez entrega d'elle a D. Alvaro, resolvido a passar a Dio em qualquer outra embarcação, que podesse melhor affrontar a furia dos mares. Cresceu o tempo n'este dia, o *caravelão* entrou a cassear, e trincou duas amarras; e como a conservação d'este baixel fosse mui importante, por causa das munições de soccorro que tinha a bordo, tentou D. Alvaro acudir-lhe, mas todos os seus esforços e os dos marinheiros foram perdidos, poisque não poderam aprear com elle.

Antonio Moniz Barreto metendo-se então n'uma *Galveta*, (*) que por acaso estava na praia, forçou os remos para o *caravelão*; depois d'estar por muitas vezes proximo a soçobrar, conseguiu deitar-lhe um cabo, e poude trazel-o a reboque. Isto feito, como visse que n'aquella *Galveta* faziam menos impressão o choque, e o embate das ondas, que n'outra qualquer, comprou-a ao dono clandestinamente, e embarcou n'ella com alguns marinheiros a seu soldo. Gar-

(*) Embarcação pequena e leve pouco maior que uma falúa cacilheira.

cia Rodrigues de Tavora vendo a resolução d'Antonio Moniz, pediu a este, que o deixasse hir comsigo; Moniz respondeu-lhe, que lhe não convinha acompanhar-se de pessôa de tão grande nome, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si a gloria d'este perigo, sem que na sua embarcação parecesse *segundo.* Garcia redarguiu-lhe, que pregoaria por toda a parte, que elle Moniz era o *primeiro*, e que d'isto lhe passaria o respectivo certificado. Antonio Moniz penhorado por semelhante delicadeza, concedeu a Garcia que embarcasse com elle.

Começavam elles a fazer-se de vela, quando Miguel d'Arnide, soldado de corpo agigantado, e maior ainda na valentia, lhes gritou de terra: « Como, senhores, sem mim passais a Dio? » Não cabeis cá, (lhe respondeu um d'elles.) *Porém o intrépido soldado arremessando-se ao mar mesmo vestido, com uma espingarda na boca, foi nadando para a Galveta!* Antonio Moniz vendo tão grande gentileza, pairou para o recolher, dizendo « que levava um bom soccorro a Dio, em tão bom companheiro. »

Andaram aquelles fidalgos navegando todo aquelle dia, e noite, luctando contra os maiores perigos; poisque, tão péssimo se achava o tempo, que corriam com uma moneta ao pé do mastro á descripção das ondas, alagando estas a *Galveta* por ambos os bórdos. Chegados á tarde seguinte já mortos de cansaço, e de fadigas, conseguiram avistar a fortaleza; porém tão rasa estava ella, que apenas se conhecia pelas ruinas! Chegaram em fim a fundear, sem as sentinellas darem por tal; este facto fez-lhes julgar que a fortaleza estava perdida.

Antonio Moniz bradando então mui alto pelas vigias, estas ouviram-no, e deram immediatamente parte ao Capitão mór. Este veio assistir ao desembarque dos recem-che-

gados, e abraçando-os mui alegremente, agradeceu-lhes a sua chegada, e quiz saber onde se achava D. Alvaro. Antonio Moniz respondeu-lhe em voz alta, para os soldados o ouvirem: Aqui, Senhor, em Madrefabat o tendes com secenta navios; tão depressa o mar abonance, ver-lhe-heis as bandeiras. E disse-lhe em segredo, que ainda ficára em Baçaim arribado, depois de ter tentado o golfo bastantes vezes; mas que tão impaciente se achava, que não tardaria em vir soccorrel-o.

Festejaram os soldados a noticia com musicas, e danças, fazendo-lhes a esperança do soccorro proximo, esquecer os trabalhos passados; os que haviam servido debaixo das ordens de D. Alvaro, como lhe conhecessem o brio, e o valor, certificavam que as tempestades não lhe fariam retardar a vinda.

Foram os recem-chegados agasalhados nos baluartes S. João, e S. Thomé, que eram os mais arruinados, o que elles muito agradeceram a D. João de Mascarenhas; poisque, confiando d'elles pontos tão arriscados, dava uma prova clara de que confiava muito na honra, e na intrepidez das suas pessoas. Antonio Moniz mandou logo a embarcação, em que viera, a seu primo Luiz de Mello de Mendonça, hindo n'ella alguns soldados estropeados com cartas do Capitão mór para D. Alvaro, nas quaes lhe narrava todo o acontecido, e todas as precisões que temos relatado.

Aportou a *Galveta* a Baçaim, causando alli muito contentamento por se saber que a fortaleza ainda era nossa; porém a infausta nova da morte do Heroico D. Fernando de Castro, fez derramar torrentes de lagrimas de profundo sentimento! D. Alvaro recebeu-a com a constancia de soldado forte, dizendo-se feliz por se achar com a espada em punho, e em posição propria de poder vingar a perda d'um

irmão, que lhe fôra tão charo. Para apressar a satisfação d'esta vingança, concertou logo com D. Francisco de Menezes, que sahissem n'esta tarde os cincoenta navios expedicionarios, que alli estavam. Esta sahida teve effectivamente logar, hindo as embarcações divididas em duas esquadras, uma commandada por D. Alvaro, e outra por D. Francisco. — Não relataremos agora os succeessos d'esta importante expedição, porque vamos tratar do que n'este tempo se passava em Dio. —

Vira Rumecão que tirava melhor resultado das minas, que dos assaltos; e como soubesse por via d'alguns escravos que nos haviam desertado, qual era a falta de munições, mantimentos, e gente, que havia na fortaleza, entendeu que podia continuar a minar a praça com menor risco, e maior effeito do que d'antes; mandou por isso picar o baluarte S. Tiago, e o lanço do muro que corria para elle, tudo por estradas occultas, para segurança de seus trabalhadores, e poder esconder-nos os designios.

D. João de Mascarenhas sempre cauteloso, e previdente, dedusiu do ocio em que se achavam as armas do inimigo, que este trabalhava em alguma nova mina; e desconfiando que isso tivesse logar no baluarte de Antonio Peçanha, mandou fazer-lhe alguns reparos, e abrir escutas, pelas quaes poude ver o trabalho que o inimigo fazia. Este não podendo romper o muro á força de *picão*, venceu esta difficuldade por meio de vinagre, e fogo: isto prova evidentemente, que não faltava valor, nem disciplina a estes inimigos, como pertendem os que para deslustrar o nome Portuguez, lhes chamaram barbaros, e bisonhos.

Rumecão conseguiu com similhante artificio arruinar o muro, e ordenou que entre o baluarte de S. Thomé, e o Cubêllo, se começasse a abrir a mina; os nossos conhe-

ceram-no logo, fizeram-lhe a contra-mina, e ergueram por dentro uma parede forte, cujo trabalho, e conducção de precisos materiaes, foram desempenhados com a importante ajuda d'aquellas *heroinas*, que nunca se negavam ao serviço mais pesado, e de maior perigo.

O General inimigo logo que viu concluida a mina, resolveu-se a dar um assalto geral escudado por ella, e chamando á sua presença os Officiaes do exercito, e os que tinha escolhido para escalar o muro, fez-lhes a seguinte falla:

« Aquellas ruinas, que estais vendo, tintas no sangue « de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, « ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardam » aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome, e as fe- « ridas tem tirado as forças de sorte, que só peleijamos « com as sombras dos que já foram homens, offere- « cendo os miseraveis aos nossos alfanges, vidas sem san- « gue. A honra que n'este cerco tem ganhado com valor in- « felice ha de ser toda nossa, *porque do fim da guerra to-* « *mão nome as empresas*; *que o mundo julga sempre o valor* « *da parte da ultima fortuna.* Acabemos de ganhar aquella « fortaleza, *subamos a este monte de triumphos*, vingaremos « infinitas injurias com uma só victoria. Livremos esta es- « crava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos ma- « res, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com « este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empresa, e « se acordará o Oriente idades largas com alegre memoria « de tão formoso dia. »

Rumecão apenas acabou esta pratica, mandou formar o exercito, e dirigio tambem aos soldados palavras proprias para excitar brios, marcando até recompensas para os primeiros que subissem ao muro.

Era este dia o de dezeseis d'Agosto, e n'elle mesmo vieram os inimigos acommetter a fortaleza com todo o seu poder; repartindo-se com muita ordem pelos baluartes, reservaram a maior parte das suas forças, para atacar o de S. Tiago; arrojaram-se contra este em tumulto, soltando espantosos gritos, e despedindo sobre elle uma chuva de settas, e d'outras armas d'arremeço; o que faziam para chamarem alli a maior força dos nossos. Tornou-se aqui a lucta mui desesperada; até que *fingindo* o inimigo, que cedia á nossa resistencia, retirou-se subitamente a um signal convencionado. Mas como os nossos estivessem previnidos, e conhecessem por isso o fim d'esta retirada, apartaram-se tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Deitaram-lhe os Mouros fogo; porém este encontrando resistencia nas escarpas do muro, que lhe contraposeram, rebentou pela face de fora; isto fez que a cortina d'aquelle fôra cahir sobre os inimigos, o que lhes matou mais de tresentos homens, e feriu muitos mais.

Rumecão, apenas as nuvens de pó, e fumo que esconderam por muito tempo a fortaleza, se dissiparam, mandou subir muita tropa pelos estragos, e ruinas do fogo, convencido de que chegára o momento d'alcançar victoria. Os nossos mostraram-lhe bem depressa, que se enganava, recebendo-lhe os soldados na ponta das lanças com summa intrepidez, e fazendo-os voltar em pedaços sob os opprimidos da mina. Os que succederam a estes no acommettimento, depois de terem combatido largo espaço, tambem foram derribados pelos nossos valentes. Estes, estavam sendo abrasados, e feridos por innumeraveis settas, chuços, e alcanzias de fogo, que lhes atiravam do campo inimigo; porém nenhum d'elles abandonou o ponto que defendia, renovando os heroicos feitos com que já se haviam immortalisado n'outros conflictos d'este cêrco.

*

Crescendo o fogo cada vez mais no baluarte, mandou o Capitão mór trazer para elle tinas cheias d'agua, para esta extinguir o lume que queimava os vestidos, e abrasava os corpos. Como a esta parte correu a maior força inimiga, tambem aqui foi maior a resistencia dos nossos, o que tornava a peleija mui viva.

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora, ganharam n'este dia mui benemerita fama, e gloria, porque susteram o peso dos inimigos com uma valentia sobrenatural, mostrando o mesmo valor nos perigos da terra, que haviam ostentado nos do mar. Não deixaremos tambem de mencionar, que as honradas Matronas da fortaleza, cuja memoria já era tão brilhante, adquiriram n'este assalto maior jús á gratidão da nossa posteridade, ennobrecendo o nome Portuguez com estrondosos rasgos d'heroismo; e que Isabel Fernandes, a mais velha de todas ellas, animava os soldados com a palavra, e com o exemplo, empunhando um chuço.

Não estavam as armas inimigas ociosas nos outros baluartes, porque em todos peleijavam, para com a diversão facilitarem a entrada pelo de S. Tiago. Rumecão mandou tambem, que se batesse a Igreja, qne por motivo da sua eminencia podia ser arrasada, julgando que n'aquelle lugar, nos seria mais sensivel a offensa. Porém os nossos apertaram tanto os inimigos, que estes já escalavam o muro mui frouxos, e tíbios, detendo-os o horror de sua propria ruina; até que afinal retiraram todos para o acampamento, tendo tido quinhentos mortos, e um sem numero de feridos.

A honra que Miguel d'Arnide ganhou n'este combate, podia mui bem contentar a qualquer dos nossos guerreiros; poisque este valente soldado houve-se de maneira tal, que, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava-

lhe o segundo! Mojatecão, commandante d'um dos soccorros de tropa, que tinha recebido o exercito, fallava com desprezo do valor dos Portuguezes; mas formando differente conceito pela experiencia d'este dia, dizia: «Que eram «dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do «mundo estava em serem elles tão poucos, porque a natu-«reza, como a leões, os tinha feito raros, encerrando-os «nas covas do ultimo Occidente.»

Tivemes n'este dia sete soldados mortos, e ficaram vinte e dous abrasados. Os que se achavam sãos eram tão poucos, que nem sequer chegavam para tratar os feridos, quanto mais para reparar os estragos da fortaleza, para o que faltavam tambem os precisos materiaes; mas como Rumecão encontrava tão tenaz resistencia nos assaltos, formava mui differente juiso das nossas forças. Porém, tres escravos que n'este tempo nos fugiram para o inimigo, foram informal-o cabalmente do nosso misero estado, tanto em relação á falta de gente, como á de mantimentos, e munições. Rumecão mui satisfeito com estas informações, resolveu atacar-nos no dia seguinte com todo o seu poder, fazendo saber aos seus as circumstancias em que nos achavamos, e querendo mesmo que os escravos as fossem publicar pelas filleiras do exercito, o que effectivamente teve lugar.

Na madrugada seguinte, vieram todas as forças inimigas postar-se em torno da fortaleza, e logo um pelotão de Turcos tratou d'assaltar o baluarte S. Thomé, cujas ruinas serviram d'escadas aos assaltantes. Estes atacaram com a sua usual valentia, mas os nossos quebrando entre elles algumas panelas de polvora, fizeram-nos retirar abrasados. Seguiram-se logo outros a occupar o seu lugar, mas igualmente foram forçados pelo nosso ferro a voltar costas, depois de terem peleijado algum tempo. Crendo Rumecão,

que tão aturada resistencia nos teria exaurido o animo, e as forças, bradou aos seus, *que subissem a tomar posse da fortaleza, que n'esta já não havia, quem se lhes oppozesse.* Logo que o General inimigo proferiu estas palavras, um grande troço de Mouros arremetteu desesperadamente o muro, conseguindo cavalgal-o no primeiro impulso. Começaram alli a combater com os nossos braço a braço, mostrando-se valor igual d'uma e d'outra parte; mas isto honrava cem mil vezes mais os nossos, por serem tão poucos, e estarem cançados, e feridos, do que honrava os inimigos, que contando um numero de immensos combatentes, não tinham as forças gastas pela fome, nem pelo trabalho. D. João de Mascarenhas, Luiz de Sousa Commandante d'aquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco d'Almeida, praticaram aqui gentilezas d'armas superiores a todo o elogio; o mesmo se deve dizer dos mais Cavalleiros, e soldados, que combateram n'este terrivel conflicto.

O baluarte S. João foi tambem acommettido pelo proprio Rumecão em pessoa, mas os poucos bravos que o guarneciam, obrigaram o inimigo a retirar-se com muita perda, envergonhado, e corrido.

Vendo o General inimigo, que seus soldados já começavam a indisciplinar-se, com o horror de tão continuados estragos, decidiu-se a continuar com o artificio das minas, como o mais efficaz, ou mais seguro. Mandou primeiro abrir muitas sétteiras na parede, que havia entre o seu exercito; e a fortaleza, causando com isso grande damno aos nossos, poisque estes achando-se as muralhas arruinadas, peleijavam em campo raso. A artilheria inimiga, começou tambem a jogar continuamente contra a praça.

Ha na fortaleza uma cisterna, collocada na rua cha-

mada a Cova; e Rumecão vendo que se a arrombasse mataria os nossos á sede, mandou-a bater com um Quartão. Cahiam muitos pelouros n'aquelle lugar, com perigo dos miseraveis que alli se abrigavam, e da abóbeda que cobria a cisterna. O Capitão mór conjurou este perigo, mandando fazer uma alta estacada de vigas, e de entulho, e furando as casas por dentro, para que a serventia d'umas a outras se tornasse segura.

Continuavam os Mouros a minar o baluarte S. Tiago; percebido isto pelos nossos, contrapozeram-lhe repuxos fortes, e abriram alguns vãos por onde se vazasse o fogo. Rebentou em fim a mina, e tal resistencia encontrou nas escarpas, que arremessou parte do baluarte para a banda exterior, matando muitos soldados, e mineiros que assistiam á obra, sem causar damno aos nossos, e ficando inteira a cortina do muro. Apóz isto, avançaram os inimigos em chusma ás ruinas da explosão; mas os nossos apezar de muito debilitados pela fome, e pelas feridas, oppozeram-lhes uma valentissima resistencia, sustentando por muitas horas o peso de lucta tão desigual, e horrivel, acommettidos de longe com armas d'arremesso!

Depois d'incriveis esforços, e de muito sangue vertido, conseguiram os inimigos arvorar trez bandeiras no baluarte, e tomar posse d'umas casas contiguas á Igreja de S. Tiago encostada ao mesmo baluarte, ficando ametade d'este e d'aquella sustentada pelos Mouros, e a outra pelos nossos.

Chegada a noite abrandou o furor do combate, sem comtudo se deixar de jogar golpes incertos, e vagos quer d'uma, quer d'outra parte. Mandou logo o Capitão mór, que mesmo com as armas nas mãos, se erguesse uma fraca trincheira que servisse para nos dividir, e abrigar do inimigo; esta fez-se quasi furtivamente, ficando os nossos

valentes alojados no proprio lugar da batalha. Mandou tambem collocar um *camelo* á porta da Igreja, cujo fogo entrou a causar muito damno aos inimigos, por ficar a cavalleiro do baluarte; perigo que os Mouros cuidaram em affugentar, levantando uma grossa trincheira.

Ao tempo que isto se passava na fortaleza, alguns nossos corriam não menor risco no mar; porque apenas chegára a Baçaim a *Galveta* d'Antonio Moniz, logo no dia seguinte, que era o de quatorze d'Agosto, embarcaram n'ella Luiz de Mello de Mendonça, e mais quinze companheiros — e D. João de Taide, e Francisco Ilher (*) cada um em seu navio, em companhia de quinze soldados: — todos elles seguiram para Dio.

Luiz de Mello foi muito infeliz n'esta viagem, porque teve que luctar contra um horrivel temporal, que o acommettera, e contra as porfiadas insistencias que se lhe faziam para arribar a qualquer parte. Os marinheiros, e os soldados, vendo que a pequena e fraca embarcação que os condusia, fazia agua por todos os lados; e não podendo já resistir ao trabalho de a esgostar com baldes, combinaram-se para obrigar por força a Luiz de Mello, que arribasse; este sendo avizado por Gomes de Quadros, soldado da sua estima, recolheu todas as armas no payol, poz-se em cima d'elle com a espada na mão, dizendo: «Quem me fallar «mais em arribar, ás estocadas lhe darei a resposta; a vi«da de nenhum de vós não é de maior preço que a minha, «para vos não quererdes perder, onde eu ficar perdido; «ponde os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a sal«vação tem já outro porto.» Confundidos os soldados, e marinheiros com esta resolução, foram soffrendo o perigo

(*) Estes nomes são os que *Andrad. part. 4, cap. 13*, dá a estes bravos.

caladamente; até que no meio da tarde avistaram a fortaleza, da qual foram igualmente vistos com espanto, e prazer.

Ao entrarem a barra, fizeram-lhes os Mouros alguns tiros, mas conseguiram surgir sem damno na *Couraça*. O Capitão mór correu a recebel-os com muita alegria, affirmando-lhe Luiz de Mello, que D. Alvaro não poderia tardar dois dias; esta noticia foi muito festejada com todas as demonstrações de regosijo, o que fez suspeitar aos Mouros que estava a chegar-nos algum soccorro, e deu causa para se apertar mais o cêrco. Luiz de Mello, e os seus, foram alojados no baluarte S. Tiago, de cuja maior parte estava senhor o inimigo, e que guarnecia com os soldados mais aguerridos do seu exercito. No dia seguinte chegaram D. Jorge de Menezes, e D. Duarte de Lima, tendo tido uma viagem tão perigosa, como a de Luiz de Mello. Estes soccorros pequenos no numero, mas muito grandes na qualidade, vieram dar o maior alento aos benemeritos cercados.

Na madrugada do outro dia, subiram os bravos recem-chegados pelo muro, que cobria os inimigos, e lançaram-se sob estes com tanto impeto, que os deitaram fóra, não obstante a resistencia que oppozeram. Rumecão avisado pelo estrépito das armas, acudiu áquella parte com todas as suas tropas. Combateu-se então braço a braço, ferindo-se os combatentes até com armas curtas, e defendendo cada um com o sangue e a vida, o ponto que occupava. Porém, como fossem tão superiores as forças do inimigo, este apezar das gentilezas das nossas armas, tornou a assenhorear-se da parte do baluarte, que havia perdido, reforçou-a com dobrada guarnição, e mandou assaltar a fortaleza por todos os lados. Mas quando a lucta chegára ao maior furor, começaram a chover torrentes d'agua, acompanhadas de mui-

tos relampagos, trovões, e vento, tornando-se o dia muito escuro.

Foi este acontecimento natural interpretado pelos Mouros, como favor de seu Propheta, por verem que a muita chuva nos impedia de os offendermos com as panelas de polvora, e mais instrumentos de fogo; confortados por esta interpretação, chegavam-se aos nossos sem susto, e feriam-lhes os ouvidos com estrondosas algazarras, como quem contava com a protecção do Céo. — Nunca a fortaleza esteve em maior perigo, do que n'esta terrivel occasião! — Seis horas durou tão horrivel combate; até que serenando a borrasca, e tornando a aclarar o dia, começaram os nossos a servir-se das panelas de polvora, para abrasarem os inimigos, o que tornou estes menos orgulhosos, e os fez combater mais cautos, até que chegou a noite. Rumecão mandou então retirar, tendo quatrocentos mortos, e mais de mil feridos; dos nossos faltaram sete, e foram mais os feridos.

Assistiram a este assalto todos os fidalgos, que ultimamente haviam chegado, igualando no valor a todos os antigos cercados. D. João de Mascarenhas mostrou-se como sempre General providente, e intelligente, e soldado intrépido, e corajoso. Passaram os nossos esta noite continuamente álerta, por causa da proxima visinhança do inimigo, ao qual chegára um soccorro de cinco mil infantes com muitos Officiaes Turcos.

No dia immediato ao do assalto, entraram a barra D. João de Taide, e Francisco Ilher, os quaes não acharam menos bravos os mares, que os que temos referido. Disseram elles, que D. Alvaro, e D. Francisco de Menezes já haviam sahido de Baçaim, commandando cada um d'elles uma poderosa esquadra, e que não tardavam um dia a che-

gar Esta feliz noticia, foi festejada pelos soldados da maneira que se póde suppor.

Rumecão ao ver que vinham chegando á fortaleza alguns soccorros, entendeu bem, que estes engrossariam em serenando os mares, e começou a desconfiar da empreza; e como esta desconfiança lavrasse já nas filleiras do exercito, o que elle não ignorava, temeu que ella originasse algum motim, e por isso tratou de incutir no animo dos soldados, que tinha inteira esperança d'alcançar victoria contra os nossos. Como reputasse as minas de menor risco, que os assaltos, mandou abrir uma mui grande no lanço do muro, que do baluarte S. João hia fechar na guarita d'Antonio Peçanha. D. João de Mascarenhas teve logo noticia d'isto, e cuidou em se assegurar contra a sua explosão, trabalhando os fidalgos nos reparos com a maior dedicação.

Quando o inimigo entendeu, que devia deitar fogo á mina, mandou tornear a fortaleza pelo exercito. Vinha na frente uma columna de Turcos commandada por dois Sanjacos, cuja força era a que havia de entrar pelas roturas, que causasse a explosão; esta rebentou com tremendo estampido, e fez voar pelos ares toda a face do muro. Avançaram logo os Turcos por entre uma nuvem de fumo, e de pó, gerada pelo fogo, mas acharam outro muro contraposto; vendo porém, que a guarita d'Antonio Peçanha estava aberta por trez partes, correram a ella com o intento de a ganharem; os nossos voaram a oppor-lhes resistencia.

Peleijou-se aqui grande espaço em campo raso, com muito encarniçamento. Rumecão, julgando que toda a nossa guarnição se achava n'aquelle lugar, mandou atacar os outros baluartes, onde tambem houve Portuguezes, que repellissem os Mouros. O combate durou emfim algumas horas, até que

o inimigo se retirou com igual perda á dos outros assaltos, soffrendo os nossos quasi nenhum damno.

Rumecão, que já desesperava com tão dilatado cêrco, atacou no dia seguinte o baluarte S. Thomé, em pessoa, mandando acommetter simultaneamente os outros fortes por diversos Capitães, parecendo a invasão d'estes dias, um successivo assalto! Aqui combateram os Mouros, com uma desesperação incrivel, poisque corriam atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente. Com este despreso da vida sustentaram a batalha durante muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sob cujos corpos peleijavam, instigados pela dor, e pela injuria dos camaradas mortos. Combateram emfim com tal ardor, e tenacidade, que sustentaram aquelle ponto onde se peleijava, e arvoraram alli bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

Não era a lucta mais inferior no baluarte S. Thiago. Duas vezes esteve elle em poder dos inimigos, mas estes foram tão valentemente repellidos, que tiveram que o largar depois de bem escarmentados. Os inimigos lançaram aqui tanto fogo, que os nossos guerreiros peleijavam abrasados, valendo-se do já usado remedio das tinas d'agua, para gosarem algum refrigerio. Achava-se Antonio Moniz Barreto a sós com dois soldados no baluarte. detendo a furia do inimigo, quando, querendo sahir a mitigar na agua o ardor do fogo, um dos ditos soldados o segurou por um braço, dizendo-lhe: «Ah, senhor Antonio Moniz, deixais perder o baluarte d'El-«Rei? — Vou-me banhar n'aquellas tinas, (lhe tornou elle) «que estou ardendo em fogo. — Se os braços estão sãos para «peleijar, tudo o al é nada (lhe respondeu o intrépido solda-«do.») Moniz aceitou esta advertencia, tão penhorado do valor que o heroico soldado mostrára, que o trouxe comsigo para o Reino, onde lhe alcançou um emprego; confessando

generosamente o seu desaire para credito de seu protegido, e tratando este sempre pelo nobre appellido de *soldado do fogo*; nome que todos os Historiadores lhe dão, quando narram este successo.

N'este dia glorioso, peleijou-se em todos os baluartes com o mesmo valor, que nos anteriores assaltos se havia patenteado; nem o contrario se poderia esperar de benemeritos, que estando familiarisados ha muito com a *victoria*, tinham já tornado célebre o Nome Portuguez, nas mais aguerridas nações da Asia, e da Europa. — Retirado o inimigo, fortificou-se nas ruinas da praça, das quaes continuou a escaramuçar-nos.

Antonio Corrêa, pessoa de muito valor, sahiu no dia seguinte a barra n'um *catur*, levando comsigo vinte companheiros. Navegando em torno da Ilha em busca d'alguma presa, segundo lhe fôra ordenado pelo Capitão mór, recolheu-se sem ter conseguido semelhante fim. Sahiu cinco vezes n'esta mesma diligencia, mas obteve em todas o resultado da primeira; até que á septima divisou ao longe um fogo, na direcção do qual mandou logo remar. Chegado alli saltou em terra, deixando a bordo os companheiros; caminhou algum espaço só, até que a mesma luz da fogueira lhe descobriu doze Mouros, que em roda d'ella reparavam o frio. Voltou logo á rectaguarda a dizer aos companheiros, que desembarcassem, para haverem ás mãos a presa que buscavam; porém, os soldados recusaram-se a acompanhal-o, e o intrepido Capitão, tendo-lhes stigmatisado a cobardia, partiu só a encontrar os Mouros! Mal chegou junto d'estes, envestiu-os, conseguindo com tão súbito accommettimento, que alguns fugissem aterrados, em quanto que outros lhe oppunham mui fraca resistencia; mas tendo os fugitivos perdido o primeiro susto, voltaram a unir-se aos companheiros; e como todos vissem que era um homem só, quem os

acutilava; começaram a defender-se de seus golpes com muita valentia. Antonio Corrêa em quanto fazia frente a uns, outros o subjugaram pelos lados, e o aprisionaram, levando-o logo amarrado á presença de Rumecão.

O General inimigo mandou que o soltassem, e fez-lhe as seguintes perguntas: «Que gente haverá na fortaleza? O «Governador virá a Dio? Com que forças, e em que tem-«po se espera seu filho?» — Antonio Corrêa, respondeu-lhe: «Na fortaleza ha seiscentos homens, os quaes todos os dias «importunam o Capitão mór, para que os leve a batalhar «em campo descoberto; espera-se brevemente a vinda de «D. Alvaro com oitenta embarcações, e este em desem-«barcando sahirá logo á campanha, porque algumas galés «que traz, hãode mister chusma de Turcos; o Governador «ainda apresta maior poder, porque quer acabar por uma «vez com as cousas de Cambaya.»

Rumecão sabendo qual era o pequeno numero da nossa guarnição, não poude deixar d'invejar um coração tão nobre, e de respeitar, como soldado, quem n'uma posição tão desgraçada o despresava. Rogou pois a Antonio Corrêa, que abjurasse o Christianismo, e se fizesse Mahometano, porque com esta mudança lograria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a um Monarca rico, ou a Piratas pobres. O valeroso Cavalleiro, tomando este rógo como gravissima injuria, respondeu: «Que os Portuguezes, pela Lei, «e pelo Rei estavam sempre promptos a derramar o san-«gue; que Mafamede fôra um embusteiro, tão infame por «obras, como na doutrina; que se em Cambaya havia re-«negados, seriam de outras nações, qual o fôra seu pai Co-«ge Çofar, que como monstro da terra que nascera, os pais, «e a patria o negam de filho.»

Rumecão ao ver assim injuriar o Propheta, a sua pes-

soa, e a memoria de seu pai, tornou-se furioso e desesperado, mandou logo affrontar no rosto ao grande Corrêa, e fe-lo depois passear nú pelas ruas da Cidade! O bravo Cavalleiro, soffreu estes barbaros tormentos com uma couragem sobrenatural, e jámais a perdeu, até ser degolado! Foi-lhe a cabeça espetada n'uma lança por seus algôzes, e collocada n'um lugar donde podesse ser vista pelos nossos, os quaes devisando-a, deram largas ao sentimento, jurando vingar com usura a morte de tão benemerito companheiro. Chegaram no dia seguinte á fortaleza os vinte soldados, que o tinham acompanhado; o Capitão mór não os quiz ver nem castigar, por ter respeito ao tempo.....; porém elles vieram depois a remir o crime, com se arriscarem aos maiores perigos, como homens, que aborreciam uma vida deshonrada.

Tremulava uma bandeira nossa entre o baluarte S. Thomé, e o de S. Thiago; e, crendo um Mouro que a poderia arrancar, e trazer para o arraial sem risco, por ser o muro muito baixo e pouco vigiado, metteu hombros á empreza; porém, quando já tinha conseguido abalar a haste, sentiu-se assustado, e fugiu, deixando-a encostada; d'ahi a pouco refez-se d'animo e tornou a subir pelas ruinas, mas apenas hia a pegar na mesma haste, um soldado nosso dirigiu-lhe um tiro, e fel-o cahir morto. Correram logo os nossos a cortar-lhe a cabeça, e levantaram-na no muro em frente da d'Antonio Corrêa. — Este acontecimento, fez horrivel impressão no exercito contrario. —

Os inimigos que se haviam fortificado no entulho do baluarte S. Thomé, foram ganhando terreno pouco a pouco, á custa de seu sangue, cubertos por montes de terra, e rama, que hiam augmentando. Porém, uma boca de fogo mandada postar ás portas da Igreja, por D. João de Mascarenhas, destruiu-lhes as obras de defeza, com morte de muitos, e forçou-os a abandonar aquelle ponto.

Estava já arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em vez de muros, defendiam suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes, a caminho da victoria; os comestiveis além de muito escassos, achavam-se corruptos, o que originava doenças tão graves, que os sãos recebiam maior damno do contagio, que das hostilidades.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes, tinham partido de Baçaim com cincoenta navios (*) divididos em duas esquadras, uma d'estas commandada pelo primeiro, e a outra pelo segundo; como traziam grande carga de munições, e bastimentos, e isto lhes tornasse mais difficil a resistencia contra mares tão empolados, tornaram a arribar já meio destroçados a diversas angras, e enseadas, acossados por forte temporal. A embarcação de que era Commandante Athanasio Freire, foi corrida com a tormenta encalhar junto a Surrate, onde toda a sua tripulação foi captiva, e levada ao Sultão Mahamud, que a mandou encerrar na masmorra, onde tinha Simão Fêo, e outros Portuguezes.

Ruy Fernandes, feitor de Chaul, (**) que vinha na esquadra de D. Alvaro n'um navio seu, e com soldados a seu soldo, poude conseguir affrontar a furia dos mares todo aquelle dia, e avistar no outro a costa de Dio, para a qual foi velejando; entrando a barra da fortaleza foi surgir na *Couraça*, onde todos o receberam mui alegremente, dando elle noticia ao Capitão mór da vinda de D. Alvaro, cuja arribada ignorava, e de que passemos a dar conta.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes impellidos por uma tormenta geral, arribaram a Agaçaim; re-

(*) Assim são chamados na India quaesquer baixeis, ainda mesmo que sejam caravelas latinas, ou embarcações de remo.

(**) *Andrad. 4 Cap. 3.*

paradas que foram as avarias da tempestade, o que se fez em pouco tempo, tornaram a acommetter o golfo com a maior parte dos vasos de suas esquadras; passadas algumas horas de borrascosa viagem, deram vista da outra costa de Madrefaval. Uma náo grossa appareceu então ao longe, e viu-se, que se hia furtando ao alcance dos nossos. D. Alvaro mandou logo arribar a sua embarcação sob ella, e o mesmo fizeram dois outros navios, que vinham na sua esteira. A náo atravessou logo, fez saber que era d'El-Rei de Cambaya, e vinha d'Ormuz, e mandou dous mercadores apresentar a D. Alvaro um cartaz passado antes da guerra; não obstante isto foi aprezada, e remetida para Gôa, constando a sua carga de coral, chamelotes, larins, e alcatifas.

Seguindo a expedição a sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios; todos engrinaldados de flâmulas e galhardetes, e isto no dia 29 d'Agosto d'este anno de 1546. Toda a artilheria da fortaleza salvou a esta chegada, ao que as embarcações responderam por igual maneira, tocando a seu bordo alegres musicas. Abriram-se as portas da praça para receber D. Alvaro, hindo a ellas todos os fidalgos, e soldados para lhe dar entrada solemne, e ás mais pessoas de distincção, que vinham na expedição: D. Alvaro escolheu para sua habitação o baluarte, em qne morrera seu irmão D. Fernando; aposentaram-se tambem alli os soldados de sua bandeira, e a maior parte dos fidalgos, uns como companheiros de sua dor, outros como camaradas nas suas victorias, sem quererem separar-se da sua obediencia, em attenção ao seu posto de General do mar. Porém D. Alvaro asseverou ao Capitão mór, que vinha alli para estar subordinado ás suas determinações; D. João de Mascarenhas agradeceu-lhe este rasgo d'urbanidade; mas D. Alvaro redarguindo-lhe, que não fazia mais do que obedecer ás ordens do Governador da India, logo lhe mostrou o regimento que trazia.

Rumecão informado da chegada de D. Alvaro, exclamou, *que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar o seu triumpho*, e mandou trabalhar nas minas com muito ardor. Partiu logo uma embarcação com cartas de D. Alvaro para o Governador, nas quaes se descrevia o estado em que aquelle achára a fortaleza; D. João de Mascarenhas participou igualmente a D. João de Castro todos os successos anteriores.

Montava já a guarnição da praça a seiscentos homens, todos soldados de grande valor; com esta força, julgava D. João de Mascarenhas poder intentar cousas maiores, que a defensa. Em consequencia do que, mandou assestar tres bocas de fogo contra as estancias do inimigo, sendo estas batidas tão furiosamente, que Rumecão teve que as reforçar com muita presteza. Os Mouros foram cavando por baixo dos muros do baluarte S. Thomé, picando-lhe as pedras do alicerce, até que fraquejando-lhe a base, cahiram as paredes em terra. Correram logo os inimigos a entrar no mesmo baluarte, mas D. Francisco de Menezes, que alli se achava com alguns soldados, fez-lhes tal resistencia, que os obrigou a uma retirada precipitada, deixando muitos companheiros mortos no lugar da lucta.

Vigiava D. João de Mascarenhas com muito cuidado os designios do inimigo, temendo mais as minas, que ser atacado a descuberto; os soldados de D. Alvaro possuidos igualmente d'este temor, pois se recordavam do tragico fim de D. Fernando, e d'outros fidalgos, e soldados, que haviam morrido abrasados, ajustaram-se para sahir a peleijar com o inimigo, em batalha campal.

Diziam elles para justificar esta sua decisão: « Que não « queriam com obediencia inutil perecer queimados, quando po- «diam morrer no campo cobertos de gloria, ou vingados; que pois

«sabiam combater como homens, não queriam acabar como «feras, amarrados ao perigo; que de dous escolhiam antes «o que podiam vencer, que o de que não podiam fugir.» O Capitão mór procurou dissuadil-os, quanto poude, já com rasões, já com a authoridade do posto; mas não colheu fructo algum dos seus esforços. D. Alvaro pertendeu tambem resolvel-os á mudança de proposito, dizendo-lhes: «Que El-Rei «sentia mais a desobediencia de um soldado, que a perda «d'uma fortaleza; que ao Capitão mór só tocava o gover«nar, a elles obedecer, e peleijar.» D. Francisco de Menezes disse-lhes igualmente: «Que fossem embora a infamar o «nome Portuguez, que a honra levavam já perdida, a vida «grandemente arriscada; que quando escapassem das armas «do seu inimigo, não poderiam livrar-se da indignação jus«ta do seu Rei, ao qual despresavam na pessoa de seu Ca«pitão mór com sedição tão criminosa.» Porém, os amotinados a nada attenderam; e conservando-se firmes na resolução tomada, responderam: «Que de nenhum delicto se en«geitava a victoria por desculpa; e quando se perdessem, «ficavam fóra de premio, e do castigo; que elles acudiam «pela honra do Estado, que estava mais acostumado a tomar «praças aos Mouros, que a perder as suas.»

Finalmente, o mais que se poude obter dos amotinados, foi, que a sortida ficasse para o dia seguinte, como querendo dar-se-lhes este breve tempo, para elles considerarem no que convinha mais á sua honra, e segurança de todos. Elles, porém, amanheceram concordes na resolução de sahir a campo, dizendo ao Capitão mór, *que se não os quizesse commandar, entre si escolheriam Commandante.* D. João de Mascarenhas, D. Alvaro, e os mais fidalgos, entendendo, que acompanhar aos *insubordinados* era um lance forçoso; por isso que o mundo costuma louvar mais a temeridade, que a prudencia, resolveram-se a seguil-os.

Dos homens que havia na fortaleza, e que segundo já dissemos, seriam seiscentos, ficaram cem nos diversos baluartes; dos restantes formou D. João de Mascarenhas trez columnas, dando o commando da primeira a D. Alvaro, o da segunda a D. Francisco de Menezes, e reservando o da terceira para si proprio. Nesta ordem sahiram os nossos da fortaleza, ganhando na primeira avançada as estancias que os Mouros tinham feito no fosso, e que lhes foram abandonadas depois de fraca resistencia. Esta sombra de victoria deu começo ao estrago, de quem a alcançára, porque os nossos logo acommetteram desordenadamente o muro. Os primeiros que o subiram, foram, D. Alvaro, Luiz de Mello, e seu irmão Jorge de Mendonça, D. Francisco de Menezes entrou por outra parte, hindo-lhe na frente Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Távora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro d'Almeida.

Correram logo muitas tropas inimigas a encontrar-se com os nossos, sendo commandadas por Rumecão, Juzarcão, e Mojatecão; começou-se então uma tremenda batalha, mostrando-se da nossa parte maior valor, que disciplina. D. Francisco de Menezes acommetteu com tal furia os inimigos, que estes não podendo soffrer o peso d'este encontro, foram perdendo muito terreno, até que reforçados consideravelmente, conseguiram deter a impetuosidade dos nossos valentes. O Capitão mór ao subir o muro, viu muitos soldados do motim ao pé d'elle sem o cavalgarem, e estigmatisou-lhes acremente a desobediencia, e a cobardia: elles callaram-se, como querendo responder com obras, e seguiram-no. E logo atacando os inimigos, que combatiam com D. Alvaro, fizeram-lhes perder parte do campo; mas os Mouros tendo-se reforçado, carregaram os nossos com tal impeto que os pozeram em desordem.

D. Alvaro conhecendo quão fatal nos poderia ser esta debandada, cuidou em ordenar, e recolher os seus, e foi retirando com a frente para o inimigo; porém este havia-lhe degolado alguma gente, e a outra perdia a fórma, por não poder resistir aos golpes dos Mouros; Jorge de Mendonça, vendo isto, e não lhe importando o estar já ferido tomou a D. Alvaro nos braços para o subir ao muro, no que foi ajudado por seu irmão Luiz de Mello; e estando D. Alvaro já no cimo da parede, acertou-lhe uma pedrada, que o fez cahir para a parte de dentro sem sentidos.

Luiz de Mello mal poz em segurança a D. Alvaro, salvou tambem seu irmão, ficando elle com Garcia Rodrigues de Távora, Antonio Moniz, e outros fidalgos, fazendo frente aos Mouros, em quanto o resto dos nossos subia, até que sendo atravessado por um pelouro, cahiu quasi morto! Este bravo tendo sido levado por seus companheiros á fortaleza, morreu d'ahi a poucos dias em Chaul, em resultado d'esta ferida!

D. Francisco de Menezes, tambem perdeu aqui a vida, combatendo valentemente; seus soldados apenas o viram morto, começaram a retirar em debandada, sendo carregados pelo inimigo mui fortemente.

D. João de Mascarenhas sempre prudente, valeroso, e intelligente, conseguiu reunir os *debandados*; mas estes ao acabarem de saltar as paredes, ouvem gritar — *que a fortaleza estava perdida* — e tornam a fugir para diversas partes. O Capitão mór combateu n'este apertado lance, tão denodadamente, que só com alguns valentes que o não desamparam, poude conter o inimigo. Lopo de Sousa defendeu-se aqui de grande quantidade de Mouros, fazendo-lhes verter copioso sangue, até que sendo atravessado pelos peitos com um dardo, cahio sem vida! Antonio Moniz Barreto,

Garcia Rodrigues de Távora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, este com dezesete feridas no corpo, fizeram custar mui cara a victoria ao inimigo.

Marchára Mujatecão a demandar a fortaleza á testa de cinco mil soldados, para cortar os nossos, que recolhiam destroçados; atacando depois o baluarte S. Thomé, encontrou n'elle a Luiz de Sousa, que o recebeu com um vivo fogo d'artilheria, e de fuzilaria, com o qual o forçou a retirar, matando-lhe muita gente. A este tempo divagavam pela fortaleza muitos Mouros, confiados na victoria; porém, D. João de Mascarenhas tendo podido formar um batalhão cerrado dos nossos fugitivos, guiou-o á praça, e cahiu sob aquelles tão pesadamente, que muitos perderam as vidas, deixando os mais o campo. O Capitão mór foi logo visitar D. Alvaro, que ainda achou sem falla, e em muito perigo de vida, segundo a opinião dos facultativos; porém, estes felizmente enganaram-se, *como bastantes vezes lhe acontece*, poisque o doente passados poucos dias, já se achava gosando saude. Nuno Pereira, rico Cidadão de Gôa, e alli casado de pouco tempo, recebeu n'este combate quatorze feridas; pediu licença para as hir curar em sua casa, na qual depois morreu dos mesmos ferimentos, como logo diremos.

Rumecão tendo participado ao Sultão esta victoria, recebeu d'este muitos louvores, e honras, conseguio grande remessa de gente, munições, e dinheiro, e obteve que, grande parte da nobreza militar de Cambaya, corresse a distinguir-se n'aquelle cêrco. Mandou logo que se continuasse a tirar terra da base do baluarte, para que faltando-lhe o alicerce, elle se desmoronasse. D. João de Mascarenhas conjurou este perigo, mandando fazer outro forte no interior, que sendo de circuito menor, era por isso mais defensavel. Porém, sabendo Rumecão da obra, que se estava a pôr em prática, mandou hostilisar os trabalhadores com uma chu-

va de pedras, dardos, e alcanzias de fogo, ferindo-nos alguma gente; em consequencia do que, ordenou o Capitão mór que se trabalhasse de noite com luzes occultas.

Rumecão confiando no bom resultado, que tivera no ultimo combate; e querendo mostrar despreso pela vinda do Governador, que se esperava, começou a edificar uma nova cidade fazendo palacio para si, e aposentos pára todos os Officiaes superiores do exercito. Estabeleceu uma ponte de barcas sob o rio, mui segura com grossas amarras, e até terraplenada, e isto na passagem da Alfandega para a villa dos Rumes. Esta fabrica tão custosa, deu causa a que corresse voz por todo o Oriente, que tinhamos perdido a fortaleza, sendo o Sultão congratulado por muitos Principes, por alcançar tão importante victoria. Tambem eccôara em Gôa esta nova, até mesmo aos ouvidos do Governador; a falta de participações de Dio; e o não se saber ao certo onde parava D. Alvaro, faziam acreditar semelhante desgraça!

Por este tempo entrou a barra de Gôa, uma náo do Reino, commandada por D. Manuel de Lima. Apartara-se esta embarcação de cinco outras, que vinham na mesma conserva, e que eram commandadas por Lourenço Pires de Távora, D. João Lobo, João Rodrigues Peçanha, Fernando Alvarez da Cunha, e Alvaro Barradas; sendo Lourenço Pires o Chefe d'esta esquadra. D. Manuel de Lima apesar de vir despachado por El-Rei, para Capitão da fortaleza d'Ormuz, quiz partir logo para Dio com tresentos soldados pagos á sua custa; porém o Governador Geral pediu-lhe, que se demorasse, pois queria leval-o em sua companhia, na grande expedição proxima a partir.

No dia quatro de Septembro, (*) surgiu igualmente no

(*) *Andrad. part. 4 cap. 14.*

porto de Côa a Capitania em que fôra D. Alvaro, vindo toda embandeirada, e salvando alegremente, como indicio de que trazia boas noticias, Mal o Capitão desembarcou dirigiu-se ao palacio do Governador, onde encontrou este com D. João de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal Custodio dos Franciscanos. A primeira pergunta que D. João de Castro lhe fez, foi: « A fortaleza está ainda por El-Rei meu se-« nhor? » O Capitão respondeu-lhe: « Sim, senhor, e esta-« rá. » O Governador ouvindo esta resposta, ajoelhou com os olhos no Céo, e rendeu graças a Deus, por tão grande beneficio. Lendo depois a correspondencia, que lhe havia sido enviada, soube da morte de seu filho D. Fernando, mostrando n'este doloroso trance tanta constancia, que ninguem lhe conheceu mudança no semblante, ou nas palavras! Tendo agradecido devidamente ao Capitão, mandou-lhe que fosse alegrar a cidade com as novas que trazia, e logo se retirou a chorar a occultas a perda de seu filho. Chegou n'aquelle mesmo dia o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual havia fallecido no mar. O corpo d'este benemerito fidalgo, foi sepultado com todas as honras devidas á sua pessoa, sendo acompanhado pelo Governador, Nobreza, e Povo.

D. João de Castro soube por esta ultima embarcação, da desordenada sortida que os nossos haviam feito, e qual fôra o seu desgraçado resultado; mas apesar disso, fez sahir no dia seguinte uma solemne procissão de graças, a que assistiu vestido d'escarlate. Despediu immediatamente Vasco da Cunha, para que fosse pelas bahias, e enseadas da costa, recolhendo o resto dos navios da expedição de D. Alvaro, e os conduzisse a Dio. Escreveu então a D. João de Mascarenhas, louvando-o muito pelos triumphos que havia alcançado; affirmando-lhe, que em breves dias o hiria visitar com todo o poder do Estado, e que em quanto acabava d'aprestar a respectiva armada, lhe enviaria alguns soccorros. Esta ultima promessa foi tão depressa cumprida,

que logo após de Vasco da Cunha, partio Luiz d'Almeida com seis *caravellas*, e quatrocentos soldados, com grande quantidade de munições, e materiaes, de todas as especies.

Vasco da Cunha em cumprimento das ordens que levava, foi recolhendo os navios, que encontrou desaparelhados por causa da tormenta, e entrou com elles em Baçaim.

O Capitão mór d'aquella fortaleza, D. Jeronimo de Menezes, tinha a este tempo quinze navios promptos para soccorrer Dio; mas como estivesse avizado de que o *Bramaluco* vinha cercar Baçaim, tão depressa o visse ausentar, decidiu-se a ficar, entregando-as ditas embarcações a Vasco da Cunha. Este, partiu; e tendo encontrado a Luiz de Mello com as seis *caravellas*, aportaram ambos a Dio, no fim do mez de Septembro. (*)

Achando-se já o tempo bonançoso, ordenou D. Alvaro como Capitão mór do mar, que Luiz d'Almeida, Payo Rodrigues d'Araujo, e Pedro Affonso sahissem com trez embarcações a dar *caça* ás náos de Meca, que viessem demandar o porto de Surrate. Esta sahida teve mui feliz resultado, poisque duas das ditas náos foram tomadas pelos nossos depois de curta viagem, e de renhido combate. O Capitão d'uma d'ellas, Janizaro valente, e ainda parente de Rumecão, foi muito ferido n'este conflicto; Luiz de Mello recolhendo-o na sua *caravella*, cuidou do seu curativo com muito esméro. Depois d'alcançado este triumpho, ficaram os nossos crusando alguns dias n'aquella paragem; até que tendo aprisionado mais algumas embarcações carregadas de mantimentos, e feito encalhar outras em terra, fizeram-se na volta de Dio com a sua presa, onde aportaram trazen-

(*) *Andrad part 4 Cap. 14.*

do os Mouros enforcados nas vergas. Igual morte teve depois o Capitão prisioneiro, que já mencionámos, não obstante ter Rumecão offerecido trinta mil pardáos d'ouro, pelo seu resgate.

Em seguida a isto, mandou D. Alvaro sahir alguns navios dos de Baçaim, e de Chaul a tomar as *Gelvas*, que viessem trazer viveres ao inimigo, das quaes se apresaram quatorze, enforcando-se-lhes toda a tripulação. — O horror, que estas perdas successivas derramaram no exercito inimigo, não se pode descrever; deplorava-se alli extremamente a perca de tantas vidas, e sob tudo a escacez de comestiveis, que estes apresamentos originavam! —

Em quanto isto se passava em Dio, resolvera D. João de Castro dar a El-Rei de Cambaya um castigo, que forçasse os Principes da Asia a reverenciar o Estado, não turbando a paz. Porém, antes de pôr em pratica esta sua resolução, decidiu-se a submettel-a á approvação d'aquellas pessoas, com as quaes se aconselhava sempre ácêrca de todas as suas emprezas. Para este effeito, chamou á sua presença as Authoridades civís, e ecclesiasticas da Cidade, bem como todos os nobres, e militares de nome. Reunidos, que elles foram «participou-lhes o animo em que estava d'hir «descercar Dio, dando batalha a Rumecão no seu proprio «acampamento; que apezar de todos o saberem como par«ticulares, queria comtudo certifical-os em commum, para «que a sua approvação sanccionasse a justiça da causa.» Houve alguma discussão sobre esta materia, patenteando-se n'ella opiniões differentes. A pessoa, que discursou mais largamente, foi D. Diogo d'Almeida Freire, Capitão mór de Gôa, e fel-o da maneira seguinte:

«As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem, por-

« que toda esta Asia avalia nosso poder polas victorias, mais
« que pelos soldados, de sorte, que só a fama das cousas
« passadas, nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nes-
« ta armada todo o poder da India, com que apenas pode-
« mos contar dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer
« o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do Estado,
« de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Orien-
« te, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas,
« convem que as sustentemos, arrimada na paz de huns, e
« no respeito dos outros. Nunca podemos responder ao que
« se espera de nossas forças juntas, porque huma victoria
« pouco nos acredita, e hum só estrago nos acaba. Temos
« a nossa fortaleza soccorrida; de que serve em huma cha-
« ga ja curada, esperdiçar o remedio das outras? que nova
« prudencia nos ensina aventurar em huma só batalha, o que
« se tem ganhado em tantas victorias? Temos poder para nos
« conservar inteiros, não temos forças para nos reparar per-
« didos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão
« necessitado, porque onde o destroço costuma ser igual, só
« fica com o victorioso o campo, e a fama inutil. De Dio
« não queremos, nem podemos ter mais, que a fortaleza;
« pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso
« sangue, o mesmo de que somos senhores? Que novos po-
« voadores temos para habitar a Ilha? De que parte do Mun-
« do podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros, ou
« Gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes, que
« agora nos offendem? Vamos a peleijar com Turcos, e com
« Mouros superiores em numero, iguaes em armas, e dis-
« ciplina; se tivermos um successo adverso, não temos sal-
« vação, porque a terra he sua; se o alcançarmos prospero,
« nenhum fruto tiramos da victoria. Com armas navaes con-
« quistámos a India, com ellas a havemos de conservar, por-
« que temos a vantagem dos vasos, e da marinharia. Se não
« queremos vencer, senão em batalhas, arrasemos as nos-
« sas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me

« dizem que he honra do Estado, arruinar por huma offen-
« sa um Reyno, ja estivera despovoado o Oriente, se todos
« os que nos fizérão guerra, recebessem o ultimo castigo. Por
« ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque
« depois de sofrer tantas hostilidades, e enganos dos Reys,
« e Governadores de Ormuz, o não deixou abrasar? Per-
« derá aquella grande fama, que mereceo na terra, porque
« nas offensas, e cavillações do Çamorim, não deixou o Ma-
« labar destroido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illus-
« tre nome, porque depois das traições de Badur, não fez
« guerra a Cambaya? Iremos destroir ao Turco, polo atre-
« vimento, com que cercou o seu Baxá a nossa fortaleza?
« Aprestaremos nossas armadas contra o Achem, porque tan-
« tas vezes nos assaltou Malaca? Meteremos a fogo e san-
« gue este Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimen-
« tos, e inquietar as terras de Bardez, e Salsete? Que de-
« sesperação nos arrasta, a offerecer a garganta do inno-
« cente Estado ao cutelo inimigo? Esta armada tão espan-
« tosa nas apparencias, e no poder tão debil, he freo a Ru-
« mecão, aos nossos muros; porém desembarcados em terra
« estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segre-
« do de nossas forças, e todos estes Principes trabalharáõ
« por romper a fraqueza das prizões, em que os temos ata-
« dos. Gloria foi do Imperio Romano, vencer muitas bata-
« lhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação escusar hu-
« ma. Os primeiros Conquistadores nos fizérão a casa, a nós
« só toca o conserva-la. Se na oppugnação de Dio, perdeo
« o inimigo hum exercito, que falta à esta facção para vi-
« ctoria? E que para castigo? A offensa intentase com for-
« ças iguaes; a vingança com muito superiores, porque não
« se hade ir a satisfazer hum aggravo com risco de nova
« injuria. Mórmente, que em nada tem a fortuna maior im-
« perio, que nas cousas de guerra; alcançãose muitas vezes
« as victorias por leves accidentes, e por outros se perdem.
« Será pois justo deixar na contingencia de hum successo o

« cetro Oriental, com espanto, e enveja das gentes, fundado « sobre tantas victorias? Se perdermos esta armada, onde « está junto todo o poder da India, que thesouros poupados « tem S. Alteza para nos mandar outra? Começaremos a « rogar, ou a conquistar de novo os Principes da India; tor- « naremos á sua infancia este Imperio ja encanecido; vive- « remos na cortesia das Coroas, que temos offendido, ficar- « do creaturas miseraveis daquelles, de quem fomos senho- « res. »

A estas razões de D. Diogo d'Almeida, respondeu o Governador:

« Nenhuma nação dominante se satisfaz com a guerra « defensiva entre seus inferiores; o Estado tem-se feito no « Oriente arbitro da paz, e da guerra, buscando os mais « dos Principes da Asia nossa sombra para viverem seguros; « todas as fortalezas que temos na India, se conservam com « as mesmas armas com que foram ganhas; o respeito, que « nos tem os Mouros, e Gentios, não durará mais, que até « saberem que podemos soffrer uma injuria; todos estes « Principes estão attentos ao castigo de Cambaya, e não ou- « saram até agora ajudal-a com forças auxiliares, temerosos « de poderem cahir sobre suas ruinas; porém se virem que « nos contentamos com reparar os estragos da nossa forta- « leza, e atar as feridas, que nos tem aberto, tornalas-hão « a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao co- « ração do Estado; a reputação é a alma dos Imperios; o « soffrimento nos particulares, virtude; nas Corôas ruina; « temos perdido n'este cerco tantos fidalgos illustres, tantos « Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririam os vivos, « com signaes infames, as feridas que tem recebido n'esta « guerra, se as não vissem bem vingadas; que fica que con- « tar ao Mundo d'este cerco, senão a paciencia com que o « toleramos? O Estado mais se assegura com a fama, que

« com todas as drogas do Oriente; as quaes só são de pre-
« ço, quando as recebemos, não por commercio, senão co-
« mo tributo; ultimamente, não quero, que a primeira fra-
« queza de nossas armas aconteça nos dias do meu gover-
« no; estou pois resoluto a peleijar; a culpa será d'um só,
« a victoria de todos. » D. João de Castro fallou com tanta serenidade pintada no semblante, que todos os seus ouvintes, ainda mesmo os que opinavam contra a sua hida a Dio, as reputaram um presagio da victoria.

Continuava Dio a estar estreitamente cercada; e Rumecão não obstante ter soffrido muitas perdas, e saber que o Governador não tardava a chegar com grande poder, não perdia a esperança de melhor fortuna. Mandou pois minar a guarita que havia por cima da porta, na qual estava D. Antonio Freire; mas o Capitão mór tendo descuberto esta nova obra, contrapoz-lhe os mesmos reparos, que lhe tinham servido em outras occasiões. No dia dez d'Outubro déram os Mouros fogo á mina; porém esta rebentou para a parte de fóra, e nenhum damno causou aos nossos. Depois da explosão viram os inimigos, que tinhamos erguido uma parede por dentro, e ficaram espantados de que lhe descubrisse-mos todos os seus ardis, por mais que se esmerassem em nol-os occultar. Rumecão partilhando tambem este espanto, exclamou: « Contra tão valerosos e prevenidos inimigos, nada póde a força, nem a industria.

CAPITULO VI.

ANNO DE 1546.

O Governador Geral parte para Dio, com uma grande expedição. Chega a Baçaim, e manda aprezar alguns navios inimigos. Lourenço Pires, e outros fidalgos vão procural-o. Feitos de D. Manuel de Lima nas margens de Surrate, e na sahida d'este rio. O Governador chega a Dio, e decide-se a dar batalha ao inimigo. Ordens que dá, e outras prevenções. Proclama aos soldados. As nossas embarcações acommettem a terra, e Rumecão acode ao ataque. O Governador sahe da fortaleza. Heroismo, e desgraça de trez soldados. D. João Manuel, e João Falcão morrem gloriosamente. Que fazem D. João de Mascarenhas, e D. Alvaro. O Governador acha-se em perigo na ponte, salva-se por milagre, e dá o grito de victoria. Resistencia de Rumecão. O Governador peleija em pessoa. D. João de Mascarenhas alcança vantagens sob o inimigo. Rumecão forma um campo raso; é atacado pelo Go-

vernador, e por seu filho. Este depois d'alguns accidentes em contrario, e a favor, consegue penetrar na cidade, seguido de D. Manuel de Lima, e de D. João de Mascarenhas. Rumecão depois de retirar offerece nova batalha, é derrotado pelo Governador, e morre no campo. Quantidade do exercito inimigo, parabens da victoria, e despojos d'ella. Perda que o inimigo teve, e os nossos. Parte D. Alvaro para Goa. O Governador reedifica a fortaleza, e empenha para isso os cabellos da barba. Os cidadãos de Gôa remviam-lhos, D. Manuel de Lima continua a guerra de Cambaya, com boa fortuna. Depois d'abrasar a cidade de Goga, embarca, e soffre perigosa tormenta. Destroe Gandar, e recolhe-se a Dio. D. João de Mascarenhas quer deixar a praça, e D. Manuel de Lima offerece-se para o substituir. Antonio Moniz toma algumas náos. Barbara vingança d'El-Rei de Cambaya. Participações d'Ormuz. Fortificam-se os Turcos em Baçorá. D. Manuel de Lima parte para Ormuz. D. João de Mascarenhas torna a ficar em Dio. O Governador deixa n'aquella costa a D. Jorge, e parte para Goa. Entra aqui em triumpho.

Nos fins de Septembro (*), tendo D. João de Castro entregado o governo da cidade ao Bispo D. João d'Albuquerque, e a D. Diogo d'Almeida Freire, partiu em direitura a Baçaim, com a intenção de receber aqui alguns soccorros, e mantimentos, e seguir depois para Dio.

Compunha-se a expedição de doze *galeões* d'alto bordo, cuja Capitania era o S. Diniz, em que hia o Governador;

(*) *Andrad. part. 4 cap. 14. Lucen. livr. 6 cap. 1.*

eram Capitães dos outros Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manuel da Silveira, Manuel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manuel Alabastro, e Luiz Alvares de Sousa. Os navios de remo eram sessenta, sendo seus principaes Capitães D. Manuel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Sottomaior, o secretario Antonio Carneiro, Alvaro Peres d'Andrade, D. Manuel Deça, Luiz Figueira de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandes, Manuel Lobo, Francisco d'Azevedo, Pero Attayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Paiva, e Vasco Fernandes Tanadar mór de Gôa, Commandante de quinze barcos de véla e remos, em que hiam os Canarins de Gôa, e d'outras embarcações de Cochim, e Cananôr.

Ao cabo de seis dias aportou a Baçaim, onde foi recebido por D. Jeronimo de Menezes seu cunhado, com muitas demonstrações d'alegria. Passadas algumas horas depois do desembarque, mandou o Governador sahir D. Manuel de Lima com seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya aprezasse algumas embarcações, que viessem bastecer o campo contrario. Consistiu o successo d'esta sahida, em se tomarem sessenta *cotías* carregadas de mantimentos, sendo suas tripulações mortas, e os corpos lançados nas bôcas dos rios. O Governador tendo grande contentamento; com este preldûio da guerra, tornou a mandar sahir D. Manuel de Lima com trinta vasos, dando-lhe ordem para que fizesse os maiores estragos nas margens de Cambaya.

Por este tempo aportou a Cochim Lourenço Pires de Távora, Capitão mór das náos do Reino, com alguns navios; sabendo ahi do cêrco de Dio, seguiu logo viagem para Gôa, esperando encontrar alli o Governador; porém, informado de que elle tinha partido com toda a armada na

direcção de Dio, foi demandar esta praça, hindo em sua companhia D. Antonio de Noronha, filho do Vice-Rei D. Garcia, com sessenta soldados a seu soldo, e muitos outros fidalgos, que nunca haviam pisado terras da India. Ao encontrar-se com o Governador, o que teve logar em Dio, entregou-lhe cartas (*) d'El-Rei, da Rainha, e do Cardeal Infante, de que fôra portador.

(*) Passaremos a inserir essa correspondencia para melhor illustração da Historia; advertindo, porém, que uma das duas cartas que o Governador recebeu então d'El Rei, sem duvida muito importante, já se acha impressa n'este 5.º *volume* desde *paginas* 16 até 28. = Resta-nos agora observar, que, dizendo *Jacinto Freire* no *livro* 3.º § 4., que Lourenço Pires de Távora entregára n'esta occasião ao Governador uma carta do Infante D. Luiz, que insére em seguida, commettera um erro mui grave; por quanto, sendo a dita carta datada, como é, de 26 de Março de 1547, é óbvio que de maneira alguma podia ser recebida na India, em Outubro de 1546, isto é, *anno e meio antes de ser escripta!* —

Dom Johão de Crasto Amiguo. Eu elRei vos emvio muito saudar, per via de Hierusalem recebi cartas do Preste Iohão, que dahi me trouxerão estes frades, e assi por Miguel de Castanhoso, em que me dá conta do falecimento delRei seu pai, e dò estado de suas cousas e que nellas o ainde e fauoreça, e assi me pede que lhe faça saber o que sei de Iohão bermudez, que por elRei seu pai foi emviado a my por embaixador por elle la husar de cousas mui contrarias á fee, e a seruiço de nosso senhor, e a tudo lhe respondo o que vereis pelo treslado da carta que vos emvio, e aos Portugueses, que ainda lá estão, mando que se não venhão, por mo elle assi mandar pedir, como assi mesmo vereis pella carta que lhe'escrevo; e porque aquella terra toda he de christãos, como sabeis, os quaes postoque algũs erros tenhão na fee, estão tam dispostos e aparelhados a se tirarem delles, se ouver quem

os doctrine, e emsine nas cousas dela, que devo eu de ajudar e procurar sempre polla defensão de sua terra; e porque o tempo não daa podello aguora fazer com mais que com lhe mostrar o deseio que eu disso tenho, e responderlhe a suas cartas e a seus trabalhos com tanta quentura, como convêm pera ele conhecer este meu deseio e minha boa vontade, folgarei avendo algũa bõa embarcação, em que estes frades possão hir, de os emviardes loguo nella, dandolhe ho necessario pera sua viajem, e tratando hos em tudo mui bem, como hei por certo que o fareis, e nao avendo, ou avendoa, e nam parecendo tam segura, que os possais mandar nella, avisareis loguo o dito preste Ioão, de como ali estão os ditos frades com minha reposta, e que esperais embarcação segura pera lhos emviardes nella, com todas as bõas palavras comformes a este meu proposito, que acima vos diguo, e do que fizerdes me avisareis. escripta em almeirim a XIII de março. Lopo Rodrigues a fez. Anno de M. D. XXXX. VI. E porque poderá ser que pera virem demandar as costas, que vereys pelo trelado da carta que escrevo aos portuguezes, lhes será necesario alguũs instrumentos, e agulhas, e cartas de marear, e estrelabios; lhos emviarês e asy huũ regimento do modo que teram em descobrir e escrever as derrotas e alturas do que caminharem «Rey» A dom Johaõ de Crasto sobre a embarcação dos frades»

Copias, a que se refere a carta antecedente.

1.ª — Fidalguos e criados meus, e homẽs darmas, que estais nas terras do Preste Johaõ rei dos abexis, e que de maçua com Dom Christovão da gama fostes emviados por dom estevao da gama seu irmão, meu capitão mór e governador pera ajudardes o dicto rei na defensão de seus Reinos e senhorios, contra seus imiguos: Eu elRei vos emvio muito saudar. Por cartas do dito Rei que me escreueo por via de Hierusalem, e depois por miguel de Castanhoso soube novas do que era passado nas ditas guerras, e

da morte de Dom christovão e doutros Portugueses meus vassalos de vossa companhia, das quaes recebi o descontentamento que he-ra rezão, perdendo tantos e tão boõs vassallos; mas vendo como forão mortos em seruiço de nosso senhor, e na defensão daquellas terras, que de sua fee tem tanto conhecimento, e tão aparelhadas estão a virem no verdadeiro della; ouve suas vidas por bem empreguadas e dei muitas graças a nosso senhor por ser seruido que por meyo deles a terra se não perdesse, nem fosse ganhada de tam grandes imiguos seus, e spero nelle que sempre a defenda pera nella ser seruido e conhecido como desejo: mas pois os passeis por seruiço de n. senhor, e o dito Rei não esta ainda tam pacifico como conuêm, e elle assi mo pede, receberei eu mui grande contentamento não vos virdes, e de o ajudardes e seruirdes naquellas cousas, em que lhe for necessarea v. ajuda e seruiço: e assi vos emcomemdo muito e mando que o façaes porque ho averei por muito meu seruiço: e eu lhe escreuo aguora que em vossas necessidades e em tudo o mais, que uos comprir, vos ajude pera o suprimento delas, como he obriguado ao fazer, o que tenho por mui certo que fará e pera ho anno que vem, aprazendo a n. senhor, espero de emviar hũa pesoa e por ella vos escreuerei mais larguamente. E porque são imformado que facilmente se poderia achar caminho que viesse ter ha costa de Melinde, ou a algũa outra parte daquela banda, por onde podesse hauer antre o dito Rei e my mayor cõmunicação, e mais breuemente podesse saber de suas consas, lhe escreuo que o mande buscar e descubrir; tereis cuidado de lhe fazer disso lembrança, e parecendo-lhe bem algũs de vos outros fazerdes o descubrimento deste caminho, averei por meu seruiço emtenderdes nisso, e espero que me seruireis nesse negocio como eu de vós confio. E porque pode ser que a terra do Abexi venha tanto pera oeste, e a de manicongo va tanto pera o leste, que não seja grande distancia de huma terra ha outra, e podendo-se fazer caminho da terra do abexi pera manicongo, ou pera qualquer outro Rio do Cabo da bõa esperança pera qua, seria muito meu seruiço; vos mando que

procureis que se descubra lembrandoo a elRei pera que ho mande fazer, ou se a ele lhe parecer bem que algũs de vós outros o fação, o fareis; porque he cousa de que eu receberei muito contentamento, e me averei por muito seruiço dos que ho fizerem, e lhe farei a merce que for rezão, e emtendendo-se neste descobrimento não se deixará de fazer o outro que acima he dito. Scripta em almeirim a XV de março. Lopo roiz. a fez ano de M. D. XXXX. VI. « Aos fidalguos e seus criados e gente darmas que estão nas terras do Preste. »

(*Em lugar desobrescrito*) Trelado da carta que sua Alteza escreve aos portuguezes que estam com o preste João »

2.ª — Muito poderoso Rei. Eu Dom Johão per graça de deos Rei de Portugal vos emvio muito saudar. Vi a carta que me escreuestes em que me dais conta do çoscedimento de vossas cousas e do falicimento delRei v. pai, de que muito me desaprouve, e pois nosso senhor disso foi seruido deueis de comformar no que ele ordena vossa vontade com a sua, e dar lhe por isso tantas graças e louvores como se lhe deuem por todas suas obras, esperando nele que apôs tamanha perda e tam grandes trabalhos vos dará o descanso e contentamento que vós desejais e que ele sempre daa aqueles que tanto o desejaõ seruir. E quanto ao que me dizeis que vos aiude e favoreça contra vossos imiguos, eu estimo tanto vossas cousas, e tenho pera ellas tam bõa vontade, que nunqua minha ajuda e fauor vos pode ser necessaria, que a não acheis em my e em meus capitaẽs mores, e muito me pesa de não aver caminho polo qual eu possa tantas vezes, como desejo, saber o estado de v. cousas, e o çoscedimento delas, e do soccorro e ajuda que recebestes do meu capitão mór e meu governador da india, e do que meus vassalos fizerão em v. seruiço, do que tomei mais largua imformação da que tinha por miguel do castanhoso, polo qual assi mesmo recebi outra carta v., tive eu mui grande contentamento, e posto que a perda deles seja tanto pera sentir, ei hos por bem empregados, pois acabaram em seruiço de n. s. e em defensão do v. estado que eu tenho na conta de proprio meu,

e podeis ser mui certo que sempre de my e de minhas gentes e capitaẽs sereis ajudado comforme a esta minha vontade, e amor que vos tenho, e quanto aos vossos naturaes, que dizeis que estão cativos em poder dos portugueses, e que os vendem a mouros, eu mando ao meu capitâo mór e governador que o não consinta fazer; e do que lá tem feito ioam bermudez, que elRei v. pai emviou a mi por seu embaixador, me desaprouve muito porque são cousas muito contrarias ao seruiço de n. s. pera as quaes sabido he que lhe náo podia dar algum fauor nem ajuda, nem dele conheço mais que ser hum clerigno simpres, e dos poderes, que diz que o sancto Padre lhe concedeo, não sei nada, e polos breues de s. sanctidade sabereis milhor o que nisso he passado; e aindaque por isso mereça tam grande castiguo, não me parece que lho deueis de mandar dar, senão de tal maneira, qne ficando com vida, fique com a pena devida a seus erros; porque sendo ella outra, e usando já desta dignidade de Patriarcha, que ele sem lhe ninguem dar quis tomar, e de tais poderes postoqne tão indiuidamente, seria grande descredito na christandade saberse que doutra maneira o mandavais castiguar, e porque eu deseio que todas vossas cousas sejaõ tambem acertadas que no efecto dellas se veia a tenção, com que as fazeis, e tambem porque dalguâs, que tocão á nossa sancta fee catholica se dê o remedio necessario e conveniente ao que compre ao verdadeiro conheeimento dela, e á saluação das almas, determino de mandar a vós, e a vosso reigno para o ano que vem, deus querendo, hũa pesoa por Patriarcha, que seja tal e de tal zelo, e bom exemplo de vida, que nestas cousas todas possa e saiba seruir bem nosso senhor, e de que vós recebais muito contentamento, e com que possais praticar mais larguamente as cousas de ioaõ bermudez, e tomar acerqua dele a determinação que vos bem parecer, e pera que qua possa saber de vós e do estado de v. cousas mais breuemente deveis de mandar saber por lá dalgũ caminho ou navegação que de v. terras e senhorios possa vir ter á costa de milinde, ou a qualquer outra parte daquella banda, donde com mais breuidade possa aver en-

tre nós esta cõmmunicação, que segundo imformação que tenho parece que será mui facil de achar, e eu mando aos portugueses meus vassallos que la ficaram que se não venhão e vos siruão em todas as cousas que tocarem a vosso estado, e folguem de assi o fazer como o farião em meu seruiço; e porque he razão que quando eles isto fizerem recebam de vós ajuda pera suprimento de suas necessidades, que teram tão grandes, como as deuem ter estando tam apartados de sua natureza vos roguo que os subtenteis e olheis por eles assi como o deueis a vassalos meus e que com suas vidas vos tem tambem seruido, e ajudado a defender v. reinos de v. imiguos. n. s. aja sempre v. pesoa e real estado em sua sancta guarda: escrita em almeirim. Lopo Roiz. a fez a XIII de março A. M, D. XXXX. VI. »

(*Em o lugar de sobrescrito*) «Trelado da carta que Sua Alteza escreue ao preste João.»

—

Dom João de Castro: eu a Rainha vos emuio muyto saudar. Vy a carta que me escrepuestes de maçanbique polla naao de garcia de saa, e da boa viajem que noso senhor vos deu receby gramde comtemtamemto, e lhe dou por yso muytas graças e louuores, e espero nelle que vos ajude a seruilo, e a elrey meu senhor em tude, como ey por certo que lhe pedis e desejaees, e na lembramça, que aly tiuestes, de oulhar pello que compria a seu seruiço, e defemsão daquella terra, se vio bem: e maior a tereis das cousas, que mais primcipalmente tocarem a seu seruiço: e nesta materia de moçanbique vos responde S. A. o que vereis por sua carta. Nas cousas dos xpãos e da conuersão da jemte da terra vos escreve S. A. muy emcarregadamente, e como em çousa que tamto toqua a seruiço de noso senhor, e acrecemtamento de sua fee: a qual por ser desta callidade, e de tão gramde obrigação pera S. A. em nenhũa outra o podeis seruir mais, nem lhe dar maior comtemtamento: e eu vos quisera sobre ysso tambem espreuer, mas pera voos, ey-o por escusado, porque sey que este seraa o voso primcipal cuidado.

Do falecimento do Doutor francisco de maris, e do desemparo, em que fiqua sua molher e filhos, me desaprouue muito e tenho por muy certo que no que em voos for pera lhe dardes alguum remedio o farees e tereis della lembrança que deueis e sois obrigado, e eu vos emcomendo muito que ho façaes asy, porque receberey diso muyto contentamento.

A lembrança que leuaes das cousas, que vos encomendey, que desas partes me emuiasseis vos agradeço muito, e folgarey de tomardes diso aquelle cuidado, que eu de voos confio, e quamto mais cedo mas podesdes emuiar, tamto maior prazer receberey, e a esta vosa carta nam haa necesidade de reposta, e por outra vos espreuerei mais larguo acerqua destas cousas que me aueis de mamdar e do mais que niso aveis de fazer. Esprita em almeirim em XV dias do mes de março de 1546 «Rainha»

(*No fundo da pagina*) Para dom João de crasto.

(*Sobrescrito*) Por a Rainha — A dom João de castro, capitam mo e gouernador da India.

—

Honrado gouernador. Depois de vosa partida receby duas cartas vosas, a que nam haa que responder, senam que uos nam pareça que me podem ellas ocupar tempo, antes podeis crer, que folgo muito com ellas; por yso nam deixeis de mescreuer tudo o que uos parecer necesareo.

E porque me pondes em muito grande obrigaçam com me agardecer o que eu nam tenho feito, mas desejo de fazer, e o aueis de ter por muy certo, quando de mym uos comprir, vos deuo de lembrar a obrigaçam, que tendes, de servir a noso senhor nesse cargo, e a sua A., como se de vós espera, e eu comfio; e porque a principal parte he o que toca ao exalçamemto da fee e salvaçam das almas, vo la lembro mais principalmente e pera se niso fazer o que compre a seruiço de noso senhor, sua A. proueo o milhor que se pôde, como uereis poloque vos escreue, e uos diraa o vigairo miguel uãz: seraa ysto princypio pera se hyr fazen-

Tendo D. Manuel de Lima partido de Baçaim, entrou de noite no rio *Surrate*, e navegando por elle com a maré, avistou uma povoação não pequena, que não sendo habitada por Abexins, tinha d'estes o nome. Estava ella situada ao *Levante*, n'uma extensa planicie, tinha dous mil habitantes, e a sua fortificação consistia n'algumas fracas trincheiras. Desembarcaram os nossos, e na ordem em que o faziam, hiam acommettendo os inimigos; estes opposeram mui fraca resistencia, e cuidaram logo em fugir em debandada, morrendo muitos na fuga. D. Manuel mandou depois passar á espada todos os prisioneiros, sem differença de sexo, nem d'idade, e pôr fogo ás casas, e fazendas.

Ultimado isto sahiu do rio a esquadra, e cruzando dous dias naquella costa, avistou a cidade d'*Antote*, cujo commercio marítimo tornára mui ricos seus moradores. Estes previnidos pelo estrago dos visinhos, juraram defender-se até perderem as vidas. Vieram pois hostilisar o desembarque dos nossos, com muita ousadia; mas como combatessem sem ordem, divididos em magotes, tiveram que hir fugindo diante de nossos golpes, até que estes os fizeram encerrar na cidade. O combate durou ainda aqui alguns mo-

---

do cadanes milhor o que obriga tamanha disposiçam, e dar noso senhor em noso tempo poder-se-lhe fazer tamanho seruiço, e nós deueis destimar muito começar-se isto a sentir mais, e fazerse em voso tempo, pollo que com muito cuidado, diligencia, e feruor deueis de enderençar o que elrey meu senhor ordena, e vos manda: e o que de quá nam pode prouer, ou em quanto nam poder prouer, de vossa parte deueis de fazer como se consiga este tamanho effeito, e que sua A. tanto deseja: e pera yso o que comprir sempre auisardesme vos encomendo que o façaes: e porque o mais sobristo nos diraa o vigayro, a elle me remeto. Jorge Coelho secretario a fez em Almeirim, XVI de março de 1546 «O Cardeal Iffante»

(*Sobrescrito*) Ao honrado dom Joham de crasto, gouernador da india, por elrey meu senhor, e do seu conselho.

mentos, terminando por ficarem os nossos senhores da cidade; esta foi logo entregue ás chammas, e aquelles de seus habitantes que ficaram em poder dos vencedores, receberam todos a morte da ponta da nossa lança.

D. Manuel de Lima depois de redusir a cinzas muitos outros lugares da enseada de Cambaya, fez-se na volta de Baçaim; encontrou o Governador já na Ilha dos Mortos, com toda a armada reunida, a qual no dia seguinte, que era o de 6 de Novembro, chegou a Dio.

Mal que da fortaleza descubriram tão grande esquadra, mandou o Capitão mór embandeirar todos os fortes, e disparar toda a artilheria, reinando em toda a praça universal contentamento. Toda a esquadra respondeu com uma estrondosa salva, e finda esta, tocaram alegres musicas a bórdo.

D. João de Castro não desembarcou n'aquella noite, e mandou chamar ao seu navio o Capitão mór, Jorge Cabral, Garcia de Sá, Manuel de Sousa e Supulveda, e outros fidalgos mui valentes, e atilados; aos quaes disse, que vinha resolvido a peleijar, sob o que, não admittia parecer estranho; que se desembainhava a espada era para castigar, não para se defender; que o aconselhassem todos, como acommetteria o inimigo. Garcia de Sá approvou-lhe esta resolução, servindo-se d'argumentos, que o Governador muito apreciou, por ter na maior conta a pessoa que os proferira. Foi discutido o plano d'ataque, e aquelle em que se assentou, ficou occulto até se executar. Nas trez noites seguintes, passou a gente recem-chegada para a fortaleza, sendo subido o muro por escadas de corda, sem que o inimigo o percebesse.

Vira Rumecão, e todos os seus, ancorar a armada

junto da fortaleza; e mostrando-se mui ousado na proximidade do perigo, disse aos seus: « Se o Governador quizer « peleijar no campo, entraremos nós na fortaleza pelas por- « tas, e não pelas muralhas; com as bandeiras Portugue- « zes espero eu varrer a casa do Profeta; peleijamos pela « liberdade de tantos Principes, que gemem opprimidos do « peso da servidão, e tributos; os nossos inimigos já não « podem com tantas victorias; a fortuna tral-os agora aqui « juntos, para os acabarmos com um só golpe. » Em seguida a estas arrogantes palavras, mandou o General inimigo dobrar o sôldo a todos os seus soldados. Subia a mais de quarenta mil homens o exercito inimigo, tendo em suas fileiras muitos Officiaes Turcos, e soldados velhos de bom nome; sem contar um soccorro de setecentos Janizaros, que pouco antes lhe havia chegado.

Recolhida toda a nossa gente na fortaleza, gastou o Governador aquella tarde em dispor os soldados, para combaterem no dia seguinte. Ordenou que as embarcações da esquadra, mal se ouvissem estalar trez foguetes na praça, partissem a ameaçar um desembarque onde o inimigo mais se receava; para que chamando-o alli á attenção, os nossos podessem entretanto sahir da fortaleza.

Amanheceu o dia onze de Novembro, e ao seu primeiro alvorescer, appareceu o Governador na esplanada da praça, vestido d'armas brancas, e empunhando o bastão de General. Celebrou-se Missa n'um altar portatil, commungando D. João de Castro, e a maior parte dos soldados. Findo este acto, fez-se o almoço para a guarnição, com as portas da fortaleza, para que a confiança do General, e a não esperança de refugio, fizessem peleijar os soldados, não só por ambição de gloria, mas ainda por necessidade. O Governador mandando depois formar os nossos valentes, dis-se-lhes o seguinte:

« Soldados, vamos entrar em uma batalha, onde ven-
« cidos, seremos bemditos de Deos entregando-lhe as vi-
« das; vencedores honraremos nosso Rei com a victoria. O
« exercito inimigo, tem em si grande numero de Turcos, e
« Janizaros, que como soldados mercenarios, buscam a guerra
« aborrecem a peleija. A outra parte compoem-se de povos
« differentes, o soldo os obriga a estar juntos, mas não a
« estar accórdes. Não são estes mais valentes que seus pais,
« e avós, não serão mais felizes; a todos sujeitaram nossas
« armas. Este Imperio da Asia é filho de nossas victorias,
« criámol-o em seu primeiro berço, sustentemol-o agora já
« robusto, que depois de largas idades nos ha-de mostrar ao
« mundo, com o dedo, a fama d'este dia. Animar a bata-
« lha, fora esquecer-me de que somos Portuguezes. »

Havia o Governador devidido as nossas forças em trez columnas. Compunha-se a primeira de quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, e quinhentos Naires; seu Commandante era D. João de Mascarenhas. A segunda era composta de quinhentos Portuguezes, entrando n'este numero, todos os fidalgos, e Capitães, que tinham vindo na esquadra de D. Alvaro; esta columna era commandada por este. A terceira era do commando do proprio Governador, e compunha-se de oitocentos Portuguezes, e d'alguns Canarins, e Malabares.

Acabava de chegar ao campo inimigo um soccorro de cinco mil soldados, commandados por Alucão, e Mujatecão.

Feito o signal á esquadra com os foguetes, partiram as embarcações á voga arrancada, a arrimar-se á praia; chegando aqui, deram todas uma *banda* contra as fortificações inimigas. Rumecão mal ouviu o horrivel estrondo da nossa artilheria, pensou que taes descargas, eram para cobrir algum desembarque nosso, e carregou com a maior

parte das forças áquella parte do mar. O Governador operou então a sua sahida da fortaleza, mandando condusir algumas escadas para se subir ao muro. A columna de D. João de Mascarenhas foi torneando o fòsso, procurando subir pela parte onde estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia n'esta avançada, entregou a sua escada a trez valerosos soldados, que tinham vindo do Reino com Lourenço Pires de Távora, que eram naturaes da villa de Torrão, e traziam cartas a Moniz de sua mãi, que muito lh'os recommendava. Estes trez intrépidos foram os proprios que pediram a Moniz, confiasse d'elles a referida escada; mas apenas a hiam a encostar ao muro, um tiro inimigo lhes espedaçou as cabeças!

D. João Manuel ao tocar o cimo do muro, foram-lhe decepadas as mãos, e logo a cabeça! João Falcão querendo vingar-lhe a morte, pereceu igualmente ás cutiladas! Perdidas estas duas vidas preciosas, poude a columna de D. João de Mascarenhas salvar a muralha, tendo a gloria de se defender por muito tempo no campo contra immensas forças inimigas, em quanto a não foram soccorrer a gente do Governador, e a de D. Alvaro.

Havia o inimigo assestado muitas bocas de fogo na ponte, julgando a sua posse de muita importancia. D. João de Castro atacando-a a peito descuberto, por debaixo d'uma abóbeda de balas, viu-se alli no maior risco; por isso que os Turcos além da artilheria que jogavam, defendiam-se com descargas de fuzilaria, com panelas de polvora, e lanças d'arremesso, retardando por tal arte o ímpeto dos nossos. Alguns d'estes começavam já a voltar costas aos pelouros, e a debandar, quando o Governador acompanhado d'alalguns bravos, correu para os inimigos, bradando em alta vóz: « Victoria, fogem os Turcos! » Os écos d este grito heroico, fizeram com que os nossos *fugitivos* voltassem a bus-

car a sua bandeira, e que, unidos aos que a não tinham abandonado, cahissem sob os inimigos com furia inaudita, semeando-lhes nas fileiras o terror, e o susto.

Abrira o intrépido General a porta da victoria; e não querendo demorar-se em a proseguir, foi atravessando o campo contrario por cima de cadáveres, continuando a acclamar-se victorioso!

Rumecão vendo a desordenada fuga dos seus, correu com um forte batalhão Turco a retardar a furia dos nossos, o que conseguiu por largo espaço de tempo, pela sua superioridade numérica. — Tornou-se então igual a batalha! — Por duas vezes foi derribada a nossa bandeira Real, o que fez gritar ao Governador: « Que é isto Portuguezes? Tiram-« vos das mãos a victoria? Roubam-vos as sagradas Qui-« nas? » E dizendo isto, arremetteu o inimigo coberto com uma adarga, na qual trazia cravadas duas settas, animando os soldados de maneira tal, que os Mouros amedrontados de tão pezados golpes, retrocederam em debandada.

D. Alvaro de Castro, e D. Manuel de Lima, não estavam ociosos no campo da peleija; acommetteram Alucão e Mujatecão, com tanto valor e ousadia, que se fizeram invejar de seus soldados, e mesmo dos inimigos. Tendo já as armas tintas de sangue, ganharam diversas estancias aos inimigos, fazendo-os retirar confusos, e aterrados. D. João de Mascarenhas, intrépido como sempre, desalojou a Jusarcão do posto que occupava, com bastante fortuna. Rumecão, não perdendo o animo, nem o tino, em presença d'estas perdas, formou novamente seus esquadrões em campo descuberto, tentando recuperar os pontos que perdera. O Governador reunindo a si o pequeno exercito; e dando a vanguarda a seu filho, arremetteu com a presteza do raio ao inimigo, que o esperou em ordem, e a pé firme. Acha-

vam-se as forças contrarias formadas em meio circulo, cujas extremidades se foram estendendo á investida dos nossos, e vieram cingindo a nossa infanteria. Mal o inimigo começou a praticar esta manobra, logo D. Alvaro o atacou com tanta valentia, que um dos pelotões Mouriscos não podendo resistir a golpes tão pesados, abriu franca passagem ao denodado filho do Governador. D'ahi a pouco, começaram as de mais forças contrarias a retirar-se espavoridas; mas Rumecão vindo com um batalhão de Janizaros, fazer frente aos nossos, impediu por muito tempo que uma victoria completa, coroasse as armas Portuguezas.

D. Alvaro achou-se aqui no mais terrivel apuro; porque tendo hido alguns de seus soldados no alcance dos fugitivos, os que tinha junto a si não podendo resistir contra tão grandes forças, entraram a abandonal-o, sem que as vozes que soltava, e o valor com que combatia, fizesse conter uns, ou ordenar outros. Frei Antonio do Casal arvorando então um Crucifixo, reprehendeu, e animou os nossos, com razões de muito peso, o que fez com que todos elles entrassem na ordem, possuidos de nova couragem. Continuando a peleija, foi tanta a valentia com que os nossos se portaram, que Rumecão teve que retirar-se desbaratado, entrando D. Alvaro conjunctamente com elle na cidade, em companhia de D. Manuel de Lima, que se lhe reunira. Não tardou que D. João de Mascarenhas désse tambem alli entrada, por uma outra parte; os trez fidalgos, e seus subordinados fizeram horriveis estragos na povoação, deixando-lhes os inimigos as armas, para fugirem mais promptamente.

O Governador combatia ainda no campo, quando lhe chegou a participação, de que a cidade estava entregue. Pouco depois vieram D. Alvaro, D. João de Mascarenhas, e D. Manuel de Lima congratular-se com elle da victoria,

ao tempo que Rumecão se appresentava no campo com oito mil soldados, resolvido a dar, ou a esperar nova batalha. D. João de Castro, ordenou immediatamente, que dous pelotões o fossem acommetter pelos flancos, reservando para sí um terceiro, para o atacar pela frente. O inimigo oppoz mui fraca resistencia a este ataque, pela razão de combater tímida e desconfiadamente; não tardando muito, que nos não fosse deixando o campo. Finalmente, uma hora não era ainda passada, quando os Mouros principiaram a fugir em todas as direcções, abandonando as armas, e mais utensilios militares, como objectos que poderiam redobrar a nossa vingança, sendo-lhes encontrados. Rumecão ao ver tudo perdido, e não nutrindo esperança alguma de remedio, escondeu-se entre os mortos, vestido com uma pobre *cabaya*; porém uma pedra despedida por mão desconhecida, foi alli mesmo tirar-lhe a vida!

Mui de proposito historiámos tão importante batalha, sem particulisar os immensos rasgos d'heroismo Portuguez, que n'ella se praticáram, por entendermos que basta dizer-se, para elles se avaliarem, *que trez mil e tantos Lusitanos derrotaram n'uma acção campal a sessenta mil Mouros, e Turcos aguerridos, sendo estes commandados por officiaes bravos, e intelligentes; que em resultado d'esta derrota fora levantado o cêrco a uma fortaleza, e ganha uma cidade:* dada esta explicação, julgamos ter dito tanto em *louvor* dos Valentes Portuguezes, que assistiram á mencionada batalha, quanto se não possa dizer em grossos volumes!..

Consistiram os despojos d'esta memoravel victoria, em muitas bandeiras, quarenta peças d'artilheria, (*) grande

(*) Uma d'estas peças veio para o Reino, e foi collocada na Torre de S. Gião, ou de S. Julião, não sabemos ao certo se ainda alli existe.

quantidade d'espingardas, espadas, e lanças, e seiscentos prisioneiros. Ficaram cinco mil inimigos mortos no campo, contando-se n'este nûmero Rumecão, Alucão, e Accedecão; dos nossos morreram trinta, e ficaram feridos tresentos. A cidade foi entregue ao saque.

Passados cinco dias, isto é, sendo quinze de Novembro, (*) participou o Governador aos Vereadores, Juizes, e Povo de Gôa, a victoria que as nossas armas acabavam d'alcançar; o portador d'esta bôa nova foi seu filho D. Alvaro.

Achava-se arrasada a fortaleza; D. João de Castro querendo reedifical-a de novo, cuidou em desenhar a nova fábrica em fórma differente da antiga, dando-lhe maior extensão á circumferencia, e mais grossura ás muralhas, e determinando que os baluartes, se approximassem mais uns dos outros. Porém, faltando-lhe os recursos para a compra, e conducção dos materiaes, e para pagar as férias aos architetos, pedreiros, e trabalhadores; por isso que todas as rendas do Estado se haviam empenhado, para as despezas de tão aturada guerra, deu tratos á imaginação para descubrir um meio, que o fizesse sahir de similhante difficuldade. O primeiro que lhe occorreu, foi, *entregar os ossos de seu filho D. Fernando á cidade de Goa*, e haver sob garanthia d'elles um emprestimo; mas como visse que a terra lhe não tinha ainda consumido o cadáver, *cortou alguns cabéllos da barba, e pediu sob elles vinte mil pardâus á Camara de Goa!* — Esta portentosa *acção*, não tem igual nos annáes da remota Grecia, nem nos da antiga Roma; excede a tudo quanto elles mencionam de Sublime, Grande, e Heroico! — O singular, e valioso penhor, foi acompanhado pela seguinte carta:

(*) *Chron. m.s da India por Gaspar Corrêa. Tom. 4. pag.* 392.

Carta que o Governador D. João de Castro escreveo de Dio á Cidade de Gôa.

«Senhores Vereadores, Juizes, e Povo, da muito no-
«bre, e sempre leal Cidade de Goa; os dias passados vos es-
«crevi por Simão Alvarez cidadão d'essa Cidade, as novas
«da victoria, que me nosso Senhor deu contra os Capitães
«d'elRey de Cambaya, e callei na carta os trabalhos, e
«grandes necessidades em que ficava, porque lograsseis mais
«inteiramente o prazer, e contentamento da victoria; mas
«ja agora me pareceo necessario não dissimular mais tempo,
«e darvos conta dos trabalhos em que fico, e pedirvos aju-
«da para poder supprir, e remediar tamanhas cousas, como
«tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio
«derribada até o cimento, sem se poder aproveitar hum
«só palmo de parede; de maneira, que não sómente he ne-
«cessario fabricala este verão de novo, mas ainda de tal
«arte, e maneira, que perca as esperanças elRey de Cam-
«baya, de em nenhum tempo a poder tomar. E com este
«trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos
«para mim muito mais incomportavel de todos, que são as
«grandes oppressões, e continuos achaques, que me dão os
«Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza,
«porque d'outra maneira se me irião todos, e ficarei só nes-
«ta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande
«perigo, e por esse respeito toda a India, como quer que os
«Capitães d'ElRey de Cambaya com a gente que ficou do
«desbarato, estão em Suna, que he duas legoas d'esta forta-
«leza, e elRey lhes manda cada dia engrossar seu campo
«com gente de pé, e de cavallo, fazendo muitas amostras
«de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra bata-
«lha; para as quaes cousas me he grandemente necessario
«certa somma de dinheiro, pelo que vos peço muito por
«mercê, que por quanto isto importa ao serviço d'elRei nos-
«so Senhor, e por quanto cumpre a vossas honras, e leal-

« dades, levardes avante vosso antigo costume, e grande
« virtude, que he acodirdes sempre ás estremas necessida-
« des de S. Alteza, como bons, e leaes vassalos seus, e
« polo grande, e entranhavel amor, que a todos vos tenho,
« me queirais emprestar vinte mil pardáos, os quaes vos
« prometto como Cavalleiro, e vos faço juramento dos San-
« ctos Evangelhos de volos mandar pagar antes de hum an-
« no, posto que tenha, e me venham de novo outras op-
« pressões, e necessidades maiores, que das que ao pre-
« sente estou cercado. Eu mandei desenterrar Dom Fernan-
« do meu filho, que os Mouros matárão nesta fortaleza,
« peleijando por serviço de Deus, e d'elRey nosso Senhor,
« para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharãono
« de tal maneira, que não foi licito inda agora de o tirar
« da terra; polo que me não ficou outro penhor, salvo as
« minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo
« Rodriguez de Azevedo; porque como ja deveis ter sabido,
« eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa
« alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazen-
« das, sómente huma verdade secca, e breve, que me nos-
« so Senhor deu. Mas para que tenhais por mais certo vos-
« so pagamento, e não pareça a algumas pessoas, que por
« alguma maneira pódem ficar sem elle, como outras vezes
« aconteceo, vos mando aqui huma provisão para o The-
« soureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos
« vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem
« rendendo, até serdes pagos. E o modo que neste paga-
« mento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por es-
« cusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais
« os trabalhos em que fico, porque tenho por muito certo,
« por todos os respeitos, que asima digo, haverdes de fa-
« zer nesta parte tudo, e mais do que puderdes, sem entre-
« vir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costuma-
« das, e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. En-
« comendome, senhores, em vossas mercês. De Dio a vinte

«e tres de Novembro de mil quinhentos quarenta e seis.

Tendo a Camara de Gôa recebido esta carta; e sendo auxiliada pelo Povo da cidade com maior quantia de dinheiro, que a que lhe fora pedida, remetteu logo este ao Governador, reenviando-lhe o honroso penhor que elle lhe mandára, e escrevendo-lhe uma importantissima carta, (*) que passâmos a transcrever na sua íntegra. Servirá ella para demonstrar a nossos leitores, que os nossos antepassados d'aquellas felices éras faziam *do Amor da Patria um Culto*, e que pugnávam pela conservação de seus foros, e regalias com couragem, honra, e dignidade, proprias d'homens livres.

(*) Ilustrysymo e excelemte capitão geral e gouernador da ymdia pelo muito Alto e muito poderoso e muito ecelemte primcipe Ellrei noso senhor.

Dioguo Rodrigez dazeuedo chegou a esta cidade segumda feira seis dias do mes de dezembro, e o dia seguymte deu em camara huũa carta de sua Ilustrysima senhoria, que foy lyda com muito prazer e gramde comtemtamento, por sabermos de sua saude. A quoal bõa nova sempre queryamos saber, e muito melhores lhe desejamos. E por ela a cidade e todo este pouo em jeral e em especial damos muitas graças a nosso senhor, e temos esta esperamça em nossa senhora Virgem maria madre de deos nossa avogada, que temdo os pouos da ymdia V. S. ylustrysyma por seu duque e gouernador, que em nossas afromtas e trabalhos numca careceremos de ajudas diuinaes por o merecimento de seu catoliquo e modesto viuer, em auto e obras de muitas e louvadas vertudes: e com esta esperamça vyvemos em nouo repouso por o que a presemte e gloryosa vitorya que per seu prudemte comselho e gramde esforço e cavalarya vemceo e descercou a fortalleza de dio, e desbaratar e destroir o poder delrei de cambaya com mais outros vimte mil homens mouros, turcos, rumes, coraçones, e chrystaõs arrenegados da fee de noso senhor, alemães, venezianos, Jenue-

zes, framceses, e asy doutras muitas e diuersas nações, dos quoaes gram parte delles foram moortos a ferro de lamça e espada, de que a cidade tem certeza de pesoas de bem, que de vista foram presemtes os quoaes bõs socesos nos mostram craros synaes que ao diamte, prazemdo a nosso senhor, e o seu emparo, nam temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresentam do proprio rey de cambaya com outro novo poder e outros reys e senhores, nossos comarcãos, e os de toda a ymdia que são de certo imigos nosos, de muitas ymisades, allem de serem ynfieis e ymigos de nosa sam ta fee catoliqua, dos quoaes huũs e outros nam temos segura nem firme paaz, amtes temos synaes de fallsas e emganosas amizades.

E porque estes trabalhos em que V. S. estaa que muito custaram e cada dia se muito mais semtem foram de muitos dias do gramdes ymdustryas e deligemcias ao preposyto pemsadas per nossos ymigos, pera o mesmo cerquo da fortaleza de dio, pera outros senhores desta terra nosos imigos se leuantarem a nos fazerem gerras, o que a esperyemcia do tempo nos mostra o avermos asy por certo, e nos avisar pera com a ajuda de Deos nos provermos: e por quoamto elrrei noso senhor em o reyno nom he destas novidades emformado da maneira que elas são, e o muito que ymportam a seu real estado, e ao bem comum de seus pouos da ymdia; a cidade com todo deuydo acatamento, que deuemos, os vereadores, e oficiaes, em nome do pouo, lhe pedimos por merce que o escreua a S. A. E estes nouos socesos, que nam sam bõs, mas amtes muy perjudiciaes, com o mais que se nos represemta, e as mudamças que estes reys e senhores nosos ymigos tem mostrado e o temos visto per obra este anno em que estamos, e vosa ylustrysyma senhoria com comselho e gramdes ymdustrias darte de gerra e gramde prudemcia e com adjutoryo e graça de Deos o talhou, e remediou, pella quoal causa lhe faaz a cidade estas lembramças, por que sabemos que ele com seu claro juizo tem compremdido em este caso tuudo o que pode soceder de bem e de milhor; por tamto, senhor, per especial lembrança lho escreuemos, e asy lho muito pidimos por merce.

E por quoamto S. A. não escreveo este anno há cidade, e aos mesteres escreveo per lembramças e apomtamentos, em que temos bem que dizer, e asy muito menos lembra a S. A., que os primcipaes moradores desta cidade o vão seruir em os gramde s peryguos e morrem em seu seruiço, e os filhos fiquam pobres em desemparo, e o anno traspasado foram com seu gouernador martim afonso de souza ao pagode perto de cem cavaleiros, com cavallos e armas adereçados com gramdes e riquos arreos, e outros atauyos, e vestidos e armas riquas tuudo em gramde perfeição e com muito gasto de suas fazendas, e asy foram na dita armada muitos homens darmas moradores da cidade, e este cerquo de dio tem feito nesta cidade pasamte de cimquoenta viuvas, cavaleiros e escudeiros homrrados, e asy allguũs fidallguos de merecimento conhecidos; e nam escrever S. A. a esta cidade o muito symtimos, e com trysteza e paixão o comportamos, e temos que S. R. A. tem da cidade comtrayra e não boa emformação da verdade, o que de rezão nam deuya de ser pelo muito que lhe merecem nosos seruyços e pelo amor e vomtade comque o seruymos honde cumpre, e o ymos seruir, e por seu seruiço morrer com as vidas, e com as fazemdas gastados, sem premios e deuidos gallardoẽs, e per cima disto asy ser como he notoryo, e V. Y. S. he diso boa testemunha, S. A. nam faz comta desta cidade, e dos bõs e leaes vasallos que em ela tem, e por este agrauo e desfauor, em que estamos, por S. A. nam escrever há cidade como de rezão deuia ser, e faz comta dos mesteres, sobre este caso tyvemos por acordo nam escrever a S. A. se o caso o não obrigara e as necesydades muitas do tempo nos costrangem a fazelo. E o fazemos a V. S. e pidimos de muita merce que este pomto que tamto ymporta há homra desta cidade e dos homrrados fidallguos e caualeiros, que nela viuem avemdo respeito ao muito amor que lhe tem e gramde desejo de o seruir, que tome deste caso per nossa parte aquelle semtimento que se pode tomar e o escreva a elrrei nosso senhor pera que se correga a esta cidade este gramde agrauo em que estamos, temdo nosos seruiços e boas lealldades merecimentos de gramdes merces e gallardoẽs, o que asy pidimos a V. S. que em esta parte nos ajude por especial merce.

E quoamto ao emprestimo que em nome delrey noso senhor nos manda pedir: Respomde a cidade, que os moradores fazemos de prezemte, e sempre que cumprir seruirmos S. A. com as fazemdas e vidas e com as allmas, e a ysto asy ser de bem o milhor o nom estrovaraa causas nem rezoẽs de agrauos que tenhamos, e posamos ter, como vasallos afastados da presemça de seu rey e senhor quatro mil e tantas legoas: e pospostos os agrauos a de parte, vsaremos e faremos o que sempre fizemos como suditos obrigados a toda seruydam, pera que V. S. sayba e seja certo, que esta cidade e os moradores homrrados della, em seruir e morrer por seu rey e senhor natural, am de fazer avamtajẽs a todas outras nações de xpãos, e desta fedelidade e lealldade daram testemunhos os muitos mortos a ferro e foguo neste cerquo de dio e em outros feitos notaueis destas partes, homde os moradores fidalgos e cavaleiros desta cidade foram e vão com liberaes vomtades há custa de suas fazemdas, e la morreram e morrem, tuudo por seruyr elrrey noso senhor, em o quoal estaa todo noso bem e o principal preposyto de noso fumdamento.

E porque a temção da cidade e de todos he seruir V. Y. S., avemdo respeito que o emprestimo cumpre muito ao seruiço delrrey noso senhor, cuja a cidade he, e todos somos, com muita deligemcia e cuydado daquele dia que Dioguo rodrigues dazevedo deo o recado atee o fazer desta, que sam vimtasete de dezembro se ajumtaram vimte mil cemto coremta e seis pardáos e huũa tamga, de cimquo tamgas o pardão: os quoaes emprestou esta cidade, scilicet, cidadãos e o pouo, e esy os bramenes, mercadores, gamcares, e euryvez, scilicet, emprestaram os gemtios todos noue mil e dozentos e tamtos pardáos, e todo o mais emprestou a cidade que faz tuudo a dita comtia dos ditos vimte mil cemto coremta e seis pardáos e huũa tamga, do quoall dinheiro fica na camera feito liuro e registo das pesoas que o emprestaram pera se lhes tornar quando V. S. ordenar e mandar os quoaes emprestaram o dito dinheiro huũs e outros foram chamados e sem constrangymento allguũ e de suas liberaes vomtades cada huum deu o que

quiz e teue por bem e alguũs ouue que deram duas vezes por seruir elrrey noso senhor e V. S., e por homrra da cidade o que he muito para estimar darse o dito emprestimo de graciosa vomtade sem apresam nem fadiga.

Escrevemos em certo a vossa senhoria que esta cidade e os homrrados moradores polo seruir temos obrigaçam de pôr a vida e as fazemdas com milhor vomtade do que o faremos por nosas proprias homrras e ymtereses; e por tamto senhor lhe pidimos por merce e lhe fazemos espicial lembramça, que a esta cidade e a todos tenha em sua emcomemda, pera nos fazer merce em nome delrrey noso senhor nos goardar os preuylegios que de S. A. temos, e os vsos e custumes, em que estamos, de sempre que foy ganhada pellos moradores ateegora, e esto senhor evemdo respeito que os moradores ganharam a cidade com muitas mortes e samgue derramado e que pera o diamte como bõs e leaes vasallos avemos de morrer por noso rey e senhor.

E quoamto senhor aos penhores que nos manda, a cidade e moradores nos temos por agravados de V. S. ter tam pouca comfiamça em noos e em nosas lealldades que pera consa, que tamto comprya ao seruiço delrrey noso senhor e a seu estado real nam hera necesaryo tão homrrados e ylustres penhores, porque nosa lealdade nos obrigua ao seruiço delrrey e a presemte necesydade, e depois diso as obrigações em que somos, e a gramde afeyção e muito amor qne V. S. tem a cidade e moradores, e por elo e tuudo o mais, que neste caso lhe semtimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a noso senhor que lhe dê perfeyta saude e o prospere de muita homrra e gramdes victorias contra os ymigos de nossa santa fee. E todavia, senhor, Dioguo rodrigues dazauedo lhe torna a leuar os seus penhores, e asy lhe leuam ele e bertolameu bispo precurador da cidade o dito dinheiro, que lhe a cidade e pouo dela emprestaram de sua boa e liure vomtade, e asy lhe leuam mais a provisam que qua mandou pera o tezoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por merce que tuudo aceyte co-

mo de leaes vasallos que somos elrrey noso senhor e a V. S. muito obrigados: e asy lhe pidimos que o pagamento deste dinheiro mande fazer juntamente há cidade, pera a cidade o tornar a pagar aas propias pesoas que o emprestaram, sem se fazerem outras mais provisões nem porem verbas, em que as partes recebiam gramdes fadigas, e gastos, e apresões, em tal maneira que o emprestimo que a cidade fez ao visorrey, allguũs ficaram por pagar: por tamto, Senhor, V. S. goardando ordem e estillo de fazemda, mandaraa receitar o dito dinheiro, que a cidade empresta, tuudo jumto em soma sobre o ofecial que lhe bem parecer, que pera yso ordenar; e ha cidade passaraa somemte hũa provisam, em que ha por bem de mandar pagar o dito dinheiro há cidade, asy como lho empresta jumtamente, em o tezouro, e no tempo que a V. S. bem parecer, em maneira que o pouo seja pago do seu. E a Dioguo rodrigues dazeuedo por nos trazer tam bõ recado da saude de V. S. lhe pedimos por merce que o aja por emcomendado pera lhe fazer bem e merce como ele per seus seruiços merece.

E quoamto, Senhor, a bertolameu bispo precurador que hora he da cidade, e ora laa vay com este emprestimo, he homem de vymte e oyto annos de seruiço em estas partes, que continuadamente com muitos trabalhos e despeza de sua fazenda amdou nas armadas delrrey noso senhor por capitão de fustas e galeotas, e avido sempre por muy bom cavaleiro e por taal he conhecido: tem elle requerymento com V. S. ácerqua da tanadarya de bardés, que ja lhe pidio em a vagamte de Vasquo fernandes que Deos perdoe: pede a cidade a V. S. que o dito carreguo faça delle merce a bertolameu bispo, porque he ele homem que ho bem merece por seus seruiços e a cidade lho teraa em asynada merce.

Faz a cidade lembrança a V. S. que os gemtios moradores mercadores e gameares fizeram parte deste emprestimo, como lhe ja dizemos: e nam averemos por muito aver aos homens vertuosos, que faram crer a S. A., que nam seruem de nada, e que he bem que os lancem fora desta terra: avemos por escusado mui-

Para se poder bem avaliar quão grande foi o contentamento que houve em Gôa, depois de recebida alli a noticia da ultima victoria, alcançada em Dio, vamos ainda transcrever textoalmente duas cartas (*) dirigidas ao Governador por pessoas de mui elevada posição no Estado, e da maior verdade. Contém ellas uma relação fiel das festividades civís, e religiosas, com que então foi celebrada a referida victoria, e demonstram exuberantemente quanto D. João de Castro era estimado pelos seus governados.

---

tas pallavras ácerqua deste negocio porque V. S. o semte muy bem. Escripta em camara a 27 de dezembro de 547. E eu Luis tremessão escryvão da camera o mandey escrever e sobescrever por licemça que pera elo tenho — Pero guodiuho — Joam rodriguez paaez — Rui gonsalves de caminha — Ruy Dias — Jorge Rybeiro — Bertolameu bispo.

(*) Senhor: a quem deos tem feito tamanhas merces, e tão estremadas victorias, qnaes numqua lemos, aimda que lemos dos rromãos e de outros muitos; e a quem elle tem dado tamanhas homras, tenho eu pera my. que lhas tem elle majores, em ha gloria gardadas, pera as dar a V. S. que pois asy pasa, ha vosa alma parece que he aprazivel a noso senhor Jhũ Xpo: *soli deo honor et gloria*; nam vos poso contar, senhor, as festas, he prazeres, he presyçoẽs, e jugar canas, he correr de touros, que qua se fazem por vosa vytoria: sam os homẽs muito consolados e comtentes que casy as pedras das casas se querem alevamtar e fazer festa; nem tampouco vos poso, senhor, contar as comtinuas he muitas presiçoẽs, que se faziam em esta cidade amtes da vitoria, asy de dia, como de noyte, nam sómente em as igrejas, he relegião, he da misericordia, mas dos menynos das escollas, de noyte, com camdeias nas mãos, deceprinando se nas costas com toda sua imnocemcia, que em verdade falamdo com V. S., estas palauras, mal notadas, nam se podem dizer sem lagrymas: aguora acabei de crer o fio do amor, he afeiçam que toda esta ci-

dade vos tem: fauoreça porque lhe deueis: he muito mais vos deue ella a vós.

Ho homem que la mandey me deu hũa carta de vosa senhoria: ha comsolaçam he homrra, que eu receby com ella, deus volla pague; minhas forças nam são pera seruir: e asemta meu coraçam em ho que nella me dizeis, he em tudo ho que me mamdar seguirei seu comselho porque me parece que seguirei ho de deus porque vejo as obras suas em as de V. S. nam me parece, senhor, quamdo vejo hua regra vosa, senam que espiritos se me alevantão pera cyma, qua me contou este homem quamta merce lhe V. S. fez, e entre outras fazello V. S. cavaleiro demtro em sua fusta · de lá me escreverão que pellejou bem, pesoa de credito: as cousas, pue falla quá, estamos com as boquas abertas, em especial da serenidade de V. S. em ordenar voso enxercito, e as manhas discretas com que vos ouvestes com esa samta vitoria. Jhũ xpo lhe dê muita vida a seu seruiço pois que ha perpetua memoria, he immortal, qua ha de ficar delle, e despois lhe dê a sua gloria amem. de guoa aos XIII dias de novembro de 546 anos «orador de V. S. o bispo de goa»
(*Subrescrito*) Ao senhor gouernador da Imdia &c. do bispo.

Senhor. O nome de uoso senhor Jhũu xpo seja para sempre louvado, que tamanha merce nos fez a todos per vosa senhoria, na gloriosa vitoria, que lhe deu contra tamtos imfieis, e tam podrosos, como estavão, per suas muy eycelemtes virtudes, esforço e prudencia. De lá escrevem, e asy o comtaô os que de lá vem, que se não pode escrever, nem comtar, nem debuxar a maneira de como estavão fortes pera ofemderem a vosa senhoria, e a todo seu exercito, e pera se defemderem dele. Os que qua ficarão. asy frades, como o senhor bispo, com sua cleresia, e apostolicos de são paulo, e irmãos da misericordia, e todo o povo em geralĩ, depois de V. S. partido, vemdo que com suas pesoas e armas ho nam podiam seruir, e acompanhar em tam samta romaria, continuamemte ho emcomemdarão ao senhor deos, fazemdo

sempre muytas precições, e se hos homẽs ese cuydado tiverão, certamente que as molheres não se esquecerão em suas casas, e da maneira, que emtemdião que poderia aprazer ao senhor deos, pera as ouuir.

Esta cydade foy posta em tamanho allvoroço de prazer, quando os synos começarão ha pobricar as alegres novas a oras, que acabavam de correr o syno, como as taes novas merecião, louvamdo por isso muyto a noso senhor, e rogando lhe pola vida de V. S. Hos frades sayrão loguo do seu moesteiro com a cruz, em precição, camtamdo *te deum laudamos*, acompanhados de muyta gemte que acodio ao repicar dos synos: forão á casa da misericordia, domde tornarão na mesma ordenamça, começando *laudate domine ones gemtes*; e se tornarão ao moesteiro. Em amanhecendo, sayo da see o senhor bispo com ho cabydo de toda a cleresya, em ordenada preciçam com ho povo desta cidade: forão a nosa senhora da serra, bemdizemdo, e louvamdo o senhor por tamanha vytoria. dina de muita memoria; e dahy se tornarão na mesma hordenamça ha see. E recolhendo-se o senhor bispo pera sua casa, forão a elle o procurador da cidade, e escriuão da camera dizer-lhe, que hos vereadores determinavam fazer o dya seguimte precisam solene, como dia de *corpos xpy*, e mamdar que se não trabalhasse atee dia de bemaventurada samta catarina, fazemdo sempre muytas festas, que pediam a s. senhoria, que ho ouuesse por bem, e elle o comcedeo, louvando muyto sua temção: e asy se fez o dia seguymte a procisão solene com ha bandeira da cidade e as dos officios dela, com folias, pélas, damças despadas, e outras emvemções: e até os diabos, e diabretes tyverão sua parte de prazer. Tudo se pasa em escaramuças e carreyras na rua direita, as quaes o senhor capitão gramgêa grammdemente com muito comtemtamento, o qual pera iso tynha jaa a rua direita toda cavada, e bem areada. Pois os canarys e gemte da terra, eu certifico a V. S. que não amostrão menos prazer com a gloriosa vytoria, fazemdo muytas festas, e escaramuças, a sua gysa: e comtudo de quam alegres elles e nós andamos, tam

tristes e quebrados dos corações amdão os mouros: prazerá a noso senhor, que com muyta vyda, e saude, e obrãs de V. S. os terão eles de todo mny cedo quebrados, com muito acrecemtamento da nossa fee catolica.

E comtudo, senhor, por cima de todos estes prazeres, muytos dos que qua qua fycarão são muy descomtentes, por se não acharem com V. S. em tamanho feyto, e de tão dina memoria, e por melhor ouverão acabar nelle com tamta homrra, e louvor de noso senhor que vyverem todos hos dias de suas vydas com este descomtemtamento.

Eu crêo, senhor, que V. S. usamdo de suas muy eycelemtes virtudes, escrepverá a elrey noso senhor dos moradores desta cidade, que com elle forão, e com ho senhor dom alluaro e dom fernamdo, que samta gloria aja, tam bemaventurado no bom morrer, forão a este soccorro de dio: e não sey quamto rezam teria de ho fazer dos que qua ficarão; mas V. S. bem sabe, que desejey eu de hir com elle, e pera isso lhe pedy por mercê que me dese licemça, por ter mamdado apregoar que nenhũu morador desta cidade fosse sem ella: e V. S. o nãm ouue por bem, mamdando-me ficar pelas causas, e respeitos que elle sabe. Beyjarey as mãaos a V. S, escrepvelo asy a S. A., quando escrepver dos que ao dito socorro forão. Esta mercê lhe peço alem das muitas que me tem feytas e deseja de me fazer, porque me aproveytará muito pera medramça de meus filhos, primcipallmente pera a do ho año pasado mamdey, que espero em nosso senhor que pela carta de V. S. será jaa de S. A.

Bastião lopez lobato meu cunhado me mamdou esa carta que ha dése a V. S., o asy dous caixões gramdes de marmelos, hum pera V. S., e outro pera o senhor dom alluaro, com que eu não fuy pouco ledo, cuydando de lhos mamdar a tempo que V. S. follgaria muito com elles: abry os caixões, e todos vynhão podres, de tall maneira que hũu soo se não achou que ho não fosse, como dirá jeronimo pardo a V. S. que hos vyo. Noso senhor dee mui-

Progredia a reedificação da fortaleza com summa rapidez, por isso que os operarios que n'ella trabalhavam, o faziam gostosamente, pela razão de se lhes pagarem pontualmente suas ferias. Não faltavam recursos para este pagamento, nem para o dos soldados; poisque além do emprestimo, que Gôa havia feito, as damas da mesma cidade tinham enviado ao Governador todas as suas joias, para serem empregadas nas referidas despezas.

Não querendo o Governador que os inimigos estivessem um instante, sem nos soffrer os golpes, mandou que D. Manuel de Lima sahisse com trinta embarcações, a arrasar todas as povoações da costa de Cambaya; ordenando-lhe, porém, que não entrasse na cidade de *Goga*, por se ter recolhido n'ella a gente que escapára da batalha. D. Manuel, partiu; mas, como soffresse depois d'alguns dias de viagem grande temporal, não poude deixar de se abrigar no porto, que se lhe prohibíra demandar. Apenas fundeára, todos os habitantes da dita cidade, a desampararam, fugindo para o sertão desordenadamente. Desejando D. Manuel saltar em terra; e não querendo quebrantar as ordens superiores, que recebera, expoz o negocio em conselho, que decidiu se desembarcasse, visto que as instrucções dadas pelo Governador, não podiam abranger todos os accidentes. Executou-se immediatamente o parecer do conselho, sendo a cidade saqueada, e redusida depois a cinzas.

Não se satisfizeram os nossos simplesmente com o sa-

---

ta vida e saude a V. S. pera acrecemtamento de sua samta fee, e do estado dellrey noso senhor nestas partes, e da homrra dos portugeses, que certo, depois do senhor Deos, a V. S. são atribuydas tamanhas maravilhas, como temos vistas, e cada vez mais per elle esperamos de ver. De goa a XIX de novembro de 1546. «Amtonio fernandez»

que dos bens, e com a destruição dos edificios; era-lhes precizo, que não ficasse um só morador da arrasada cidade, com vida; e para o conseguirem foram assaltal-os no proprio local, onde os desgraçados se tinham refugiado, e ahi passaram uns á espada, e enforcaram outros, degollando-lhes depois o gado, e queimando-lhes os *pagódes!*

Ultimados estes estragos, tornaram os nossos a cortar a enseada, onde estiveram quasi soçobrados sem tormenta, por causa da impetuosidade do fluxo, e refluxo das ondas. Passando mais adiante, avistaram a cidade de Gandar, habitada por mercadores Gentios, rica pelo seu muito commercio, mas fraca pelos seus moradores. D. Manuel de Lima determinou, que ella fosse investida, e em resultado foi logo rendida, e queimada, ficando todos os seus habitantes sem vida.

D. Manuel depois de ter feito soffrer igual sorte, a muitas outras povoações d'aquella enseada, voltou a Dio, onde encontrou o Governador mui occupado com o crescimento da nova fábrica, o qual augmentava a olhos vistos. D. João de Castro desejava deixar a fortaleza bem defendida, porque o chamavam a Gôa negocios importantes. D. João de Mascarenhas, porém, ou fosse por se achar cançado, ou por estar satisfeito com a gloria que alcançára no cêrco, resolveu-se a deixar a praça antes de acabar o tempo, querendo n'aquelle mesmo anno partir para o Reino. O Governador empenhou-se em o fazer mudar de resolução, receando, que nenhum outro bravo o quizesse render, pela razão de se julgar a fortaleza livre de perigo. Mas D. João de Mascarenhas continuou a instar pela sua dimissão, dizendo, que queria passar ao Reino nas náos de Lourenço Pires de Távora, e obrigou ao Governador a procurar Capitão para a praça, cargo, que alguns fidalgos já haviam recusado, talvez por conhecerem quanto era perigoso, *subs-*

tituir Varão tão excellente...; porém o valente D. Manuel de Lima, ou por attenção para com o Governador, ou por confiar em sí mesmo, offereceu-se para ficar na fortaleza.

Em quanto o Governador se preparava para passar a Gôa, mandou que Antonio Moniz Barreto fosse com alguns navios esperar as náos de Cambaya, que deviam visitar as costas de Pór, e Mangalor; as ditas náos foram effectivamente encontradas, tomadas, e condusidas a Dio, servindo a sua mui importante carga, de grande utilidade ao Estado. Em vingança d'esta, e d'outras perdas, mandou El-Rei de Cambaya matar dous prisioneiros nossos, que tinha em seu poder; mostrando com desfórra semelhante, qual era a mesquinhez, e vilanía da sua alma.

A este tempo participaram d'Ormuz ao Governador, que os Turcos haviam expulsado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel alliado nosso; e que este Principe requisitava o nosso auxilio, para resistir ao inimigo commum. D. João de Castro teve em muita conta esta participação, por isso que, conhecia que Baçorá estando em poder d'um inimigo nosso, nos poderia ser mui prejudicial.

Contém Baçorá quatro mil habitantes, e é situada na Arabia felix, em altura de vinte e quatro gráos para a banda do Norte; aparta-se do rio Eufrates em pequena distancia. Dista da fortaleza d'Ormuz duzentas leguas, e de Babylonia pouco mais de quarenta. D'Ormuz a ella navega-se ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. Mal que os Turcos se fortificaram na Ilha, que é povoada de Mouros, entraram a ganhar os A'rabes visinhos, já com as armas, já com beneficios; e levantaram em Baçorá um novo Principe, descendente dos antigos Reis do mesmo Paiz.

Foi n'esta conjunctura, que o Governador despachou a D. Manuel de Lima para a fortaleza d'Ormuz, que lhe pertencia em virtude da morte de D. Manuel da Silveira, encarregando-o ao mesmo tempo de fazer a guerra aos Turcos. Logo que o novo despachado partiu para o seu destino, offereceu-se D. João de Mascarenhas para ficar aquelle inverno na praça, exercendo novamente o cargo de Capitão mór, em que tanta gloria alcançára; este rasgo de patriotismo foi muito agradecido pelo Governador.

D. João de Castro achando-se descançado a respeito do governo, bastecimento, e defesa de Dio, deixou n'aquelle porto a D. Jorge de Menezes com seis embarcações, para *crusar* o resto do verão pela enseada de Cambaya. Mandou convidar por um pregão a todos os Mouros, e Gentios, que divagavam pelos lugares comarcãos, a que tornassem a estabelecer-se na Ilha, onde suas pessoas, e bens estariam em perfeita segurança. Este convite teve o melhor resultado, poisque os Gentios tornaram a collocar-se ao abrigo de nossas armas, e de nossas leis, vindo com elles grande quantidade de commerciantes, e visinhos engrossar o nosso commercio.

Tomadas estas medidas embarcou o Governador para Gôa, onde o aguardava uma recepção brilhantissima, em premio de suas *milagrosas* victorias. Aportou alli depois de poucos dias de viagem, (*) sendo logo visitado no mar pe-

(*) *Andrade* na *chron. part.* 4.ª *cap.* 19, diz que o Governador chegára a Gôa a 19 de Abril de 1547, e que d'ahi a trez dias entrara na mesma cidade. *Lucena*, *vida* de *Xavier livr.* 6.º *cap.* 1.º, mostra ser da mesma opinião, quando diz que a dita entrada tivéra lugar a 22 do referido mez, e anno. *Diogo de Couto*, porém na *dec.* 6.ª *livr.* 4.º *cap.* 6.º, e *Jacintho Freire*, *livr.* 3.º §. 40, dizem que D. João de Castro chegára a Gôa a

lo Bispo; Capitão mór, e Regentes, que lhe pediram se dignasse demorar-se em Pangim, em quanto se não dispunha o triumpho com que a Cidade pertendia recebel-o.

Não podia o Governador deixar de annuir a tão honroso pedido; poisque deixando de o attender faria uma grave offensa aos benemeritos, que o haviam ajudado a bem merecer uma fama gloriosa; disse pois aos visitantes, que se demoraria a bordo todo o tempo, qne a Cidade quizesse, e elles voltaram para terra a pôr em ordem os preparativos, para a referida recepção: estes concluiram-se effectivamente dentro em trez dias, e consistiram no seguinte.

Foi rasgada a porta da Cidade até ao cimo do muro, collocando-se-lhe no tôpo dois leões dourados, sustentando as Ruélas dos Castros. As muralhas vestiram-se de ricos brocados. Fabricou-se no Bazar de Santa Catharina um espaçoso cáes, cujas láges eram cobertas com ricas alcatifas. Um comprido bosque d'arvoredo bordava o cáes, para abrigar do sol aos espectadores. No terreiro do paço estava erguida uma fortaleza semelhante á de Dio, guarnecida de bombardas carregadas de polvora sêcca, e d'outros instrumentos de fogo; e dentro d'ella occultavam-se curiosas danças, que não cessavam d'entoar concertados canticos, em louvor do Governador. O mar achava-se coalhado de náos, e galeões, de fustas, e outras embarcações, que haviam concorrido das Ilhas visinhas, todas engrinaldadas de bandeiras. Finalmente as ruas da Cidade, demonstravam assaz

11 de Abril do dito anno, e que desembarcára a 15. Nós em face d'esta discordancia entendemos, que devemos reputar inexactas as datas de *Couto*, e *Freire*, e verdadeiras as de *Andrade*, e *Lucena*, bazeando-nos n'uma carta que temos presente, e que fora escripta de Gôa a D. João de Castro, em data de 12 de Abril.

o luxo do Oriente; poisque a armação dos edificios, e o vestuario dos moradores, eram d'um gosto, e riqueza difficeis de classificar.

No dia 22 de Abril partiu de Pangim o Governador em uma riquissima galeota, levando em sua companhia os antigos fidalgos que o ocompanharam na viagem, e na batalha. Na sua vanguarda vinham os galeões da armada, seguidos das embarcações de remo com as velas soltas, e todas adornadas de verdes ramos. Apenas avistaram a fortaleza deram uma estrondosa salva, sendo esta correspondida pela artilheria de terra; depois do que abriu a armada aos lados, para passar a galeota do Governador. Este trazia vestida uma roupa Franceza de setim carmesim, com troçáes de ouro, tomando-lhe os golpes; e como não quizesse deixar de parecer soldado, vestia uma couraça de laminas assentada em brocado com tachões de prata, gôrra com plumas, e espada com guarnições de ouro. Ao dezembarcar no cáes foi ahi recebido pelos Officiaes da milicia, Nobreza, e Regimento da Cidade; e tendo entrado a primeira porta, recitou-lhe um Vereador um panegyrico em Latim, no qual appareceram desenhadas todas as suas virtudes, bem como todos os serviços que o Rei, a Religião, e o Povo, lhe deviam!

Logo que o Orador terminou a sua tarefa, alegres e acordes musicas soaram aos ouvidos dos espectadores. D. João de Castro foi então recebido pela Camara debaixo do páleo, e logo um Cidadão de elevada cathegoria se inclinou diante d'elle, tirou-lhe a gôrra da cabeça, pondo-lhe n'esta uma corôa triumphal, e na mão uma palma. Feito isto seguiu o préstito para a Cathedral, na ordem seguinte:

Na frente hia o Custodio dos Religiosos Franciscanos, levando alçada a Santa Cruz, que trouxera na batalha. Se-

guia-se-lhe a Gloriosa Bandeira Real Portugueza, que tão respeitada era n'aquelles felices tempos, em todas as partes do mundo. Após ella hiam os estandartes de Cambaya varrendo a terra, o que era visto por Jusarcão, e outros Capitães inimigos manietados. Seguiam-se seiscentos prisioneiros pesando-lhes nos pulços grossas cadêas, muitas peças d'artilheria, e grande quantidade d'espingardas, lanças, espadas, broqueis &c. &c., tudo tomado ao inimigo nas differentes batalhas de Dio. Foi o Governador recebido na Sé pelo Bispo, e Clero, entoando-se na sua entrada o *Te Deum Laudamus*; e depois de ter agradecido ao Senhor Deos dos Exercitos, as victorias que elle concedera ás nossas armas, recolheu-se ao seu palacio entre numerosissimas acclamações Populares.

Não se póde descrever o enthusiasmo que reinou em Gôa, durante não poucos dias. Todos os individuos sem distincção de séxo, ou de classe se esmeravam, em demonstrar publicamente o contentamento, que a chegada do Governador, lhe originára. Este, além dos immensos parabens recebidos no palacio do governo, era levado em triumpho nos braços do Povo, que em altas vozes lhe chamava seu *Regenerador*, e *Amigo*! Illuminaram-se os edificios da Cidade, durante muitas noites, conservando-se por muito tempo vestidos de lindas sedas, e d'outras drogas de preço. Bem ensaiadas danças precorriam as ruas, bailando, e cantando d'espaço a espaço. Nos Templos succediam-se as festividades de maior estrondo, entoando-se hymnos d'agradecimento ao Altissimo, por salvar de tantos perigos a uma vida tão preciosa, qual era a de D. João de Castro.

Quão gratas não deviam ser ao coração d'este Grande Homem, estas ovações espontâneas, filhas d'uma estima sincera, e pura! Que momentos de prazer não fariam ellas gozar, a quem, em recompensa d'uma carreira gover-

nativa sem *mancha*, tanto as merecia! Se, aquelles a quem o destino confiára o encargo de reger Nações, prez assem, como deviam, este reconhecimento publico, ou estas demonstrações d'amor para com as suas pessoas, não teriam immensos Paizes desapparecido da face da terra, nem a Historia nos narraria um sem numero de revoluções, e consequentemente de desgraças, e de crimes.

Se pois o Grande D. João de Castro foi o Pai, e o Bemfeitor dos nossos Concidadãos da India, tambem estes lhe souberam ser sempre gratos, tributando-lhe o maior respeito, veneração, e estima, segundo acabamos de mostrar. — Gloria a tão SUBLIME PORTUGUEZ, por tão imparcial e justiceiramente governar Povos, detestando até a menor sombra de peculato, e de injustiça! Gloria aos seus felices GOVERNADOS, por apreciarem tanto, quem tanto os felicitára! —

FIM DO 5.º VOLUME.

ERRATAS DESTE 5.º VOLUME,

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
28.	18.	no seu accaso.	no seu occaso.
29.	22.	*Buzarucos.*	*Bazarucos.*
«	30.	intrinsico.	intrínseco.
30.	18.	com a guerra.	por effeito da guerra.
«	20.	conclusão.	resposta.
31.	1.	esenção.	isenções.
35.	8.	pretestava.	pretextava.
37.	19.	que não.	quem não.
46.	10.	as nossarm as.	as nossas armas.
49.	14.	entrasse a cahir.	entrou a cahir.
«	31.	e com ella.	e como ella.
51.	28.	ou por velio.	ou por odio.
55.	3.	feitas.	que se faziam.
75.	23.	discripção.	discrição.
87.	5.	fastejar.	festejar.
165.	29.	desemparam.	desampararam.